



UNIVERSIDADE RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DA LINGUAGEM - PROGEL

ARTHUR LEANDRO DA SILVA MARINHO

**A AUTORREFERÊNCIA NA OBRA LITERÁRIA: POR UMA ANÁLISE
SEMIOLÓGICA-ENUNCIATIVA DE *ORGIA: OS DIÁRIOS DE TULIO
CARELLA***

RECIFE

2024

ARTHUR LEANDRO DA SILVA MARINHO

**A AUTORREFERÊNCIA NA OBRA LITERÁRIA: POR UMA ANÁLISE
SEMIOLÓGICA-ENUNCIATIVA DE *ORGIA: OS DIÁRIOS DE TULIO
CARELLA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Estudos da Linguagem, sob orientação do professor Dr. José Temístocles Ferreira Júnior.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior

Orientador - PROGEL/UFRPE

Profa. Dra. Ivanda Maria Martins Silva

Membro Titular Interno - PROGEL/UFRPE

Profa. Dra. Isabela Rêgo Barros

Membro Titular Externo - PPCL/UNICAP

Profa. Dra. Vicentina Ramires Borba

Membro Suplente Interno - PROGEL/UFRPE

RECIFE

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelos imensos benefícios que Ele fez!

Agradeço a minha mãe, Lúcia Antônia Silva, pela vida, por todo carinho e pelo apoio nos momentos mais difíceis.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. José Temístocles, pela motivação, pelo encorajamento no desenvolvimento desta pesquisa. Sem o qual não seria possível chegar até aqui. Sua paciência e generosidade me fizeram chegar até aqui!

Agradeço a todos os professores que contribuíram em minha formação e fizeram com que chegasse até aqui. Agradeço, especialmente, às Professoras Dorilma Neves e Vicentina Ramires e aos Professores José Temístocles e Natanael Azevedo que além de professores tornaram-se amigos.

Agradeço às professoras Dra. Ivanda Martins e Dra. Isabela Barros por todas as considerações no exame de qualificação e defesa deste mestrado. Mulheres brilhantes que muito contribuíram nesta pesquisa.

Agradeço a Lucas Alves do Nascimento por todas as conversas e apoio que fizeram chegar até aqui.

Agradeço às amigas Arlene Frutuoso e Vlândia Medeiros por todos os momentos de partilha e aprendizado juntos neste mestrado.

Aos amigos, Kacio Reinaldo e Wegila Davi, que me acompanharam na minha passagem pela cidade de Salgueiro e me deram muito apoio durante o período da qualificação, muito obrigado! Vocês também fazem parte desta história.

RESUMO

Nosso objetivo consiste em aproximar a Linguística e a Literatura através da análise da obra literária *Orgia: Os Diários de Tulio Carella* (2010), tendo como escopo a Teoria da Enunciação de Benveniste, em *Problemas de Linguística Geral I e II*, (que abreviamos *PLG I e II*) . Em nossa metodologia, organizamos essa dissertação com a seguinte estrutura: na primeira parte fizemos uma exposição da Teoria da Enunciação. Cada texto de Benveniste tem o propósito e cumpre uma função social. Em nossa análise, buscamos caracterizar uma teoria da linguagem em Benveniste por meio da tríade homem, linguagem e cultura, pois essa tríade possibilita e mobiliza análises na linguagem. Partimos da hipótese de que a literatura se manifesta enquanto linguagem e Benveniste estabelece uma possibilidade de pensar além da escritura saussuriana e, deste modo, problematiza a língua a partir da literatura. Em nossa estratégia de análise, buscamos compreender os oito capítulos do diário de Carella através da Teoria da Enunciação de Benveniste os diários de Tulio. Nossos fundamentos partem do pressuposto de que o sujeito da enunciação circula na categoria do estrangeiro, com isso, corporifica-se como uma categoria estranha que não foi uma ficção literária, ao contrário, partiu da própria vivência para ficção literária. Como resultado esperado, demonstramos as relações entre Literatura e Linguística ao esmiuçar os elementos autorreferenciais do texto. Por fim, em nossas conclusões, abordamos e apontamos os elementos autorreferenciais nesta obra literária, levamos em consideração que o narrador assume a primeira pessoa e com isso adquire uma nova perspectiva, sendo que algumas vezes o fluxo de consciência do narrador é interrompido com a terceira pessoa para intensificar um distanciamento do narrador na cena. Este fato intrigante irá nortear o debate aqui desenvolvido.

PALAVRAS-CHAVE: Autorreferência; Análise semiológico-enunciativa; *Orgia. Os Diários de Tulio Carella*; Teoria da Enunciação de Benveniste.

RESUMEN

Nuestro objetivo es acercar Lingüística y Literatura a través del análisis de la obra literaria *Orgia: Os Diários de Tulio Carella* (2010), teniendo como alcance la Teoría de la Enunciación de Benveniste, en *Problemas de Lingüística General I y II*, (que abreviamos PLG I y II). En nuestra metodología organizamos esta disertación con la siguiente estructura: en la primera parte presentamos la Teoría de la Enunciación. Cada texto de Benveniste tiene un propósito y cumple una función social. En nuestro análisis, buscamos caracterizar una teoría del lenguaje en Benveniste a través de la tríada de hombre, lengua y cultura, ya que esta tríada permite y moviliza análisis en el lenguaje. Partimos de la hipótesis de que la literatura se manifiesta como lenguaje y Benveniste establece una posibilidad de pensar más allá de la escritura saussuriana y, de esta manera, problematiza el lenguaje a partir de la literatura. En nuestra estrategia de análisis buscamos comprender los ocho capítulos del diario de Carella a través de la teoría de la enunciación de Benvenist y los diarios de Tulio. Nuestros fundamentos se basan en el supuesto de que el sujeto de la enunciación circula en la categoría de lo extranjero, encarnándose así como una categoría extraña que no fue una ficción literaria, por el contrario, surgió de la experiencia misma de la ficción literaria. Como resultado esperado, demostramos las relaciones entre Literatura y Lingüística mediante el escrutinio de los elementos autorreferenciales del texto. Finalmente, en nuestras conclusiones abordamos y señalamos los elementos autorreferenciales en esta obra literaria, tomamos en cuenta que el narrador asume la primera persona y así adquiere una nueva perspectiva, y en ocasiones el flujo de conciencia del narrador se ve interrumpido con la Tercera persona para intensificar la distancia con el narrador en la escena. Este hecho intrigante guiará el debate desarrollado aquí.

PALAVRAS CLAVE: Autorreferencia; Análisis semiológico-enunciativo; Orgía. Los Diarios de Tulio Carella; La teoría de la enunciación de Benveniste.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 - A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE BENVENISTE.....	12
1.1. O quadro figurativo da enunciação.....	14
1.2. Os pronomes “eu” e “tu” como indicadores autorreferenciais.....	18
1.3. As relações entre forma e sentido.....	21
CAPÍTULO 2 - A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E LITERATURA.....	26
2.1. Representações de espaço na literatura.....	28
2.2. A relação entre Benveniste e Literatura.....	31
2.3. A semântica da enunciação e a linguagem poética.....	44
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA.....	53
3.1. Aspectos metodológicos.....	53
3.2. A categoria de autorreferência.....	58
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DIÁRIOS DE TULLIO CARELLA.....	64
4.1. O estrangeiro no diário de Carella.....	69
4.2. O que acontecia no Brasil e no mundo quando os diários de Carella foram escritos?.....	78
4.3. Análise linguística e autorreferência.....	92
4.3.1 A autorreferência na obra Orgia: Os Diários de Tullio Carella	94
4.4. Além do gênero textual Diário.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	122

INTRODUÇÃO

Sobre nosso primeiro contato com a obra de Carella, aconteceu pouco tempo depois de sua reedição encontramos essa obra literária em exposição numa grande livraria localizada na região conhecida como Recife Antigo. De imediato, foi uma surpresa: como esta consegue retratar com inúmeros detalhes a marginalidade dos afetos que passavam nas ruas do Recife! Eram lugares que já conhecia e despertou a curiosidade em, de certo modo, reconstruir esse mapa de Carella. Isso, *Orgia* foi um mapa não nos moldes tradicionais, mas sim um mapa dos afetos e desejos que aconteceram e acontecem nas ruas do Recife.

Tivemos como motivação buscar compreender nossas raízes, compreender as relações de forças de poder que já existiam antes de existirmos e continuará existindo quando não estivermos mais aqui. Desde esse primeiro contato havia a curiosidade de analisar, destrinchar essa obra literária para que não ficasse reduzida apenas aos aspectos culturais. É isso que sinto falta quando leio o estado da arte sobre esta obra literária, uma análise que ultrapasse o senso comum daquilo que já se havia dito sobre *Orgia*.

Tento aqui, propor uma análise originária a respeito desta obra, mas por minhas limitações, esta análise perdura a dissertação atual. Não me considero vencido nesta tarefa, mas, à semelhança do trabalho inacabável de Sísifo que enfrenta o seu destino, então acredito que esta e novas produções bibliográficas, por diversos pesquisadores latinoamericanos, busquem dar um real significado à obra de Carella. E, com isso, possam ser uma constante que proporcione uma consciência coletiva de identidade latinoamericana em nós mesmos.

Deste modo, nosso objetivo consiste em propor uma reflexão entre a língua e a realidade por meio dos diários de Tulio Carella. Por isso, esta pesquisa não se restringe a uma área específica de conhecimento e nem está limitada ao fenômeno linguístico, afinal pode a realidade ser indissociável da língua? Nossa pesquisa registra o tecido móvel social no qual estão inseridos os diários de Tulio. Nesse sentido, aqui observamos que os Diários de Tulio Carella possibilitam olhares múltiplos sobre a teoria de Émile Benveniste.

Nossa metodologia consiste em esmiuçar a obra literária *Orgia: Os Diários de Tulio Carella* (2011) tendo a Teoria da Enunciação como base teórica para nossas reflexões. Por isso, delimitamos a autorreferência no texto de Carella, pois a enunciação é entendida como ato individual de utilização da língua sendo uma categoria universal que inscreve o sujeito humano que fala em sua fala. Nesse sentido, compreendemos o falante entre o universal e o particular. Ainda no esforço de pensar as possibilidades da construção de uma linguística que parta do pressuposto da linguística como reflexão antropológica leva em consideração a suposição do *Homo loquens* nas línguas.

No segundo capítulo, apresentamos e discutimos a Teoria da Enunciação de Benveniste e levamos em consideração que cada texto de Benveniste tem uma lógica própria, uma rede de conceitos que ele se propõe a uma análise linguística, sendo que, não é comum que as análises linguísticas dele se repete em outros textos. Isso não leva a esmiuçar o conjunto dos escritos de Benveniste. Cada texto apresenta sua singularidade ao mesmo tempo que constrói uma lógica na totalidade dos escritos até agora conhecidos.

Benveniste pensa o “eu” em suas variáveis formas e estruturas nas línguas particulares. As pessoas “eu” e “tu” se diferenciam da não pessoas “ele” porque “eu” e “tu” remetem a “eles mesmos”, ou seja, se manifestam na esfera da enunciação, enquanto “ele” remete a uma situação objetiva. A Teoria da Enunciação de Benveniste se destaca ao inscrever o discurso do falante na língua. Logo, a autorreferência é uma maneira de rastrear o sujeito inserido na linguagem, ou seja, sujeito em sua fala.

No terceiro capítulo, apresentamos os aspectos metodológicos de nossa pesquisa. Analisamos a categoria benvenistiana de autorreferência. Sendo assim, no quarto capítulo desta dissertação, fizemos uma análise dos oito capítulos dos diários de Carella. Os diários narram a epopeia da chegada de Carella ao Recife vindo de Buenos Aires, no início da década de 1960. Deixa sua família em Buenos Aires e vem ao Recife contratado como professor de direção e cenografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sendo a sua vinda uma excelente oportunidade de articulação de saberes teórico-práticos do teatro com os saberes teórico-práticos da pedagogia. Quando desembarca em Recife, Carella já era

conhecido pelo seu trabalho de excelência na área do teatro¹. Sua vinda a Recife transforma-se em um verdadeiro transtorno a partir de 1962 quando é perseguido e torturado, o que demonstrava e caracteriza o endurecimento do autoritarismo na sociedade brasileira. Acontecia uma profunda crise interna com a saída de Jânio Quadros e posse de João Goulart na presidência da república. Miguel Arraes assume o governo do estado de Pernambuco. As ligas camponesas demonstraram força popular. Já no capítulo 5 tentamos estabelecer possibilidades originárias de compreensão da categoria de pessoa enquanto fundamento linguístico da subjetividade.

Resumidamente, observamos o sujeito que fala na fala, pois a existência de sujeitos falantes se realiza na língua que unifica os sujeitos falantes e manifesta a unicidade na pluralidade das línguas. Sobre o emprego da língua explica Benveniste (1989, p. 82): “A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido. A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1989, p. 82).

Daí a necessidade de compreender o falante e os mecanismos em constante funcionamento. É a enunciação a categoria que possibilita a compreensão da existência do sujeito que fala enquanto sujeito existencial inscrito na linguagem. Pois a cada vez que o sujeito fala a linguagem é realizada na língua, logo a condição de falante é uma disposição individual que se realiza na imanência da própria língua. Assim, o discurso é produzido em cada fala que se manifesta pela enunciação. Explica Benveniste (1989, p. 82):

É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua

¹ Em 1959, um ano antes de chegar ao Recife, Carella ganhou a faixa de honra da Sociedade Argentina de Escritores por causa do seu diário de viagem à Europa “*Cuaderno del deliro*”. Isso chama a nossa atenção pois parece indicar que Orgia demonstra a relevância do texto no conjunto das obras do autor, como também, uma certa familiaridade com o gênero literário diário. Carella também tinha escrito estudos críticos sobre o tango: “*Tango. Mito y esencia*” (1956) e “*El sainete criollo*” (1957). Seus estudos sobre o Tango demonstram não apenas erudição, como principalmente, sua vinculação sul americana. Também publicou diversos poemas e peças de teatro como, por exemplo, *Don Basilio mal casado*, texto dedicado a seu amigo Federico García Lorca que conheciam desde 1933.

por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação. (Benveniste, 1989, p. 82).

O locutor ao mobilizar a língua determina os caracteres da enunciação. Ao analisar pela perspectiva enunciativa os diários de Carella, buscamos analisar justamente os elementos linguísticos que o locutor mobiliza. Um aspecto interessante que buscamos compreender é a relação entre o ficcional e o real no diário íntimo.

Ora, um diário íntimo é um texto ficcional ao mesmo tempo que identificamos elementos concretos da realidade de Carella nas ruas de Recife. Poderia o diário de Carella ajudar a compreender a efervescência sócio-cultural e política de toda década de sessenta em Recife? Além disso, o que o texto pode dizer sobre o autor? Observamos que os diários de Carella podem ser um instrumento para estudo histórico do Recife na década de sessenta, que diz o seguinte:

Os canais lodosos, amarelados, recordam-lhe as águas do Rio de la Plata. O centro da cidade não é muito grande. É formado por duas ruas paralelas e muitas transversais. Não é difícil compreender a geografia do Recife. Há uma ilha e dali partem as ruas, que se abrem como um leque. O rio Capibaribe ondula sinuosamente em curvas pronunciadas. As pontes são simétricas, mas diferentes. Um ar calmo, provinciano, parece envolver tudo. O que mais lhe chama a atenção é o duplo aspecto da cidade. Até aqui chegou o horrível progresso, com seus arranha-céus de cimento e metal e vidro. A avenida Guararapes é um exemplo de modernismo decepcionante. Ali o Recife se parece a São Paulo, Milão, Buenos Aires, a qualquer cidade recentemente construída. Mas há ruas com casas e sobrados coloniais de cores amarela, celeste e rósea que lhe dão verdadeira fisionomia. (Carella, 2011, p. 58).

Num primeiro é possível observar Tulio identificando as principais referências da cidade do Recife. Por isso, assim como um corpo constituído pela totalidade das partes, Carella faz questão de dar uma referência para parte da cidade. Ao mesmo tempo que diz que Recife não é grande, também coloca a cidade no mesmo patamar de outras cidades, mesmo que seja para criticar o modernismo que destruíra

todas elas. Mas, afinal essa crítica ao modernismo seria mesmo a cidade ou as pessoas e seus novos valores?

Também, analisamos os diários através da Teoria da Enunciação porque oferece instrumentos para compreensão de um elemento intrigante na obra literária: em determinados momentos o autor refere a si em primeira e terceira pessoa. A Teoria da Enunciação nos ajuda a compreender a necessidade do autor do diário em distanciar da obra literária. Vejamos que Benveniste (1989) chama atenção para o ato mesmo de produzir enunciado, que no nosso entendimento, ele está indicando o fato do locutor mobilizar a língua, sendo esta relação do locutor com a língua o elemento determinante para uma abordagem linguística da enunciação.

Assim, é na diversidade de experiências que o enunciado é produzido. Por isso, aponta Benveniste (1989, p. 83) que “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso.” Ele demonstra tentar esboçar no interior da língua os caracteres formais da enunciação através da manifestação individual que o sujeito atualiza a o quadro da enunciação. O ato individual é introduzido pela língua, sendo o locutor parâmetro para as condições necessárias de enunciação. Sobre o ato individual de fala, as situações de enunciação e os instrumentos para enunciação, Benveniste (1989, p. 83-84) explica: “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno.”

Nesse sentido, Benveniste (1989) introduz uma reflexão que pensa o lugar do interlocutor no discurso. Em nossa situação, analisamos o diário de Carella dentro do quadro da enunciação. Claro que o diário de Carella está no campo da enunciação escrita, contudo, há condições favoráveis para reflexão do mundo através da posição do locutor na enunciação. Nesse sentido, somos convidados a uma reflexão mais aprofundada na Teoria da Enunciação.

CAPÍTULO 1 - A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE BENVENISTE

Nosso ponto de partida tem como pressuposto que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1989, p. 66). No Manual de Linguística, explica Flores (2019, p. 146) que Benveniste jamais utilizou a expressão “Teoria da Enunciação” para se referir aos seus estudos que vinha desenvolvendo. Também a Teoria da Enunciação de Benveniste não é propriamente uma teoria. Para isso, precisamos recordar aquilo que historicamente e filosoficamente é atribuído ao termo “teoria”.

Assim, quando se fala em Teoria da Enunciação não se pode antecipar que Benveniste já tinha em vista os métodos metodicamente e sistematicamente organizados a respeito da Teoria da Enunciação. Também não seria nosso propósito nesta pesquisa investigar quando o termo “Teoria da Enunciação” surge nas obras de Benveniste e nem as condições e circunstâncias que o termo aparece no conjunto das obras benvenistianas. O que temos a respeito da Teoria da Enunciação de Benveniste são dois tomos que justapõem um conjunto de artigos publicados entre 1930 até 1970 e que, analisados em sua integridade, fundamentam a tese de que havia, sim, inspiração para organização de uma teoria, contudo, esse conjunto de textos expressam diferentes pontos de vista do autor. Por isso, explica Flores (2019, p. 147) que cada texto de Benveniste tem uma lógica própria, uma rede de conceitos e o autor se propõe a uma análise linguística que não se repete em outros textos. Aliás, cada texto de Benveniste tem o propósito e cumpre uma função social. Por isso, os artigos que integram a obra *Os Problemas de Linguística Geral* têm uma diacronia que deve ser respeitada em seu conjunto. São esses textos singulares que dão sentido ao todo.

Por isso, a perspectiva de Benveniste apresenta aspectos da enunciação como ato e da enunciação enquanto fenômeno, ou seja, por um lado, a influência da teoria recai sobre o locutor, mas por outro lado, recai sobre os interlocutores. Nesse sentido, é importante levar em consideração que o há uma lógica interna no conjunto dos textos de Benveniste, como também, não se deve comparar os textos de Benveniste, tendo em vista que as ideias postas num conjunto de um texto atendem a preocupações que não estão presentes em outros, ou seja, cada texto de Benveniste apresenta uma singularidade teórica. Flores (2019, p. 149-150) comenta

sobre o sentido da Teoria enunciativa de Benveniste: “ela não é algo separável da teoria da linguagem de Benveniste; b) ela não é uma semântica, no sentido estrito da palavra, embora sua análise priorize o sentido”. O fato é que a Teoria da Enunciação é uma parte das reflexões de Benveniste, contudo, não é a única reflexão.

Mas, o que caracterizaria uma possível reflexão e construção da teoria da linguagem de Benveniste? Flores (2019, p. 150) desenvolve que o que caracteriza uma teoria da linguagem em Benveniste que é a tríade homem, linguagem e cultura, que ele chama epistemológica o que faz todo sentido tendo em vista que essa tríade possibilita e mobiliza análises na linguagem. Essas análises podem ser comparativas de modo geral ou análises da enunciação. Com isso, a expressão “homem na língua” ocupa um espaço privilegiado no conjunto das reflexões de Benveniste. Por isso, Flores (2019, p. 150) afirma que: “para Benveniste , há inúmeras possibilidades de “presenças” do homem na língua, e essas “presenças”, juntas, configuram uma antropologia da linguagem”.

1.1. O quadro figurativo da enunciação

A enunciação é ato, não pode ser entendida como o produto. Assim, a enunciação compreende que é dito algo, estamos no âmbito do dizer, que acontece, que se materializa, tem lugar e está num espaço. Por isso, no artigo *A natureza dos pronomes*, Benveniste (2020, p. 273) apresenta que todas as línguas têm o problema dos pronomes. Nesse sentido, ele considera a situação de que entre os pronomes pessoais não é suficiente separar por denominação, ou seja, há um problema na definição dos três pronomes pessoais tendo em vista que os três contêm a noção de pessoa: eu, tu e ele. Há uma relação eu/tu e uma relação de diferença em ele, essa diferença se destaca a partir da análise do 'eu'. Nessa direção, Benveniste pensa o "eu" em suas variáveis formas e estruturas nas línguas particulares. Benveniste aponta que o emprego do eu não constitui uma classe de referência, pois "cada eu tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal" (Benveniste, 2020, 274). Continua explicando que:

Qual é, portanto, a "realidade" à qual se refere eu ou tu? Unicamente uma "realidade de discurso", que é uma coisa muito singular. Eu só pode definir-se em termos de "locução", não em termos de objetos, como um signo nominal. Eu significa "a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu". Instância única por definição, e válida somente na sua unicidade. Se percebo duas instâncias sucessivas de discurso contendo eu, proferidas pela mesma voz, nada ainda me assegura de que uma não seja um referido, uma citação na qual eu seria imputável a um outro. É preciso, assim, sublinhar este ponto: eu só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí. Não tem valor a não ser na instância na qual é produzido. Paralelamente, porém, é também enquanto instância de forma eu que deve ser tomado; a forma eu só tem existência linguística no ato de palavras que a profere. Há, pois, nesse processo uma dupla instância conjugada: instância de eu como referente, e instância de discurso contendo eu, como referido. A definição pode, então, precisar-se assim: eu é o "indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística eu". (Benveniste, 2020, p. 274).

Assim, é estabelecido que tanto eu e tu são categorias da linguagem e que elas se relacionam com a posição que vão assumindo na linguagem. Por isso, não são formas dadas e, por isso, possuem indicadores que indicam suas formas. Logo,

há uma relação entre o indicador e a instância de discurso. Ou seja, através dos indicadores a instância se manifesta em sua unicidade, logo, nessa relação que indica a instância única que se manifesta a língua vai recorrer a termos que correspondem cada um deles a primeira instância única que se refere a objetos reais, tempos e lugares históricos.

A própria língua aponta a referência ao sujeito que fala. Assim, as formas ao serem empregadas não se referem à realidade, mas sim à enunciação, que é uma instância única. Deste modo, Benveniste (2020, p. 276) compreende que a linguagem resolveu esses problemas por meio do mecanismo de criação de um conjunto de signos “vazios”. Sendo esses signos vazios não referenciais em relação com a “realidade”. E estes signos vazios tornam-se plenos assim que um locutor assume esses signos em cada instância de seu discurso. Há uma conversão da linguagem em discurso quando o eu, que é uma pessoa única, assume o seu papel aos locutores e instaura a situação do discurso. É propriedade do discurso individual que o locutor assume sua autonomia enquanto indivíduo no ato de fala, o ‘Eu’ que define o indivíduo na construção linguística quando se enuncia enquanto locutor.

É através dos pronomes pessoais que se estabelece a noção de pessoa do discurso eu/tu. Flores (2019, p. 69) argumenta que para Benveniste as pessoas “eu” e “tu” se diferenciam das não pessoas “ele” porque “eu” e “tu” remetem a “eles mesmos” ou seja se manifestam na esfera da enunciação, enquanto “ele” remete a uma situação objetiva. Sendo assim, a instância “ele” comporta e sugere uma indicação de enunciado sobre alguém ou sobre alguma coisa, ou seja, a instância “ele” não remete a si mesmo mas comporta uma indicação de enunciado sobre algo ou alguma coisa além da própria instância munido de uma referência objetiva. Por isso, a noção de eu/tu distinta da noção ele trata-se de noção de referência. Ou seja, eu e tu são noções autorreferenciais, pois se referem a si mesmos.

Sendo assim, o sujeito se manifesta na linguagem pela perspectiva da enunciação enquanto categoria ontológica e existencial que captura a presença do sujeito nas línguas. Assim, deve haver uma relação entre Benveniste, linguagem e literatura. Nessa direção, no artigo *Da subjetividade da linguagem*, Benveniste (2020, p. 282) diz: É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é o

ser, conceito de “ego”. Ele nos leva a refletir a respeito da capacidade do locutor em se colocar como sujeito, por isso, o fundamento da subjetividade reside no ego, ou seja, no ego que diz ego. Logo,

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade - que eu me torne tu na locução daquele que por sua vez se designa por eu. Vemos aí um princípio cujas consequências é preciso desenvolver em todas as direções. A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco - ao qual digo tu e que me diz tu. (Benveniste, 2020, p. 283).

Benveniste aponta que há uma polaridade na relação eu/tu. Essa polaridade é condição fundamental para que se materialize o processo de comunicação. Contudo, essa polaridade não significa simetria, nem igualdade. Sobre isso, Benveniste (2020, p. 283) explica que ‘ego’, ou seja, ‘eu’ tem uma posição de transcendência em sua relação com ‘tu’, assim, não se concebe ‘eu’ sem ‘tu’ e ‘tu’ sem ‘eu’ onde ‘ego’ assume a posição de transcendência entre os dois termos. “Eu” e “tu” são complementares, um existe e se materializa em sua relação com o outro tendo em vista que assumem uma relação de oposição entre interior e exterior, sendo essas posições reversíveis na esfera discursiva.

A única situação irreversível é a condição do sujeito de fala, ou seja, a condição do sujeito na linguagem é única e irreversível. Benveniste aponta que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua, ora a linguagem está organizada no momento em que cada locutor se apropria da língua no ato em que designa enquanto eu. Por isso, “eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor” (Benveniste, 2020, p. 285).

Nesse sentido, a linguagem é uma possibilidade da subjetividade porque contém sempre as formas linguísticas apropriadas para expressão e inscrição do sujeito na linguagem. Ora, o discurso é uma condição para que se manifeste a

subjetividade do sujeito através das instâncias do discurso. A linguagem, assim, propõe formas vazias em que os locutores no exercício do discurso se apropriem e se refiram a sua pessoa. É nesse caminho que pensamos a categoria de pessoa em sua autorreferência. Sabendo que no discurso a pessoa define a si mesmo como “eu” e a um parceiro “tu”. O que evidenciamos nesta pesquisa são as formas que “eu” se manifesta no discurso, pois a instância do discurso constitui as coordenadas discursivas que definem o sujeito. Logo, temos indícios de que é nas instâncias do discurso que o sujeito vai se definindo. Sendo a linguagem a possibilidade de subjetividade, o discurso provoca a emergência da subjetividade do sujeito.

1.2. Os pronomes “eu” e “tu” como indicadores autorreferenciais

A função típica dos pronomes constituem expressões referenciais que na estrutura formal dos enunciados representam os interlocutores na enunciação. Ilari [et al.] (1996, p. 88), na Gramática do Português Falado explica que: “ “Pessoal” (etimologicamente derivado de persona = “máscara”) evoca aqui a possibilidade de alternar os papéis da interlocução, o que permite compreender a noção de “pessoa” como algo mais do que um mero tecnicismo gramatical ligado à conjugação verbal.”

Ilari situa dois eixos o primeiro no qual as pessoas interagem linguisticamente que na sucessão da fala estabelecem uma oposição entre si nos papéis de locutor (1ª pessoa) e alocutário (2ª pessoa). O segundo eixo, situa as entidades a que se refere na interlocução (3ª pessoa, ou não-pessoa). Ilari [et al.] (1996, p. 89) já aponta que uma oposição: “este segundo eixo, o dos objetos, pessoas, realidades etc a que se faz referência na fala, mas não são constitutivos da interação verbal, opõe-se ao primeiro, o dos indivíduos identificados por deterem os papéis discursivos.” Agora, sendo a segunda pessoa (tu) como aquela pessoa a quem se fala, o eu, aquele que fala quando fala, fala de si próprio. Explica Ilari [et al.] (1996, p. 89):

Nas duas primeiras pessoas há, ao mesmo tempo, uma pessoa implicada no discurso e um discurso sobre essa pessoa e, desse modo, os pronomes de primeira e segunda se interpretam por um processo de autorreferência. Assim, eu designa a pessoa que fala e implica, ao mesmo tempo, um discurso sobre ela, a partir dela própria. Já a segunda pessoa é necessariamente referida pela primeira, e não pode ser pensada fora de uma situação proposta a partir do eu. Pode-se pois perceber, no interior das pessoas que realizam a interlocução, uma oposição discursiva entre interlocutor que instaura momentaneamente o enunciado (forma subjetiva) e interlocutor de quem não parte, no momento, a fala (forma não subjetiva). (ILARI [et al.], 1996, p. 89).

No artigo *Estrutura das relações de pessoa no Verbo*, Benveniste desenvolve um problema importante: Pode existir um verbo sem distinção de pessoa? Com isso, vemos um convite à reflexão da constituição da categoria de pessoa, ele explica que: “Uma teoria linguística da pessoa verbal só pode constituir-se sobre a base

das oposições que diferenciam as pessoas, e se resumirá inteiramente na estrutura dessas oposições” (Benveniste, 2020, p. 247).

O que chama nossa atenção é que Benveniste aponta que há duas primeiras pessoas, sendo simultaneamente uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. Assim, ele comenta no mesmo artigo, que ‘eu’ designa aquele que fala e, com isso, implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o ‘eu’. Assim, dizendo eu, não posso deixar de mim. ‘Eu’ sempre fala de si. Já ‘tu’ é designado pelo ‘eu’, o tu marca o ‘eu’ e não pode ser pensado fora da situação proposta pelo ‘eu’. Em outras palavras, o eu enuncia algo como um predicado de ‘tu’. Por outro lado, a terceira pessoa é um predicado bem enunciado existente fora da relação “eu-tu”.

Nesse quadro, é apresentado como aquele que fala, quando o *eu* fala a fala a partir é uma fala sempre de si, já o tu é aquilo que é designado pelo eu e não pode ser pensado fora dessa relação com o eu. Sobre as características da pessoa explica Benveniste: “Uma característica das pessoas “eu” e “tu” é a sua unicidade específica: o “eu” que enuncia, o “tu” ao qual “eu” se dirige são cada vez únicos. “Ele”, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos - ou nenhum” (Benveniste, 2020, p. 250).

Assim, o eu e o tu se caracterizam pela sua unicidade, por isso, são únicos e irreversíveis, com explica: “o que “eu” define como “tu” se pensa e pode inverter-se em “eu”, e “eu” se torna um “tu”. Nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas duas pessoas e “ele”, uma vez que “ele” em si não designa especificamente nada nem ninguém” (Benveniste, 2020, p. 250). O eu e tu são irreversíveis numa relação que define e designa algo, contudo, ele não designa nada e nem ninguém, pois “a terceira pessoa “tem por característica e pr função constantes representar, sob a relação da própria forma, um invariante não pessoal, e nada mais que isso” (Benveniste, 2020, p. 251-252).

Ou seja, essa discussão reside na oposição pessoa e não pessoa, que Benveniste estabelece como “pessoa-eu” e “pessoa não-eu”. O que diferencia pessoa da não pessoa? Ele explica que: “o que diferencia “eu” de “tu” é, em primeiro lugar, o fato de ser, no de “eu”, interior ao enunciado e exterior a “tu”, mas exterior de maneira que não suprime a realidade humana do diálogo” (Benveniste, 2020, p.

252). O que o autor propõe é a inserção da compreensão da realidade humana e isso suscita a pessoa “eu” que transcende na relação com “tu”. Assim diz Benveniste (2020, p. 252): “quando saio de “mim” para estabelecer uma relação viva com um ser, encontro ou proponho necessariamente um “tu” que é, fora de mim, a única “pessoa imaginável”. Ou seja, Benveniste aponta algumas qualidades do eu, a primeira é da interioridade e a outra é a transcendência e que essas invertem na alternância com tu. Definitivamente, a autorreferência é um conceito de grande relevância para Benveniste pois está contida nas categorias de pessoalidade, temporalidade e espacialidade. Sendo assim, essas categorias registram o caráter particular à enunciação dos índices linguísticos que atualizam.

Por isso, a Teoria da Enunciação de Benveniste se mostra enquanto antropológica, pois inscreve o discurso do falante na língua. A linguagem serve para viver, por isso, a literatura ocupa um espaço considerável no enfoque de Benveniste. Essa ideia de que a linguagem serve para viver sugere que a literatura, por sua vez, também serve para viver, o que nos faz pensar a respeito do propósito da literatura.

1.3. As relações entre forma e sentido

No seu artigo *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste discute as noções e as relações entre forma e sentido e como elas nascem na língua. Assim, ele propõe o sentido como a união dos procedimentos da comunicação necessários para que os locutores possam ser compreendidos. Logo, o que resta dos elementos linguísticos quando é excluído o sentido é a forma. Benveniste aponta neste texto que por muito tempo a linguística interessou-se pela forma, a partir de então, Benveniste propõe uma nova possibilidade de que a linguagem significa, tendo em vista seu caráter primordial. Explica Benveniste (1989, p. 221): “as manifestações do sentido parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritivos os aspectos da forma.”

Benveniste propõe um panorama interesse sobre as noções de sentido e forma e seus pressupostos. Por isso, ele inicia sua reflexão a partir da linguagem ordinária, pois “a linguagem comum, com exclusão expressa da linguagem poética, que tem suas próprias leis e suas funções próprias” (Benveniste, 1989, 221).

Parece-me que, neste momento, Benveniste exclui da reflexão a linguagem poética, pois ele explica mais à frente no mesmo texto: “mas tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária ser de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também” (Benveniste, 1989, p. 221-222). Por isso, a primeira definição de sentido e forma que ele apresenta é a seguinte:

Sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores; e a forma é, do ponto de vista linguístico (a bem dizer do ponto de vista dos lógicos), ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos ao nível linguístico relevante. Opor a forma ao sentido é uma convenção banal e os próprios termos parecem assim usados; mas se nós tentarmos reinterpretar esta oposição no funcionamento da língua integrando-a e esclarecendo-a, ela retoma toda sua força e sua necessidade. (Benveniste, 1989, p. 222).

Vemos que Benveniste está arriscando novas possibilidades de compreensão que essas noções de sentido e forma, noções gêmeas, criam na língua. Essas noções de forma e sentido criam na língua os domínios semiótico e semântico. É característica primordial que a linguagem estabelece significado às atividades de fala, pensamento e ação ligadas ao discurso, ou melhor, explica Benveniste (1989, p. 222): “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo significar.”

Além disso, Benveniste (1989, p. 224) explica que há um outro caráter presente em toda língua real, ele expõe: “o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido.” Nesse sentido, a língua é percebida como sistema de signos. Assim, “dizer que a língua é feita de signos é dizer antes de tudo que o signo é a unidade semiótica” (Benveniste, 1989, p. 224). Nisso, Benveniste compreende o signo enquanto unidade, o signo como dependente da ordem semiótica. O domínio semiótico é aquele do signo enquanto parte do sistema e, sendo assim, o domínio semiótico é domínio do signo em suas relações com outros signos.

Benveniste explica que é de Saussure a tese de que a língua é um ramo da semiologia geral, ou seja, descobriu a semiologia antes do seu tempo. Sobre isso, explica que: “Tratando do signo linguístico, ele abriu o caminho para uma descrição das unidades semióticas: estas devem ser caracterizadas pelo duplo ponto de vista da forma e do sentido, já que o signo, unidade bilateral por natureza, se apresenta por sua vez como significante e como significado” (Benveniste, 1989, p. 225). O signo é compreendido como unidade semiótica, pois “ele é dotado de significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua, e a totalidade destes signos forma a totalidade da língua” (Benveniste, 1989, 227). Então, significar é revelar sentido.

Para que exista o signo Benveniste coloca o usuário como critério de reconhecimento na língua. Por sua vez, o domínio da semântica é aquele domínio que compreende o signo no discurso, neste domínio o signo é tomado em sua

relação ao discurso, não mais aquela do signo no sistema e na sua relação com outros signos. Explica Benveniste (1989, p. 227-228) que tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente ser identificado no interior e no uso da língua.

Vejamos que cada signo entra em rede de relações e oposições com outros signos que o definem e o delimitam no interior da língua, por isso, semiótico e intralinguístico tem uma relação de semelhança. É próprio de cada signo aquilo que o distingue de outro signo. Então, concluímos que ser distintivo é a mesma coisa que ser significativo, o signo ao mesmo tempo que se distingue dos demais, ele significa. Assim, é possível identificar domínio semiótico no 'interior' e no 'uso' da língua. Cada signo estabelece relações, inclusive, oposições, com outros signos e, com isso, vai delimitando o interior da língua. O que vai explicar é que esses dois domínios, na Linguística, originam o sistema semiótico e o sistema do uso da língua que é o sistema semântico. Benveniste, explica, que a língua combina esses dois domínios, por isso, a língua tem dupla significância.

O semiótico ao significar constitui uma unidade em relação ao signo, a existência do signo dar-se em sua relação com os falantes, cada signo é distintivo e significativo em relação aos demais, está num nível intralinguístico. Benveniste (1989, p. 67) propõe superar a noção saussuriana de signo enquanto princípio único, em seu projeto essa superação acontece em duas vias: por um lado na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância o discurso, que Benveniste denomina de semântica, dimensão que ligado ao signo e será denominado o semiótico.

Por outro lado, na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que construirá sobre a semântica da enunciação. Confesso que teríamos muito a pensar a respeito da análise translinguística de textos, especificamente, o Diário de Tulio Carella. Contudo, Benveniste estabelece apontamentos importantes a respeito da análise intralinguística. No âmbito do sistema semiótico, Benveniste aponta três consequências: 1. semiótica não se ocupa da relação do signo com as coisas denotadas, ou seja, não se ocupa das relações entre língua e mundo; 2. signo tem

sempre valor genérico, não tem significado particular e individual; 3. as oposições semióticas são binárias.

Nesse sentido, “ a natureza semiótica parece ser comum a todos os comportamentos que se institucionalizam na vida social, porque são entidades de dupla face, semelhantes ao signo linguístico” (Benveniste, 1989, p. 228). O que Benveniste aponta é que há duas maneiras de ser língua, por um lado temos o sentido e por outro temos a forma. No artigo *Semiologia da Língua* (1989), Benveniste assume a possibilidade de uma ciência dos signos. Assim, “é necessário então que todo signo seja tomado e compreendido em um sistema de signos. Esta é a condição da significância” (Benveniste, 1989, p. 45).

Assim, nenhum signo não funciona identicamente, da mesma forma, que um signo não pertence a um sistema único. Acreditava Benveniste que poderia haver um sistema que estudasse os signos. Benveniste explica que a língua se apresenta sob todos os aspectos como uma dualidade. Por um lado a língua é uma instituição social e produzida pelo indivíduo, por outro lado, ela é um discurso contínuo tendo em vista que se compõe de unidades fixas. A língua é independente dos mecanismos acústicos ligados à fala, Benveniste (1989) diz que a língua é um sistema de signos em que a união do sentido e da imagem acústica se unem, de modo que essas duas partes são igualmente psíquicas.

A língua identifica a unidade e seu princípio de funcionamento em seu caráter semiótico. A natureza da língua se integra num conjunto de sistemas do mesmo tipo. A língua encontra seu princípio de funcionamento no caráter semiótico, sendo assim, a língua se integra no conjunto de sistemas semióticos de mesmo tipo. São as relações entre os sistemas de signos que constituirão o objeto da semiologia. Nesse sentido, Benveniste explica o papel do signo que é “representar, tomar o lugar de outra coisa evocando-a a título de substituto”(Benveniste, 1989, 51). Logo, os sistemas se ligam à semiologia através da propriedade de significar e a composição da significância que Benveniste chama de signo. Deste modo, todo sistema semiótico comporta: “(1) um repertório finito de SIGNOS, (2) regras de arranjo que governam suas FIGURAS (3) independentemente da natureza e do número de DISCURSOS que o sistema permite produzir” (Benveniste, 1989, 56).

O signo tem a unidade como característica, logo a língua é feita de unidades. Por sua vez, a semântica é introduzida na perspectiva da língua em ação, ou seja, a significância perpassa o discurso porque a língua é compreendida como produtora de mensagem. Por isso, o sentido se realiza nas palavras. Explica Benveniste (1989, p. 65): “o semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto dos referentes, enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda referência. A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso.” Explica Benveniste que “a semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” (Benveniste, 1989, 229-230).

O semântico está relacionado ao discurso, as unidades semânticas estão dotadas de referência e isso, por si, estabelece uma diferenciação entre os modos de referências. Por sua vez, relacionado aos modos de significação existem os processos de sintagmatização e semantização. A sintagmatização é o processo que estabelece relações entre palavras de um enunciado, o locutor mobiliza itens gramaticais e lexicais estabelecendo um ordenamento que cria um sentido.

CAPÍTULO 2 - A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E LITERATURA

Qual a relação possível entre linguagem e literatura? Qual foi a preocupação de Benveniste com os poemas *As Flores do Mal*, de Baudelaire? Poderia Benveniste estar pensando alguma novidade em relação à linguagem poética de Baudelaire? Ora, antes do dossiê Baudelaire, Vier (2016a, p. 71) aponta que já há evidências de que Benveniste já tinha pensado o discurso da língua de Baudelaire em seu artigo *Semiologia da Língua*, um artigo publicado em 1969, existe um verso do poema *Correspondências*, de *As Flores do Mal*, de Charles Baudelaire: “Os perfumes, as cores e os sons se correspondem” (Benveniste, 1969/2008, p. 61). Esse verso evidencia o estudo empreendido pelo linguista acerca do discurso da língua de Baudelaire que encontramos no Dossiê Baudelaire.

Nesta análise de Benveniste já consideramos uma aproximação entre linguística e literatura. Vemos que, torna-se importante compreender a relação entre Benveniste e Literatura e essa relação ultrapassa os manuscritos de Benveniste que trata da língua poética de Baudelaire. De fato, a literatura aparece nos textos de Benveniste. Os fragmentos literários que aparecem no texto de Benveniste têm uma finalidade: a análise das línguas e da própria língua. Nesses fragmentos, Vier (2016a) aponta: “eles dão suporte para especificar certas expressões que evidenciam a indissociabilidade entre homem e língua.” A palavra transcende o signo linguístico cujo intuito é despertar a emoção no leitor. Nesse sentido, Vier (2016a) continua explicando essa relação no dossiê:

No dossiê Benveniste escreve que a palavra no poema transcende o signo linguístico para encontrar a emoção e a experiência. A palavra “natureza” pode estar em um poema para rimar com “beleza” e não para dizer algo sobre árvores ou animais, por exemplo. A palavra, assim, a partir do som, evoca uma realidade segunda, a da imaginação; realidade diferente daquela evocada pela palavra lexical, a palavra do dia a dia. (Vier, 2016, p. 73).

A palavra e a produção do som desta mesma palavra produzem uma realidade, uma espécie de segunda realidade diferente da palavra do dia a dia. A beleza do poema provoca uma realidade na imaginação. Benveniste busca observar

o mesmo objeto linguístico sob diferentes pontos de vista, com isso, vai “delimitando a palavra escrita como material do poeta, a palavra-ícone como unidade base e a iconia como modo de funcionamento” (Vier, 2016a, p. 73). Nisso há um distanciamento de Saussure, Benveniste em nosso entendimento avança os estudos saussurianos no estudo do significante e significado quando elabora sua semântica da enunciação. Nesse sentido, acreditamos, assim como Vier (2016a, p. 74): “Foi olhando para a escrita de Baudelaire que Benveniste pôde pensar a língua e problematizar a linguagem”. Nisso, a perspectiva benvenistiana se caracteriza como apropriada para análise dos diários de Carella.

Assim, a literatura se manifesta enquanto linguagem e Benveniste aparece como uma possibilidade de pensar além da escritura saussuriana e, deste modo, problematiza a língua a partir da literatura. Vemos que em Benveniste há uma indissociabilidade entre língua e homem. Segundo Vier (2016a, p. 79): “As palavras aladas sempre estiveram entre os problemas de linguagem estudados pelo linguista. Além disso, é importante que Benveniste, como linguística, tem espaço na literatura, pois foi entrevistado por um crítico literário de renome” (Vier, 2016a, p. 79).

2.1. Representações de espaço na literatura

Para Benveniste os problemas de literatura estão entre os problemas da linguagem, daí seu interesse em Rimbaud e Baudelaire. Sobre a noção de espaço na literatura, Santos (2007, p. 208) nos leva a considerar e pensar o espaço dentro de uma sistematização do campo literário que envolve quatro abordagens do espaço na literatura: *1. representação do espaço; 2. Espaço como forma de estruturação textual; 3. espaço como focalização e 4. espaço da linguagem.*

Em *1. representação do espaço* atribui-se ao espaço características físicas concretas, ou seja, o espaço é entendido como cenário. Mas, também nessa perspectiva o espaço pode ser compreendido como espaço social a partir do conjunto histórico, econômico, cultural e ideológico que é construído no texto. O espaço psicológico compreende as projeções, expectativas, vontades e afetos do narrador. O vemos é que Carella desenvolve essas dimensões de espaço de forma interligadas no seu Diário, onde muitas vezes, o conjunto dessas dimensões se polarizam.

A compreensão do *2. Espaço como forma de estruturação textual* perpassa a estruturação do espaço nos Diários. Isso acontece porque envolve procedimentos de formais e de estruturação textual quando produz o efeito de suspensão da simultaneidade e, principalmente, através do mecanismo de autorreferência desenvolvido por Carella. Explica Santos (2007, p. 209): “A vigência da noção de espacialidade vincula-se, nesse contexto, à suspensão ou à retirada da primazia de noções associadas à temporalidade”. Com isso, é criada a ideia de fuga da sequencialidade no texto, ou seja, uma descontinuidade apesar da continuidade. Comenta Santos (2007, p. 210):

Espaço é sinônimo de simultaneidade, e é por meio desta que se atinge a totalidade da obra. Em tais abordagens, verifica-se que o desdobramento lugar/espaço se projeta no próprio entendimento do que é a obra: por um lado, são partes autônomas, concretamente delimitadas, mas que podem estabelecer articulações entre si (segundo, pois, uma concepção relacional de espaço); por outro, é a interação entre todas as partes, aquilo que lhes concede unidade, a qual só pode se dar em um espaço total, absoluto e abstrato, que é o espaço da obra. (Santos, 2007, p. 210).

É através do espaço que é possível compreender o desenrolar da obra, onde as partes autônomas do diário estabelecem uma articulação por meio da categoria do espaço. Contudo, ocorre 3. *Espaço como focalização* enquanto recurso literário de focalização da perspectiva do narrador. Explica Santos (2007, p. 211): “trata-se da definição da instância narrativa: da “voz” ou do “olhar” do narrador.” Com isso, cria o efeito de desdobramento do discurso verbal. O narrador, nessa perspectiva, é compreendido como um espaço em que se narra sempre de algum lugar. Nos diários, o narrador se narra como estrangeiro que se depara com o novo e com o diferente.

A compreensão de 4. *espacialidade da linguagem* considera que há uma espacialidade que é própria da linguagem verbal. A palavra é um espaço em que é possível desenvolver relações de realidade. A linguagem é composta de signos que possuem materialidade, sendo uma manifestação sensível, afetando os sentidos humanos.

Mas o que seria a obra literária para Benveniste? Sobre a obra literária Vier (2016a) entende que é preciso abandonar as categorias de análise que são utilizadas no estudo da língua ordinária. Não as categorias de Benveniste, mas sim as categorias canônicas utilizadas para compreensão da língua, que enfatiza na língua o signo saussuriano e o seu uso comum como princípio de unidade. Além disso, aponta Vier (2016a, p. 80) que a literatura coloca em cena que as palavras são aladas, as palavras servem não somente para se comunicar, as palavras servem muito mais. Na verdade, as palavras servem para viver. E se as palavras aladas estão no discurso, sem dúvidas, estas palavras constituem objeto de interesse de Benveniste. É no discurso, a partir da perspectiva da literatura como linguagem, que se instaura o campo de interesse ao linguista Benveniste.

Para análise da obra literária seria necessária uma nova abordagem tendo em vista as limitações no estudo da língua ordinária. A literatura possibilita novas possibilidades de analisar a língua e por isso as categorias de análises à luz da perspectiva saussurianas não davam conta de analisar exaustivamente as questões que a literatura enquanto linguagem apresentavam. Nesse sentido, o discurso para

Benveniste inclui o domínio da literatura, pois está voltada à cultura, ao mundo, à existência, ao 'eu' e ao 'outro'. A literatura interessa ao linguista porque o discurso se manifesta nas expressões da linguagem.

A linguagem é um espaço privilegiado do discurso literário. Benveniste desperta interesse para compreensão da obra literária, tendo em vista que a obra literária possibilita vários sentidos, há uma constante reinvenção da obra literária pois chama o leitor à realidade que só é possível através da linguagem. Inclusive, Vier (2016) traz uma informação reveladora: o próprio Benveniste, em alguns de seus textos, desenvolve reflexões sobre os elementos autobiográficos da linguagem autobiográficos, em que é possível compreender a significação do texto através da emoção do leitor provocadas pelas relações textuais, que apresentam os dramas e anseios do linguista, (Vier, 2016a, p. 77).

2.2. A relação entre Benveniste e Literatura

Tanto no PLG I e PGL II, nas *Últimas Aulas* e no *Dossiê Baudelaire*, que é um pequeno estudo semiológico pelo qual Benveniste analisa a linguagem poética de Baudelaire, ou seja, trata-se de um estudo semiológico que perpassa a linguagem a poética, sendo possível identificar indícios de que a relação entre Linguística e literatura é uma constante nos escritos de Benveniste. Laplantine, em entrevista a Teixeira e Flores, ao ser questionada sobre o tema, afirma que é preciso definir a relação de Benveniste com a literatura, que parece não ser resumida apenas as notas de seus manuscritos sobre Baudelaire, ao contrário, Teixeira; Flores; Laplantine (2013, p. 223) demonstra categoricamente a relação de Benveniste com a literatura deve ser compreendida dentro do espírito do tempo em que Benveniste produzia seus grandes textos.

De modo geral, os intelectuais do período de Benveniste estavam muito propensos ao campo da experimentação artística. Inclusive, Benveniste esteve muito próximo ao movimento surrealista, isso talvez porque fosse crítico aos valores racionalistas dominantes e procurava na experimentação e nas artes uma transformação da possibilidade de novas oportunidades de experiências subjetivas. A relação de Benveniste com a literatura é uma constante nas reflexões de Benveniste, os intelectuais estavam muito próximos dos movimentos artísticos naquela época:

Ao lado de numerosos outros intelectuais, Benveniste assina, entre julho e outubro de 1925, três declarações veementemente opostas à guerra do Rife: “Os trabalhadores intelectuais ao lado do proletariado contra a guerra do Marrocos”, em 2 de julho de 1925, “A revolta primeira e sempre!”, em 21 de setembro de 1925, e um apelo “Aos soldados e marinheiros”, no dia 16 de outubro do mesmo ano. Essas declarações foram publicadas no *L’Humanité* e a segunda aparece também no número 5 da *Revolução surrealista*, com as assinaturas, não somente dos surrealistas, mas dos membros da *Clarté*, *Correspondence*, *Philosophies*. Assim, o jovem professor de letras faz um nome e um lugar entre os militantes comunistas e anticolonialistas da época (D’ottavi & Hérout, 2020, p. 27).

Era como se houvesse uma revolução em prol dos sujeitos, contra os humilhados. Benveniste estava engajado com espírito do seu tempo, seus escritos refletem o seu tempo e suas ações. Ou seja, a efervescência cultural francesa aparece bem antes da década de sessenta na França, de modo que bem antes o linguística fazia coro às reivindicações anticolonialistas e libertárias na sua época e, conseqüentemente, seus escritos contêm traços de sua visão de mundo daquele período. Por isso, a proximidade de Benveniste com o movimento surrealista não pode ser considerada somente uma aproximação entre os campos teóricos, antes representa uma postura política.

Contudo, há rupturas no engajamento político de Benveniste: “há, portanto, uma ruptura dos dizeres de Benveniste, entre um engajamento “de juventude” e o resto de uma carreira que se firma na neutralidade, que se assenta às convenções instituições” (D’Ottavi & Hérout, 2020, p. 28). De fato, havia uma mudança de postura que atirava Benveniste a uma relativa neutralidade com o passar dos anos. Ou seja, a teoria de Benveniste atravessa a dimensão política e artística. Contudo é importante ressaltar que não há referência direta ao surrealismo na linguística de Benveniste, mas existem fortes elementos da presença surrealista em Benveniste: “somente dois índices trazem uma presença surrealista na obra do linguista, que remontam a duas de suas grandes preocupações: a expressão da subjetividade e a relação com o inconsciente” (D’Ottavi & Hérout, 2020, p. 30).

A língua marca o sujeito falante, registra o pertencimento do indivíduo em comunidade, por isso, a língua faz parte da dimensão sociocultural, não há nada natural na língua. Nesse sentido, Benveniste se distancia de Saussure. Pensar a relação entre linguagem e literatura nos textos de Benveniste nos direciona a reflexão de que a experiência humana adquire significado e sentido, sendo o sentido um conceito que estava inacabado dentro do esquema linguístico saussuriano.

Vemos que essa relação com a literatura pensada por Benveniste se materializa em seus artigos como, por exemplo, *O aparelho formal da enunciação* (1970), *A forma e o sentido da Linguagem* (1966), *Esta língua que faz a história* (1968), *A semiologia da língua* (1969), como também os Últimos Textos, que são *Últimas aulas no Collège de France* (2012) e o texto que o próprio Benveniste se propõe em analisar e refletir a linguagem poética: *Baudelaire* (2011).

Nesses textos vemos que Benveniste fornece reflexões substanciais na reflexão da aproximação entre literatura e a linguística, especificamente, pela perspectiva da enunciação. Qual o papel da Teoria da Enunciação de Benveniste enquanto chave de interpretação da linguagem literária? Pode a Teoria da Enunciação de Benveniste ocupar espaço nos estudos literários? Por isso, pensar a relação entre linguística e literatura foi uma proposta já iniciada pelo próprio Benveniste, com isso, de acordo com Vier (2016, p. 11) Barthes defende que o diálogo entre linguística e literatura não satisfaz inteiramente a interdisciplinaridade.

As disciplinas de literatura e linguística precisam mudar e acontece que tanto a literatura vem colocando a linguística em segundo plano, como a linguística vem colocando a literatura em segundo plano. Aqui pretendemos colocar as duas disciplinas em grau de igualdade, sendo de igual relevância para compreensão do nosso objeto que são os diários de Carella. A aproximação entre linguística e literatura não pode ser compreendida somente no campo da interdisciplinaridade.

Na verdade, o que propomos com essa pesquisa não é somente aproximar literatura da linguística, mas desta possibilidade transdisciplinar queremos analisar *Os Diários de Tulio Carella*. Com isso, pretendemos ultrapassar as limitações entre essas disciplinas, inclusive, por ser uma possibilidade permitida pela obra literária. Logo, pensar a relação entre linguística e literatura nos textos de Benveniste é um movimento em torno da ultrapassagem da interdisciplinaridade. Barthes já indicava isso, como rapidamente já sinalizamos aqui. Explica Laplantine (2013):

Eu acho que Benveniste sempre atraiu o interesse de quem trabalha com literatura. Basta lembrar dos artigos elogiosos de Barthes na revista *La Quinzaine littéraire*, “Situação do linguista” (1966) e “Por que gosto de Benveniste” (1974), por ocasião do lançamento dos dois volumes de *Problemas*. Benveniste desperta interesse para além da disciplina linguística, o que é simplesmente o efeito da tomada crítica de sua teoria da linguagem. Nele, a teoria da linguagem é uma antropologia (“a linguagem ensina a própria definição do homem”). (Teixeira; Flores; Laplantine, 2013, p. 225).

Benveniste não desperta, apenas, a atenção dos linguistas, também desperta o interesse entre os estudiosos da literatura, sua teoria consegue dar conta de

análises de textos literários. A teoria da linguagem de Benveniste é uma antropologia e enquanto antropologia consegue responder as provocações e questões que a obra literária apresenta ao leitor da obra literária. Benveniste desperta o interesse para além da linguística porque sua teoria da linguagem encontra-se com a antropologia.

O que percebemos é que há um movimento de mudança epistemológica, ou seja, uma mudança na forma de fazer ciência para essas áreas que historicamente encontram-se solidificadas no seu campo de fazer científico. Por isso, a proposta de Benveniste é uma proposta surpreendentemente inovadora. E esse projeto já vinha sendo traçado nos escritos de Benveniste sobre Baudelaire, artigo que foi convidado por Barthes a desenvolver seu pensamento sobre o tema e, especificamente, sobre Linguagem poética em Baudelaire. Explica Laplantine (2013, p. 225) em entrevista que o poema de Baudelaire é crítico da linguagem, crítico das convenções e, principalmente, crítico da sociedade.

Sendo assim, o poema de Baudelaire renova conjuntamente a experiência ao mesmo tempo que renova a língua. O Baudelaire é um convite à reflexão da relação entre a experiência do sujeito com a língua. Sendo assim, a reflexão de Barthes tem por base o fato de que ele acredita que há um diálogo possível entre experiência singular do sujeito com a língua, e que Benveniste seria o responsável por esta empreitada. Mas, como se materializa essa relação entre Benveniste e Literatura nos textos de Benveniste? Segundo Vier (2016):

Em recente entrevista, Laplantine (2013) afirma que é preciso esclarecer, desde cedo, a relação de Benveniste com a Literatura, que vai além dos manuscritos sobre Baudelaire. Em primeiro lugar, essa relação justifica-se pela época em que vivia: o auge das vanguardas europeias e das primeiras manifestações da literatura moderna. A linguista conta que Benveniste, pelo que tudo sugere, esteve próximo do movimento surrealista, “[...] talvez porque o movimento propunha uma crítica aos valores racionalistas, e porque procurava, na experimentação, transformar a experiência subjetiva” (Laplantine, 2013, p. 222). Além disso, são reconhecidos, segundo a autora, pelo menos três indícios da aproximação do linguista ao movimento: a) em 1924, escreveu uma resenha no primeiro número de *Philosophies* sobre a tradução francesa dos *Cadernos de Malte Laurids Brigge*, de Rilke; b) em 1925, assinou, junto ao movimento, o manifesto *A Revolução hoje e sempre!*, dentro do grupo *Philosophies*; c) em 1945, participou de um número da revista *Pierre*

à feu, com o texto *A água viril*, organizada pelo poeta Jacques Kober e publicada pela Fundação Maeght (Laplantine, 2013). (Vier, 2016, p. 11-12).

Desde os textos da juventude de Benveniste, ou seja, Benveniste estava estreitamente ligado à literatura desde aquele momento de sua aproximação com os movimentos de vanguardas europeias e suas manifestações na literatura. Ora, a linguística de Benveniste tinha sua organização juntamente dentro destes movimentos de vanguarda, então poderia ser pensado os fundamentos da Teoria da Enunciação nesse período? Seria a Teoria da Enunciação uma espécie de metodologia para que o fenômeno, o objeto literário, pudesse ser compreendido pelas limitações da racionalidade? Os objetos de análise literária permitiam ser compreendidos pela literatura? Por fim, sabemos que a fenomenologia seria uma metodologia para ser aplicada a diversas áreas de conhecimento, com intuito de compreender o objeto.

Teria Benveniste projetado a enunciação para compreensão do objeto literário? Sobre essas questões apontamos que a língua é um produto tomado das gerações precedentes. Por isso, o sujeito recebe a língua e coloca sua marca enquanto sujeito falante, ou seja, há uma dimensão social da língua, em que o sujeito falante registra o seu pertencimento em sua comunidade, em sua geração. Por essa razão, Benveniste tem que rejeitar a arbitrariedade do signo como propunha Saussure, o sujeito vai constituir-se na linguagem.

Investigando os indícios de aproximação de Benveniste com o movimento surrealista, é possível destacar que a relação entre linguística e literatura em Benveniste não se restringe apenas ao dossiê Baudelaire, mesmo que ele não tenha tratado especificamente sobre o tema, notamos que nos seus textos acabados já é traçado uma aproximação entre essas áreas. O próprio Benveniste, como vimos exposto, assina um dos manifestos do Surrealismo, o que em si destaca a sua importância se não para o movimento surrealista, mas com certeza àqueles que compuseram as fileiras do movimento surrealista francês. Nesse sentido, pensar essa relação entre linguística e literatura em Benveniste é pensar essa relação no conjunto dos textos publicados por Benveniste. No conjunto dos escritos benvenistianos, existe uma reviravolta no sentido de que literatura é considerada

uma experiência (inter)subjektivante, como também, atividade crítica da linguagem na concepção de Benveniste (Vier, 2016). Por outro lado, é importante destacar que:

A linguagem, para Benveniste, é a possibilidade da subjetividade pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão. Por outro lado, a língua assumida pelo homem que fala, sempre sob a condição da intersubjetividade (eu sempre se dirige a um tu a propósito de um ele), é que torna possível a comunicação linguística. Benveniste, portanto, concebe a subjetividade humana como resultante da própria categoria de “pessoa” (eu e tu) e como subordinada à intersubjetividade. (Cavalheiro, 2016, p. 122).

O imaginário cultural pode ser lido nas entrelinhas dos textos de Benveniste, tendo em vista que a dimensão social da língua estabelece o fenômeno cultural da língua, ou seja, o sistema da língua não decorre de nada natural, antes é um sistema cultural. É a linguagem possibilidade de subjetividade e, sobretudo, a subjetividade é uma categoria subordinada a intersubjetividade. Sendo assim, a comunicação linguística é uma condição da intersubjetividade, do diálogo que ultrapassa a singularidade da pessoa no discurso. Logo, na perspectiva benvenistiana é constituído o sujeito na fala.

Segundo Cavalheiro (2016, p. 122), o sujeito não é anterior à linguagem, ao contrário, o sujeito só se torna sujeito na medida que fala, ou seja, não há sujeitos e nem subjetividades, mas locutores, tendo em vista que seres de discurso, de fato, na linguagem só há interlocutores como Benveniste deixa explícito inúmeras vezes em diversos textos. Assim, estudar a língua é estudar o sujeito que a executa, por isso, língua e sujeito não devem ser tomadas de forma isoladas para Benveniste, antes são indissociáveis. Benveniste, com isso, reintroduz o sujeito na linguagem, o que se caracteriza como um certo distanciamento, não total, com o alinhamento estruturalista.

Parece que a orientação entre Benveniste e o estruturalismo é realinhada, pois a literatura só pode ser plural, da mesma forma, a linguística não mais uma estrutura rígida homogênea que descarta o sujeito. Nessa direção, concordamos com Vier (2016, p.13) que aponta que cabe aos linguistas desenvolverem pesquisas que contemplem a língua além de sua forma. Sendo assim, inegavelmente, estudar

a língua é colocar em evidência que língua e homem é uma condição indispensável e indissociável. Isso acontece porque não há um momento que o homem tenha tomado a língua como instrumento, da mesma forma, não há uma situação em que a língua esteja dissociada do sujeito. Sabendo que homem e língua são indissociáveis, então é notável que sempre ocorre de falar com outro homem, necessariamente. Logo, o que existe realmente é que a língua nos ensina o que é ser e estar no mundo.

É competência dos linguistas desenvolverem pesquisas que evidenciam a unidade indissociável entre a língua e o sujeito, principalmente, quando em sua pesquisa exige a aproximação entre linguística e literatura. Benveniste convida a comunidade científica a observar a língua não somente na sua forma, ou seja, somente na sua materialidade, mas em complexidade da indissociabilidade entre língua e sujeito, não há um momento sequer em língua e sujeito estejam dissociadas, por isso, a enunciação de Benveniste coloca em evidência a língua associada ao sujeito falante, no mundo, no espaço cultural. Flores (2019, p. 157) explica que em Benveniste não se trata de uma relação da língua com o mundo, mas de “certa relação”, isso significa que há uma relação que está em dependência da enunciação.

Diante disto, está implícito que, na Teoria Enunciativa, a referência não é o referente. Logo, a referência é um sentido que é construído na interlocução. A referência é construída na interlocução, então o locutor e alocutório constituem o ato da enunciação, de forma singular, no discurso. O discurso se materializa no sujeito existente e real, assim, língua e mundo são indissociáveis. Nesse sentido, a partir da Teoria da Enunciação de Benveniste, deste novo fazer científico, somos levados a buscar novos sentidos para a relação entre aquilo que humano e não humano em sua relação com a língua, “isso porque as teorias da enunciação proporcionam meios para descrever a linguagem em funcionamento em relação ao ato singular executado pelo locutor que enuncia numa dada situação” (Vier, 2016, p. 13).

Sabendo que devemos observar os textos de Benveniste em sua totalidade, que não devemos nos fechar ao dossiê Baudelaire quando o assunto for a relação entre linguística e literatura em Benveniste, apontamos que há sequência de fragmentos em que Benveniste faz uma aproximação entre literatura e linguística no

PLG I e PLG II. Foi constatado a existência de treze artigos em que Benveniste realiza análises linguísticas a partir de textos literários. Benveniste acredita que a linguagem poética tem suas próprias leis e funções. O que chama atenção é Benveniste pensa a linguagem e a literatura estabelecendo uma nova compreensão a respeito da linguagem ordinária, ele explica:

Nosso domínio será a linguagem dita ordinária, a linguagem comum, com exclusão expressa da linguagem poética, que tem suas próprias leis e suas funções próprias. A tarefa, concordarão, é ainda assim já bastante ampla. Mas tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também. (Benveniste, 1989, p. 221-222).

Por isso, tudo o que pode ser destacado no estudo da linguagem ordinária pode ser aproveitado para melhor compreensão da linguagem poética. Por este motivo, pensando uma relação entre a linguagem poéticas e a linguagem poética na perspectiva da teoria de Benveniste que existe uma relação entre sujeito, língua e sociedade, acreditamos que as menções que Benveniste faz tanto no PLG I e PLG II são significativamente importantes:

As menções que Benveniste faz à literatura nos textos presentes nos dois tomos de Problemas de Linguística Geral são significativas. Em 1966, apenas três anos antes do seu adoecimento, em A forma e o sentido da Linguagem, apresentado originalmente no XIII Congresso da Sociedade de Filosofia de Língua Francesa, realizado na cidade de Genebra, Suíça, ele esclarece aos seus interlocutores em que domínio ele situa seus estudos linguagem. (Barros & Andrade Neto, 2021, p. 139-140).

Notamos em seus artigos, organizados no PLG I e PLG II Benveniste expõe seus principais conceitos. Evidentemente, a relação entre linguística e literatura não aparece de forma total nos dois PLG I e II, mas podemos ter uma noção forte do projeto geral de ciência de Benveniste. Sabendo disso, há uma relevância no conceito de linguagem ordinária, pois não se faz comparações e quantificações entre a linguagem ordinária e a linguagem poética, ao contrário, uma é

imprescindível a outra. Por isso, Benveniste aponta que tudo que acontece na linguagem ordinária será aproveitado para melhor compreensão da linguagem poética, deste modo, Benveniste demonstra um profundo entendimento e compreensão da linguagem poética. Vejamos o que ele diz, especificamente sobre a importância da linguagem poética para a linguística, em sua entrevista a Guy Dummer:

G.D. - O senhor pronunciou a palavra poema. A linguagem poética tem interesse para a linguística?

E.B. – Imensamente. Mas este trabalho apenas começou. Não se pode dizer que o objeto de estudo, o método a ser empregado já estejam claramente definidos. Há tentativas interessantes, mas que mostram a dificuldade de se abandonarem categorias utilizadas para análise ordinária. (Benveniste, 1989, P. 37).

A pergunta feita a Benveniste é de grande relevância para o que vimos até aqui, argumentando: Benveniste já tinha um projeto de ciência geral que pensava a relevância da linguagem poética ‘para’ e ‘na’ linguística. Inclusive, Barros e Andrade Neto (2021, p. 130) apontam que a literatura ocupava espaço nos estudos de Benveniste, porém, a linguagem poética é diluída na enunciação escrita dentro do conjunto de textos que tratam da sua Teoria da Enunciação. A resposta de Benveniste a Guy Dummer em 1968, que aconteceu apenas dois anos antes da publicação do artigo *O aparelho formal da enunciação de Benveniste*, que trata sobre a importância da linguagem poética para a linguística revela que a literatura ocupava um espaço de grande relevância nos estudos do linguista Benveniste.

Contudo, no texto *O aparelho formal da enunciação* (1989), que é considerado um texto de grande relevância e síntese de todo o pensamento enunciativo de Benveniste, vemos que a referência à dimensão da linguagem poética se materializa de forma marginal, aparecendo de forma sutil no último parágrafo, velada e diluída na referência que realiza à enunciação escrita e aos planos enunciativos. Isso equivale a dizer que ele considera que a linguagem literária demanda outra perspectiva analítica, e que ela estava sendo desenvolvida. Mas o processo carecia de um método investigativo próprio (Barros & Andrade Neto,

2021, p. 140). O próprio Benveniste coloca pistas e linhas interpretativas para compreensão da relação entre linguística e literatura:

Partindo daí pode-se generalizar a mesma atitude e ver que há de fato muitas maneiras de considerar, no domínio literário por exemplo, uma obra e que não há senão uma maneira de compreender um autor. Pode haver neste caso pontos de vista novos aplicados a obras tradicionais e que não as destroem, no entanto. (Benveniste, 1989, p. 39).

Benveniste estava argumentando que há várias linguísticas e modos de fazer linguística. Na mesma direção pode-se considerar que há muitas abordagens literárias. Há um interesse de Benveniste em estudar literatura. Há uma tentativa de construção de um verdadeiro sistema da linguagem em busca de uma melhor compreensão da expressão literária:

Eu vejo tentativas interessantes para estudar, com rigor, obras [literárias] às quais não se podiam aplicar até aqui senão qualificações subjetivas ('É bonita', 'É tocante', etc.) ou epítetos convencionais. Busca-se agora construir-se sistemas que permitam encontrar verdadeiras dimensões da expressão literária e da obra literária. (Benveniste, 1989, p. 39-40).

Benveniste indica a necessidade da construção de novos sistemas que melhor encontrasse as verdadeiras expressões da obra literária. Por esta razão, torna-se importante a construção de sistemas que permitam realmente compreender as dimensões das expressões literárias e da obra literária. O que vemos é que há em Benveniste um projeto de aproximação entre linguística e literatura. Há necessidade de readaptação nessa nova ciência apontada por Benveniste:

[...] a iniciação linguística torna mais fácil, permite acolher com mais abertura noções ou pesquisas que visem a coordenar a teoria da literatura e a da língua. O senhor vê – e que esta seja nossa conclusão – que muitas coisas se colocam ou se deslocam hoje na perspectiva da língua. Estas mudanças nos levam a uma readaptação contínua; porque estas são mudanças em profundidade de onde nascerão talvez novas ciências. (Benveniste, 1989, p. 40).

A análise literária e novos métodos literários aperfeiçoam os novos vieses ainda não aceitos pelas disciplinas tradicionais. Por isso, a linguística pensada por Benveniste pode dar um novo sentido à Teoria da Literatura e à linguística. Benveniste já vinha sinalizando que tinha em mente um novo sistema na perspectiva da língua que ocasionaram mudanças profundas. Pelas razões até agora expostas, a literatura é uma questão que aparece de forma recorrente nos PLG I e PLG II. Por isso, afirma Laplantine:

É a literatura enquanto experiência (inter)subjetivante e atividade crítica da linguagem que interessa Benveniste. É isso que reaparece nas notas sobre Baudelaire. O poema e, justamente, o poema de Baudelaire, renova a experiência e, ao mesmo tempo, a língua: “Se <o poeta> recria, portanto, uma semiologia nova, através de combinações novas e livres de palavras. Por sua vez, o leitor-ouvinte se encontra na presença de uma linguagem que escapa à convenção essencial do discurso. Ele deve se ajustar a isso, recriar, por sua conta, os padrões e o ‘sentido’ disso” (Baudelaire, 22, f°53/f°305). (Teixeira; Flores; Laplantine, 2013, p. 223).

Acontece que, muitas vezes, quando Benveniste trata de literatura, faz referência à poesia. É na definição do poema que Benveniste reflete sobre o signo linguístico saussuriano. São nessas reflexões que Benveniste pensa um novo significado da noção de signo linguístico elaborado por Saussure. Sendo assim, Vier (2016, p. 27) tece algumas interpretações: a primeira é que há relação entre a linguagem do sonho, sua significação, e a linguagem poética. Da mesma forma, estabelece um vínculo entre a linguagem ordinária e a linguagem poética. Por isso, necessariamente deve haver um novo aparato teórico para estudar a linguagem, em suas diferentes manifestações na linguística e na literatura. Nisso, torna-se importante a compreensão de novo aparato científico para compreensão da linguagem que não deve mais estar presa à estrutura saussuriana e da noção do signo linguístico. Por esta razão, no artigo *Saussure após meio século*, expõe Benveniste:

Muitos pontos da teoria ainda estão por examinar. Haverá por que perguntarmo-nos, principalmente, se a noção de signo pode valer como princípio de análise em todos os níveis. Assinalamos noutro passo que a frase como tal não admite a segmentação em unidade do tipo do signo. (Benveniste, 1991, p. 47).

A noção do signo pode ser interpretada em vários níveis. Por esta razão, Benveniste questiona as bases em que a linguística se fundará. Por isso, há uma retomada da significação, por isso, “nenhuma ciência do homem escapará a essa reflexão sobre seu objeto e sobre seu lugar no seio de uma ciência geral da cultura, pois o homem não nasce dentro da natureza, mas dentro da cultura” (Benveniste, 1991, p. 47- 48). Logo, o projeto de iniciação linguística pensado por Benveniste possibilita um deslocamento na perspectiva da língua, em que a linguística possibilita novas coordenadas e direções na investigação da literatura e da língua:

A iniciação linguística torna mais fácil, permite acolher com mais abertura noções ou pesquisas que visem a coordenar a teoria da literatura e a da língua. O senhor vê – e que esta seja nossa concussão - que muitas coisas se colocam ou se deslocam hoje na perspectiva da língua. Estas mudanças nos levam a uma readaptação contínua; porque estas são mudanças em profundidade de onde nascerão talvez novas ciências. (Benveniste, 1989, p. 40).

A linguística enquanto tentativa de compreensão da linguagem busca a compreensão da linguagem em diferentes níveis e, por isso, há uma tendência da própria linguística em tentar se justificar e se afirmar enquanto ciência. A língua é um sistema significante tendo o signo enquanto unidade de base do sistema significante que está unida ao conjunto das ciências do sujeito. Por esta razão, Benveniste deve pensar num novo modelo de ciência no campo da língua e da literatura. Logo, no artigo *Semiologia da Língua*, Benveniste (1989, p. 67) diz que o domínio semântico deve ser reconhecido como separado. Ele vai precisar de um novo de conceitos e definições. Com isso, há uma necessidade em ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único da língua em que as noções de estrutura e funcionamento da língua estavam simultaneamente atreladas. Essa ultrapassagem é

feita em duas vias, a primeira na análise intralinguística com a abertura da dimensão de significância e do discurso. Essa primeira via da análise intralinguística também é denominada de semântica e está ligada ao signo, sendo também chamada de semiótica. Por sua vez, na análise translinguística dos textos e das obras, por meio da elaboração de uma metassemântica será construída uma semântica da enunciação.

2.3. A semântica da enunciação e a linguagem poética

O domínio semântico para Benveniste é distinto do semiótico. O signo limita a semiologia da língua, por isso, é preciso ultrapassar a noção de signo como Saussure elaborou para compreensão da estrutura e funcionamento da língua. Sendo assim, Benveniste aponta que essa superação se dá em nível intralinguístico, na dimensão do discurso e da significância, como também, na dimensão da análise linguística dos textos. Com isso é construído uma semântica da enunciação. Mas o que seria essa semântica da enunciação? Para Flores (2019, p. 150-151) é preciso compreender que, de um lado, é correto dizer que a Teoria da Enunciação faz uma análise do sentido da linguagem, uma análise que pode ser chamada de semântica. Por outro lado, isso não implica que essa semântica possa ser compreendida e até equiparada a uma ideia clássica e convencional de semântica como encontramos no campo da semântica lexical e semântica frasal, entre outras.

O que vemos é que Benveniste já questionava a noção de significação na estrutura pensada por Saussure e, principalmente, se o signo servia como princípio de análise em todos os níveis de análise linguística. Por isso, há tentativa de Benveniste em pensar além do signo na perspectiva do estruturalismo saussuriano. Nesse caminho que o próprio Benveniste trilha, Vier (2016) interpreta que:

No último texto publicado em PLG II, *O aparelho formal da enunciação*, de 1970, Benveniste dá pistas ao leitor de como estudar a enunciação em seus diferentes aspectos: a partir da realização vocal da língua, da conversão individual da língua em discurso e do quadro formal de sua realização. Para esse último, o linguista destaca que é preciso considerar o próprio ato de sua realização, as situações em que esse ato se realiza e os instrumentos – índices específicos e procedimento acessórios – em que ele se realiza (Benveniste, 1970/1989). No entanto, ao explicar cada um desses aspectos, podemos verificar que o linguista está descrevendo a linguagem ordinária e considerando, pois, a presença do interlocutor, quer seja: a) pela forma sonora que o atinge; b) por sua postulação como alocutário; c) pela co-referenciação no discurso. (Vier, 2016, 28).

Na verdade, Flores (2019, p. 152) já apontou que o artigo *O aparelho formal da enunciação* é o último texto publicado de Benveniste. Por isso, é um texto que

reúne os quarenta anos de reflexões, pesquisas e discussões sobre a enunciação. Continua Flores (2019, p. 152) lembrando que é o único texto que o Benveniste coloca a enunciação no título, como também, é um texto destinado a comunidade dos linguistas. Benveniste (1989, p. 82), assegura que “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Sua argumentação no *Aparelho* segue seu entendimento de que discurso é produzido na fala. Por isso, Vier (2016) observa que o linguista está descrevendo a linguagem ordinária em suas reflexões. É importante entender o que diz Benveniste sobre a condição específica da enunciação no artigo o *Aparelho*:

É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação. (Benveniste, 1989, p. 82).

E este processo pode ser estudado sob diversas perspectivas. Ora, a enunciação em Benveniste seria como a aproximação do método fenomenológico de analisar o objeto e a linguagem. Por isso, Benveniste vai aprofundar o seu entendimento sobre o fenômeno da enunciação, primeiramente, através da realização vocal da língua. Deste modo, “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso” (Benveniste, 1989, p. 83). A relação entre o ato de realização individual da fala e a palavra é preocupação de Benveniste, ou seja, como essas dimensões interdialogam entre si. Assim, o linguista a respeito do conceito de enunciação caminha, nesse artigo, para o ato de sua realização. Benveniste (1989, p. 83-84) define que o ato individual em que se realiza a língua introduz o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Logo, antes da enunciação, a língua é caracterizada pela possibilidade do uso da língua. Com a enunciação a língua passa a ser caracterizada como instância de discurso cuja origem reside no locutor, uma vez que a forma sonora expressa pelo locutor atinge o ouvinte e provoca no ouvinte uma enunciação de retorno.

O locutor se apropria da língua e, enquanto locutor, enuncia sua posição na enunciação. A posição do locutor é manifesta através dos índices da enunciação. É pela enunciação que ao locutor afirmar sua posição na língua que institui o outro, diz Benveniste sobre o locutor: “desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro” (Benveniste, 1989, 84). Por isso, ele continua afirmando que “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” (Benveniste, 1989, p. 84). Assim, a língua tem sua relação com o mundo, na verdade, na verdade a relação língua e mundo é uma condição necessária para a enunciação, pois para o locutor essa condição dessa mobilização e dessa apropriação da língua reside nessa necessidade de referir pelo discurso, sendo para outro a possibilidade de co-referir identicamente, através de consenso pragmático que condiciona cada locutor a um colocutor.

Sendo assim, a referência é parte integrante da enunciação. Assim, vemos que a referência dentro do processo de enunciação cria uma situação singular. Sendo essa singularidade uma instância inaugurada através do ato individual de apropriação da língua onde é possível observar a fala daquele que fala. Destaca o linguista Benveniste (1989, p. 84) que a presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância do discurso constitua um centro de referência interno. Essa situação da enunciação se manifesta através do jogo de formas específicas da enunciação em que coloca o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. Daí o linguista aponta que existe uma estreita relação entre locutor e enunciação através do índice de pessoa e temporalidade, relação que ele analisa. Contudo, ele diz que “o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (Benveniste, 1989, p. 87).

Há na enunciação uma estrutura do diálogo, ou seja, “duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação” (Benveniste, 1989, p. 87). Se Benveniste aponta que na enunciação deve haver, necessariamente, diálogo, poderiam os diários de Tulio Carella ser considerados diálogos fora da enunciação ou enunciação sem diálogo justamente por ser um diário, sendo considerados fora da enunciação? Para responder nossas questões aqui trazidas, trazemos à luz algumas reflexões a respeito da análise da obra literária Diários de

Tulio Carella (2010) pela ótica da Teoria da Enunciação de Benveniste, tendo em vista que o linguista explica:

O “monólogo” procede claramente da enunciação. Ele deve ser classificado, não obstante a aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O “monólogo” é um diálogo interiorizado, formulado em “linguagem interior”, entre um eu locutor e um eu ouvinte. Às vezes o eu locutor é o único a falar; o ouvinte permanece entretanto presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor. Às vezes, também, o eu ouvinte intervém com uma objeção, uma questão, uma dúvida, um insulto. A forma linguística que esta intervenção assume difere segundo os idiomas, mas é sempre uma forma “pessoal”. (Benveniste, 1989, p. 87-88).

Por isso, acreditamos ser completamente viável pensar a relação entre linguística e literatura através da Teoria da Enunciação de Benveniste. Analisando a obra literária de Carella o ouvinte substitui o locutor na enunciação enquanto primeira ou terceira pessoa, e essa mudança de pessoa no diálogo cria uma relação em que pela língua o eu que fala é ou eu ouvinte, na verdade, o eu ouvinte substitui o locutor e se instaura enquanto ouvinte. Por isso, diz Benveniste:

Essa transposição do diálogo em “monólogo” onde EGO ou se divide em dois, ou assume dois papéis, presta-se a figurações ou a transposições psicodramáticas: conflitos do “eu [moi] profundo” e da “consciência”, desdobramentos provocados pela “inspiração”, etc. Esta possibilidade é facultada pelo aparelho linguístico da enunciação, sui-reflexivo, que compreende um jogo de oposições do pronome e do antônimo (eu/me/mim [je/me/moi]). (Benveniste, 1989, p. 88).

Por esta razão, nosso propósito de aproximar Benveniste da literatura tem um propósito evidente: pelos fragmentos expostos dos artigos de Benveniste a Teoria da Enunciação de Benveniste explica de forma satisfatória os movimentos do diálogo que os Diários de Carella exibem e que até agora não foram satisfatoriamente analisados, pois há uma situação linguística e literária que acontece na obra literária que está a ser feita sendo a Teoria da Enunciação de Benveniste uma alternativa de análise do discurso possível, pois, de acordo com Benveniste (1989, p. 90), cada

enunciação é um ato que serve ao propósito direto de unir o ouvinte ao locutor através de um laço de sentimento, social. A linguagem nesta função literária se manifesta como instrumento de ação concreta.

Com isso, cada cena dos diários de Carella tem um propósito pelo qual ouvinte e locutor estão unidos com o contexto do Recife, do Brasil e do mundo no início da década de sessenta através dos sentimentos e vivências de Tulio Carella. São os diários desdobramentos não da reflexão, mas antes da ação de Carella. Para os propósitos aqui apresentados de análise da obra literária, a Teoria da Enunciação apresenta resultados aparentemente satisfatórios e, por isso, acreditamos que seja possível uma aproximação entre linguística e literatura em Benveniste.

Destacamos que o linguista analisa a linguagem ordinária e a presença do interlocutor e problematiza a necessidade da relação entre enunciação falada da enunciação escrita. Qual seria a inquietação de Benveniste que o fez elaborar a sua Teoria da Enunciação? Estaria ele pensando a linguagem poética escrita ou oral? Estaria Benveniste pensando a relação entre linguagem e literatura? Seriam opostas ou estaria ele problematizando a linguagem poética?

O fato é que em sua juventude, Benveniste participou e assinou do *movimento surrealista*, principalmente, com sua assinatura no manifesto surrealista *A Revolução Hoje e Sempre!*, divulgado no ano de 1927. Laplantine afirma que:

Conhecemos alguns indícios da ligação de Benveniste com os surrealistas: junto a eles, Benveniste assina, em 1925, dentro do grupo “Philosophies”, o manifesto “La Révolution d’abord et toujours!”, contra a guerra no Marrocos (“Nós somos certamente Bárbaros já que certa forma de civilização nos repugna”). Em 1924, ele escreve, no primeiro número da revista *Philosophies*, organizada principalmente por Pierre Morhange, uma resenha sobre a tradução francesa dos *Cahiers de Malte Laurids Brigge* de Rilke; em 1945, ele participa, com um texto intitulado “L’eau virile”, de um número de *Pierre à feu* em torno do pintor André Marchand, organizado pelo poeta Jacques Kober, publicado pela Fundação Maeght, e no qual participa outra linguista, Pierre Chantraine. (Teixeira; Flores; Laplantine, 2013, p. 223).

Pelo exposto acima, há fortes indícios da ligação de Benveniste com os surrealistas. É possível identificar que, naquele contexto, há uma aproximação em que confluem os interesses entre Benveniste e os surrealistas, inclusive, o movimento surrealista e Benveniste tiveram alguma aproximação talvez em relação a crítica de determinados valores ou talvez porque o movimento trazia enquanto conceito e prática em volta da experiência subjetiva, havia uma espécie de ação revolucionária que aproximava os compromissos de ambos lados. Segundo Vier (2016, p. 32) o que vemos no Dossiê Baudelaire, através dos diferentes estudos realizados por Benveniste nos poemas *As Flores do Mal*, que a linguística realizava e manifestava desenvoltura em análises de textos literários, tendo em vista que já haviam análises dele em um texto de 1930.

Também destacamos que, em entrevista, Laplantine afirma que a relação entre Benveniste e a literatura acontece num período em que os intelectuais estavam numa posição de aproximação com as experimentações artísticas, talvez, porque estas vivências que manifestavam contivessem e reduções de toda expressividade humana à racionalidade. Ou seja, Benveniste acompanha as mudanças que aconteciam no seu tempo, por isso, a relação entre linguística e literatura em Benveniste antecede o seu Baudelaire.

Vier (2016, p. 36) comenta que a linguagem poética de Baudelaire convoca uma semiologia de segunda geração, tendo em vista que busca problematizar as correspondências para além do signo saussuriano como princípio único. Por isso, é preciso adentrar em outro universo, além do território comum, como o universo da semântica da enunciação, sabendo que essas correspondências além do signo saussuriano são vivenciadas em Baudelaire. O Baudelaire de Benveniste, coloca a teoria de Benveniste em um novo e originário território, que seria a semântica da enunciação. Nesse território, destaca-se a Linguística enquanto oportunidade para que a linguagem manifeste o sentido inconsciente, em que sentido e real se encontram na linguagem poética. Afirma Laplantine:

Esses manuscritos trazem realmente algo de novo, pois, se nós já sabíamos que Benveniste se permitia refletir sobre a literatura sobre a arte, encontramos aqui uma reflexão que procede disso. E podemos até dizer que, com Baudelaire, Benveniste atinge o ponto máximo de sua teoria: o poema requer uma linguística nova: “a

análise da língua poética requer, em toda a extensão do domínio linguístico, categorias distintas” (Benveniste, 2011, 22, fº 67/ fº 319). (Teixeira; Flores; Laplantine, 2013, p. 224).

O Baudelaire é realmente apontado pelos comentadores e intérpretes de Benveniste como um texto inovador do linguista, justamente porque ele se permite sobre a literatura e as consequências além da literatura. Benveniste com sua reflexão do Baudelaire expõe sua teoria onde pensa a aproximação da língua poética do domínio linguístico.

Por isso, Benveniste propõe que a linguagem poética como um instrumento de análise importante ao linguista, pois nela é possível uma complexa e completa compreensão e análise da linguagem ordinária. Para Vier (2016, p. 36) pela linguagem poética Benveniste coloca em cena a necessidade de abandonar as categorias de análise que estavam sendo até então utilizadas para a linguagem ordinária. Essas categorias encontram na linguagem ordinária o signo saussuriano do uso comum, um princípio da unidade. A linguagem poética coloca em ênfase as palavras aladas não servem somente para comunicar, antes servem para viver. As palavras aladas estão no discurso. E é o discurso que interessa a Benveniste. Além disso, Vier destaca que Benveniste tem uma necessidade de novas categorias de análise a respeito da linguagem ordinária.

A linguagem poética de Baudelaire provoca uma reflexão que necessariamente ultrapassa o signo saussuriano, por isso, Benveniste reflete sobre uma semântica da enunciação e o texto Baudelaire é caminho para as reflexões em que a linguagem seria algo inapreensível. Por isso, deve-se abandonar as categorias de análise da linguagem, nisso o estudo da linguagem poética interessa ao linguista.

No discurso, as palavras podem ter diferentes sentidos, há uma constante reinvenção do sentido das palavras e nisso Benveniste estava atento, onde a busca da significação consiste na tarefa do linguista e isso perpassa e ultrapassa a linguagem poética e a linguagem originária nas formas possíveis de discursos. Logo, a relação entre significado e significante Benveniste aponta que não acontece no poema, pois Benveniste acredita que é a linguagem que orienta o fazer do poeta.

Por isso, Benveniste reconhece a produção de um discurso de um sujeito sobre a língua se realiza na língua, o que acessamos do outro é o discurso:

[...] produzir um discurso sobre o discurso de um homem que assume a língua. Ao fazer linguística, não há algo a ser reconhecido – porque partiria do signo-, mas algo a ser compreendido – porque é discurso. O que acessamos do outro é sempre discurso! E como pesquisar o discurso? A partir da semiologia. Desconsidera-se o signo? Não! (Vier, 2016, p. 162).

Benveniste coloca a reflexão sobre o signo em outras direções em que o signo é compreendido enquanto ponto de partida, não enquanto ponto chegada como entendia os estudos saussurianos. Nesse sentido, é apresentada a perspectiva da semiologia, talvez, o que Benveniste estava sinalizando é a semiologia seja um ponto de partida para aproximações entre literatura e linguística, em que se trata do discurso, do sentido e das relações produzidas pela enunciação. Para Vier (2016):

No entanto, é preciso entendê-lo a partir de outra perspectiva. Uma perspectiva que coloca o signo como ponto de partida e não como ponto de chegada de um estudo: ponto de partida de consideração semiótica. A partir de uma pesquisa semiológica, que coloca em relação os sistemas semiológicos, a língua funciona, em um primeiro momento, como interpretante semiológico dos sistemas. É preciso que haja um ponto inicial no universo para que possamos enunciar. A partir disso, é possível singularizar e particularizar um dizer: adentramos na consideração semântica da língua. Trata-se do discurso e não mais de uma relação semiótica: trata-se do sentido produzido na e pela enunciação. (Vier, 2016, p. 162).

Benveniste aponta que as relações de sentido são as relações que movem a língua, o sentido busca o modo de significar na obra literária. Deste modo, linguística e literatura nunca estiveram separadas. A literatura só pode acontecer no nível do discurso enquanto realização e significação do sujeito na fala. A linguagem poética forma a singularidade do fenômeno da linguagem. A poesia é uma instância que se manifesta na linguagem. Por isso, a proposta de Benveniste é um convite para investigar e ultrapassar o sentido do signo linguístico pensado além de Saussure!

Por isso, em nossa análise da obra *Diários de Tulio Carella* consideramos o signo linguístico, porém, não está restrito ao signo linguístico.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Neste capítulo, abordaremos a metodologia que constituiu esta pesquisa. Num primeiro momento abordaremos os aspectos metodológicos adotados nesta pesquisa, que indicam os caminhos realizados para a construção desta dissertação. Por último, apresentamos a categoria da autorreferência como uma categoria de análise do Diário de Carella.

3.1. Aspectos metodológicos

Para a pesquisa desenvolvida nesta dissertação adotamos o método qualitativo. Partimos do pressuposto que pesquisar a linguagem é estabelecer um sentido a respeito da realidade, por isso, nos debruçamos sobre os Diários para dar um sentido a sociedade daquele tempo e, ao mesmo tempo, tentar construir outras perspectivas de possam nos ajudar a compreender a atualidade. A pesquisa qualitativa vai criar um sentido aos significados, valores e atitudes que reconhecemos na obra literária que aqui analisamos.

Analisamos os Diários de Carella, tendo como pressuposto teórico a Teoria da Enunciação de Benveniste, elaborada nas obras *Problemas de Linguística Geral I* e *II*. Buscamos analisar dentro dos Diários de Carella a categoria de autorreferência desenvolvida por Benveniste. A autorreferência é materializada através dos índices de pessoa no discurso, são esses índices indicativos de subjetividade e intersubjetividade do sujeito. Assim, autorreferência é maneira singular do sujeito se posicionar enquanto sujeito do discurso. E enquanto sujeito do discurso esse indivíduo exprime sua subjetividade e singularidade.

Um pouco mais de cinquenta anos depois dos Diários terem sido escritos, estamos aqui recorrendo aos mesmos lugares, os mesmos caminhos que foram percorridos por Carella no passado. O objeto desta pesquisa é histórico, social, ideológico e não desconsideramos a objetividade e clareza dos resultados da análise da obra que aqui analisamos.

Em nossa pesquisa bibliográfica, nos debruçamos sobre todas as informações necessárias para melhor exposição da obra literária. Através de pesquisa documental pudemos catalogar toda bibliografia disponível na atualidade a respeito de uma melhor compreensão do texto de Carella.

Destacamos a posição que o locutor, aquele indivíduo que produz enunciados, e o alocutário, aquele indivíduo a quem se destina a mensagem e

estabelece uma relação de oposição ao locutor. Tanto o locutor como o alocutário ocupam nas instâncias de discurso suas características autorreferências, sendo posições na linguagem que não dependem de formas específicas existentes nas línguas.

Por isso, quando Benveniste analisa uma categoria de linguagem não podemos reduzir o pensamento dele às formas das várias línguas, sem dúvidas, isso é um indicador de que Benveniste seria um profundo conhecedor das várias línguas. Assim, a reflexão de Benveniste concernente aos pronomes é uma proposta geral, o que implica dizer que a linguagem prevê espaços para constituição e explicitação do falante. Na linguagem, as línguas asseguram a posição de pessoa como também de não-pessoa. O eu-tu e ele funciona no interior da língua como um dispositivo para fazer a diferenciação dos papéis de pessoa e não pessoa. A unicidade do eu parte do falante. Explica Dufour (2000):

Basta que se abra a boca e já se está interpelando alocutário em “tu”, e este, quando se acaba de falar, dirá “eu”, por sua vez, designando-nos como “tu”. Desde duplo movimento decorrem certos caracteres fundamentais - e paradoxais- afetando os dois pronomes pessoais da tríade: o índice “eu”, que especifica propriamente, a você e a você apenas - quando você diz “eu”, não a seu vizinho que está designando-, este índice é eminentemente alienável: com efeito, mal você tiver acabado de falar e seu alocutário já irá retomar por sua conta, sem outra forma de processo, o próprio índice que designava você, e somente você! A partir daí, ele irá designá-lo por aquilo com que você designava há um instante; esta é a segunda característica: “eu” e “tu” são inversíveis. (Dufour, 2000, p. 73).

Dufour explica o movimento na ação locutória, em que acontece como um movimento duplo na relação entre ‘eu’ e ‘tu’. Ou seja, há alguém que designa o eu, logo, o eu se materializa a partir da relação com tu que, neste momento ocupam posições inversíveis. Nessa linha de pensamento Dufour (2000, p. 73) se questiona sobre o que se troca nessas relações de inversão. Mas, realmente, o que se troca nessa inversão é justamente a qualidade específica do ‘eu’.

No discurso, a qualidade do ‘eu’ é imediatamente transferida a aquele que era denominado como ‘tu’ no momento que produz e manifesta sua posição no discurso,

sendo esta estritamente singular, simples e importante. Esse acontecimento singular que a princípio parece ser impossível é uma condição que evidencia pela temporalidade que é somente do sujeito que ordena o discurso, ou seja, eu ordena o discurso e aceita-se enquanto interlocutor.

Explica Dufour (2000, p. 73) que “a temporalidade do locutor, embora literalmente estranha e inacessível ao receptor, é identificada por este à temporalidade que informa sua própria fala quando ele se torna, por sua vez, locutor”. Em outras palavras, o que explica Dufour é que no movimento de mudanças de posições aquilo que se altera é a qualidade e a posição do eu que é transferida para posição do tu. É uma mudança sempre singular e que se atualiza na temporalidade do locutor. De fato, essa alternância se caracteriza como um dispositivo de realização autorreferencial do eu. Por isso, comenda Dufour (2000):

“Eu” e “tu”, estes dois signos vazios, não-referenciais com relação à realidade, resolvem de maneira extremamente simples um problema muito complexo, o da comunicação intersubjetiva: eles estão à disposição de todo o mundo e basta que alguém fale para que essas conchas vazias se tornem cheias. Do mesmo modo a concha vazia dos índices é uma espécie de autentificação e de atualização de nossa capacidade de simbolização. Desde que nos situamos nesse lugar, o resto da língua vem por si só. “Desprovidos de referência material, [esses signos] não podem ser mal empregados; nada afirmando, eles não estão submetidos à condição de verdade e escapam a toda denegação”, escreve Benveniste. Se um tal dispositivo comum não existisse, continua ele, em substância, se cada locutor dispusesse de um indicativo distinto (no sentido em que cada estação de rádio possui sua frequência própria), não haveria comunicação intersubjetiva, Benveniste traz, assim, à luz a extrema eficácia das duas primeiras formas verbais na solução dos problemas da comunicação intersubjetiva. (Dufour, 2000, p. 74-75).

Eu e tu são signos vazios, não referenciais em relação à realidade. Assim, quando alguém fala àquele signo vazio se torna cheio. Essa é a chave interpretativa de compreensão das passagens autorreferenciais na linguagem. Cada locutor possui um indicativo que o distingue e o singulariza no agir comunicativo. Por isso, o índice tanto de primeira como de segunda pessoa é marcado pela unicidade, pelo tempo do discurso. Na ação comunicativa, a alternância entre ‘eu’ e ‘tu’ constituem

um processo comunicativo na transmissão de informações que restabelece a ordem dos acontecimentos. Assim, é sempre no presente que o 'eu' fala a 'tu', com isso, refere-se a uma indexação criada por eles mesmos.

Por sua vez, 'Ele' é caracterizado pela ausência, pois quando eu e tu fala referem-se a 'ele'. Sobre isso, explica Dufour (2000, p. 90-91) que os dois termos da primeira díade 'eu' e 'tu' apresentavam-se numa relação inclusiva que se constitui pela presença, enquanto 'ele' introduz uma diferença, ou seja, uma radical heterogeneidade nessa relação inversível. Sendo assim, o 'ele' exige uma relação diferente da primeira díade, sendo não apenas uma relação de oposição, logo, 'ele' não evoca mais essa relação de oposição que acontece entre 'eu' e 'tu', mas sim uma disjunção de oposição a inscrição da presença.

Enquanto a relação 'eu' e 'tu' é marcada pela presença, a disjunção 'ele' é marcada pela ausência. 'Eu' e 'tu' cria uma alocação que se estabelece a temporalidade, sendo essa temporalidade indexada pelos marcadores do 'aqui' e do 'agora', que se manifesta imperiosamente no presente materializado pela alocação. Por esta razão é no presente da alocação que se concretiza o estabelecimento do presente. Contudo, isso só é possível na medida em que dois protagonistas expulsam a ausência de seu campo, sendo a ausência uma vez expulsa pela presença dos protagonistas é delimitado a condição de existência da forma 'ele'.

No interior do discurso há um marco temporal que é estabelecido pela exterioridade, ou seja, para que exista o aqui e agora torna necessário o exterior, que é a ausência. Explica Dufour (2000, p 91) que o marco temporal do discurso é interior ao discurso. Essa interioridade só pode ser estabelecida de forma efetiva em sua relação com a exterioridade. Deste modo, para que 'eu' e 'tu' estejam aqui e agora é necessário que um outro esteja fora ausente.

Neste sentido, a presença e a ausência são construídas através da sua referência na comunicação, o 'ele' significa ausência na instância do discurso e, simultaneamente, representa a presença dos outros. Por isso, o outro não é 'eu' e 'tu', não está presente no interior destes, afirma Dufour (2000, p. 92): "Para ser um (sujeito), é preciso ser dois, mas quando se é dois, já se é três. Um é igual a dois,

mas dois é igual a três”. A ausência não é exterior, a ausência tem que ser interior à experiência daquele que fala.

3.2. A categoria de autorreferência

Na pesquisa, buscou-se verificar a materialização da categoria de autorreferência por meio da obra literária de Carella. A autorreferência não é um fenômeno que se restringe apenas ao campo da linguística, na verdade, está caracterizada como uma pista do sujeito inserido na linguagem. A enunciação é entendida como um ato, uma potência geradora, da utilização individual da língua. A autorreferência é a captura do sujeito em sua fala. Isso significa que mesmo sendo capturado o universal na fala, simultaneamente, é registrado a fala particular sujeito, tendo em vista que através das categorias de pessoa, espaço e tempo é capturada a fala do sujeito falante.

A autorreferência nesse sentido relaciona o universal e o particular, ao mesmo tempo estabelece uma compreensão da relação entre língua e a realidade. Há um conjunto de signos indicadores de pessoa, espaço e tempo, que pretendemos analisar nos diários de Carella, e que tem uma referência necessária estabelecida na instância do discurso e cujo sentido está em relação à função e ao uso do signo autorreferencial. O signo autorreferencial é flutuante e se manifesta dentro do discurso que o atualiza, adquirindo a existência linguística quando proferido no ato do discurso que remete ao signo autorreferencial. A propriedade autorreferencial do signo não é ao mundo concreto, antes constitui e remete a uma realidade que o próprio signo constitui. Deste modo, o signo autorreferencial exhibe sua realidade do discurso e remete sua realidade do discurso, sendo a referência do signo autorreferencial constituído por ele mesmo.

A autorreferência acontece no interior da língua. Nesse sentido, é importante diferenciar a referência da autorreferência na perspectiva de Benveniste. Por sua vez, a referência é uma possibilidade de reflexão da relação entre as palavras e suas relações com as coisas, seja natural ou convencional, no signo há uma indissociabilidade entre pensamento e forma sonora correspondente. Significante e significado são indissociáveis no signo, é um laço necessário, por isso, a arbitrariedade para Benveniste não estaria no signo, mas sim no fato de um elemento da realidade ser determinado a um signo.

Sabendo que há uma relação entre significante e significado, então Benveniste propõe uma nova possibilidade de pensar a arbitrariedade do signo que é passível a mudanças. A referência do objeto está relacionada com a constituição do signo, ou seja, referência enquanto ato de apontar objetos no discurso, inclusive, porque para Benveniste o signo está em relação, tendo em vista que um signo conserva aquilo que os outros não mantêm, configurando uma relação necessária do signo. Assim, há sempre uma possibilidade de ressignificar o mundo a partir dos recursos que a língua dispõe, a partir do seu ponto de vista e dos aspectos culturais de seu tempo e da sua experiência particular.

O que é interessante é que esses elementos emergem na obra literária que aqui pretendemos analisar pela Teoria da Enunciação. Nesse aspecto, a autorreferência é uma imposição dos falantes diante da sua capacidade de significar e ressignificar o seu mundo, sendo a coisa significada integrante da realidade do discurso.

Assim, é no interior da língua que o fenômeno da autorreferência se manifesta, pois existe uma correspondência entre os signos que compartilham da natureza do 'eu' na autorreferenciação. Assim quando se fala do 'eu' há uma dupla compreensão que Flores (2019) explica: "uma correspondente aos signos cuja referência emana da enunciação (os da esfera do "eu") e outra correspondente aos signos cuja referência não emana da enunciação, mas da própria língua (os da esfera do "uso cognitivo")" (Flores, 2019, p. 86).

Na enunciação os signos estão em relação, sendo o 'eu' um elemento lexical compreendido em relação ao seu uso e emprego, como também, ligado a referência de um objeto singular, idêntico a sua representação. Decorre daí que o 'eu' é caracterizado enquanto instância para que demais signos possam ser atualizados, o eu engloba todos os aqueles que assumem a posição de locutor, por isso, não denomina uma entidade lexical porque se define apenas em termos de locução. E na enunciação, nesta rede de relações entre os indivíduos, assumindo a posição no discurso a posição do 'eu', que o locutor cria o aqui-agora, ligando o cognitivo da língua a enunciação. A natureza referencial do eu refere-se ao seu próprio uso na realidade do discurso.

O *eu* expressa sua relação com o mundo, apesar de usado, também, pelos interlocutores para estabelecer sentido ao discurso, o '*eu*' é atualizado na enunciação através dos signos que expressam o '*eu*' do discurso que tem sua relação com o mundo, o que nos direciona a reflexão à respeito da categoria de pessoa.

A distinção entre pessoa e não pessoa formulada por Benveniste em seu artigo "Estrutura das relações de pessoa no verbo", apresentou a noção de pessoa e a estrutura da enunciação entre aquele que fala com quem se fala e a quem se fala. A posição de diferença simétrica entre a primeira, segunda e terceira pessoa distingue aquele que fala daquele a quem se dirige a fala distinta daquele que está ausente. Deste modo, '*eu*' designa aquele que fala no enunciado, no discurso o '*eu*' fala a partir de si. O '*tu*' é designado a partir da relação que estabelece com o eu, um predicado do eu, assim, '*eu*' e '*tu*' constituem a categoria de pessoa que se distingue da categoria de não pessoa. Explica Flores (2019, p. 92) sobre as possibilidades de como se constitui a referência nestas categorias eu-tu:

o "*eu*" tem sua própria referência, que corresponde cada vez a um ser único;

o "[...] eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor". (Benveniste, 1988, p. 288, destaques o autor);

o "*eu*" e o "*tu*" se referem, portanto, a uma realidade de discurso;

o "*eu*" e o "*tu*" se referem à enunciação, cada vez única, que os contém, e refletem o seu próprio emprego. A conclusão, aqui, é evidente: utilizando o que foi dito acima acerca da autorreferencialidade, pode-se facilmente afirmar que a categoria de pessoa é autorreferencial. (Flores, 2019, p. 92).

A terceira pessoa é um enunciado fora da relação eu-tu, por isso, ele não é considerado pessoa. A diferença entre pessoa e não pessoa acontece porque '*eu*' e '*tu*' possuem a característica da unicidade, são unidades no ato enunciativo, já '*ele*' pode ser qualquer coisa que seja '*eu*' nem '*tu*' inclusive, não ser invertido como eu-tu. '*Ele*' é a possibilidade da predicação, o que não acontece com eu-tu.

Nesse sentido, ‘eu’ é pessoa subjetiva, ‘tu’ pessoa não subjetiva, pois quando se fala, fala do interior do ‘eu’, sendo o ‘tu’ uma realidade não subjetiva porque é uma instância exterior ao ‘eu’ e, com isso, instaura a realidade do discurso. O eu constitui a propriedade da interioridade na enunciação e transcende na sua relação com o tu. Logo, o tu é uma pessoa não subjetiva em relação com a pessoa objetiva representada pelo eu. Tanto ‘eu’ como ‘tu’ estabelecem relação de oposição a não pessoa ‘ele’, uma correlação de pessoalidade em relação a não pessoa. ‘Ele’ não remete a si mesmo, logo, não pode ser pessoa, mas se caracteriza pela instância da predicação, uma referência objetiva do discurso. Explica Flores (2019, 92-93) sobre a categoria de não pessoa:

“[...] se refere a um objeto colocado fora da alocação”.
(Benveniste, 1988, p. 292);

não remete a si mesma, logo, não é reflexiva da instância de discurso, portanto, não é autorreferencial;

combina-se com qualquer referência de objeto;

não é compatível com o paradigma dos termos referenciais “aqui” ou “agora”. (Flores, 2019, p. 92-93).

A função do “ele” no discurso é representar, enquanto eu-tu se refere a realidade do discurso, ou seja, referem-se a si mesmos e por isso são autorreferenciais, por outro lado, o “ele” não faz referência a sua utilização ou posição no discurso podendo inclusive ser uma realização independente da enunciação. A pessoa tem existência dada a sua posição que estabelece relação com a pessoa não subjetiva. A referência ao discurso é o que constitui os traços do eu-tu por meio dos indicadores que pertencem a classes distintas, logo, os indicadores de pessoa, espaço e tempo instituem tem o eu como instância autorreferencial no discurso.

O *eu* institui os indicadores pelos quais o locutor é consagrado como sujeito, na subjetividade do indivíduo é onde se organizam os elementos autorreferenciais no discurso. Sendo assim, no discurso todos os indicadores de tempo e espaço estão organizados em função do ‘eu’. Da mesma forma, os indicadores que

constituem o não-eu também se organizam no discurso na constituição da segunda pessoa 'tu'. Por isso, todos os indicadores autorreferenciais são indicadores de pessoa. O aqui e agora constituem a instância espaço-temporal na instância do discurso que contém o 'eu'.

Logo, indicadores de espaço e tempo existem por sua relação da instância do 'eu' no discurso, quem fala sempre é a referência dos indicadores no discurso. A referência ao sujeito que fala remete a enunciação e aos elementos da língua em discurso. O 'eu' institui a instância do discurso, o 'eu' é autorreferencial em relação aos outros indicadores autorreferenciais tendo em vista que o 'eu' estabelece e marca a sua existência singular no discurso e, conseqüentemente, surgem os demais os demais marcadores autorreferenciais.

Há um papel central no 'eu' que move o locutor no tempo. O 'eu' cria a instância do discurso, que inserido no tempo, estabelece sua autorreferência. Benveniste (1989) explica em seu artigo "A linguagem e a experiência humana" que através do tempo linguístico é que emerge a instância do discurso. Sendo o ato de fala necessariamente individual, é na instância do discurso que se revela o presente. Por isso, a temporalidade linguística deveria ser uma realização no universo intrapessoal do locutor sendo sua experiência subjetiva transmitida.

Na experiência em que se narra experiência pessoal como o diário, o passado não é definido em relação ao presente do meu ato de fala, mas sim está relacionado à experiência. A temporalidade que é individual e que organiza o discurso. Assim, a condição da inteligibilidade da linguagem encontra-se na temporalidade do locutor, mesmo essa temporalidade seja inacessível ao receptor.

É a temporalidade que informa a fala, quando o sujeito se torna locutor. O eu que na instância do discurso instaura cria a sua autorreferência tanto em potência como na atualização da potência. Sendo o eu uma manifestação do ato de fala individual, então a temporalidade é uma condição linguística que se realiza na experiência individual e subjetiva do eu narrador que transmite a si mesmo no ato de fala em sua relação com o interlocutor.

A temporalidade se revela na linguagem através do locutor, ou seja, a temporalidade informa na fala o locutor. A temporalidade linguística se realiza no ato

de fala individual do locutor que transmite o seu universo e sua perspectiva subjetiva, assim o tempo está completamente imbricado com a experiência daquele que fala em sua relação com o interlocutor.

A autorreferência para Benveniste é compreendida dentro da perspectiva de que “é ‘ego’ que diz ‘ego’” (Benveniste, 2020, p. 286). A definição autorreferencial é uma retomada do sujeito, retomada definida por ele mesmo, com isso, o sujeito é convertido em discurso. Com isso, o discurso é ordenado a partir do momento em que o interlocutor passa a ser designado por eu, que neste instante se dirige por tu. Aqui vai ser o lugar, digamos que seria o cenário em que eu e tu estabelecem suas performances discursivas, agora é uma instância de tempo do discurso que permite a compreensão da temporalidade do discurso, antecedente e consequente.

A comunicação intersubjetiva faz com que o sujeito através dos indicadores aqui e agora estabeleça a condição subjetiva do sujeito falante em sua alocução. Eu jamais poderia ser um outro, o ‘eu’ é um constitutivo da identidade autorreferencial. No discurso o ‘eu’ corresponde a ele mesmo, ou seja, é o sujeito quem diz eu, o ser falante, *Homo loquens*. Logo, a autorreferência refere-se à experiência de cada sujeito falante em sua língua.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS *DIÁRIOS DE TULIO CARELLA*

Os Diários de Tulio Carella enquanto memórias de uma confissão ou ficção da trajetória? Com os trocadilhos da questão, voltamos nossa reflexão a respeito do diário enquanto crônica da memória de um sujeito que foram registrados numa espécie de diário. Ou seria o diário uma espécie de ficção de uma mente geniosa, poderia os diários de Tulio ser uma obra confessional e ficcional sem nenhum vínculo com a realidade? O que podemos dizer é que a escrita do diário modifica a vida de Túlio, há uma reviravolta a partir do momento que os diários ganham seus leitores. Nesse momento, nos questionamos, é possível um diário marcado por suas memórias intimistas e marcadores autobiográficos ser reservado ao desconhecido?

Até pouco tempo, a prática e impulso da criação, como também, a alimentação de informações do diário, foi uma prática muito recorrente. Hoje o diário ganha novos impulsos, agora através de novos instrumentos, por exemplo, pela rede X (antigo *Twitter*) e outras redes, por exemplo, Instagram, onde as narrativas autobiográficas acontecem através de imagens podendo ou não ser acompanhadas de textos pequenos. De fato, as confissões são registros que se intensificam a partir da modernidade, com a curiosidade do sujeito em si mesmo. Vemos um processo de massificação e multiplicação de autobiografia. Mas, de onde surge a necessidade de o narrador aprofundar de expor sua vida íntima? E quais as estratégias para o escritor atrair seu leitor no seu diário íntimo? Esse movimento cria um movimento de desconfiança no narrador do texto confessional, ao mesmo tempo que percebemos uma intensificação em torno das questões da subjetividade.

A obra *Os diários de Tulio* apresenta um conjunto de oito capítulos. No primeiro capítulo, Camélia, uma espécie de vidente e oráculo, uma figura mística e escatológica, inaugura o texto, assim como Moisés que capturou as palavras ditas pelo sagrado, Lucio Ginarte é aquele receptáculo das palavras ditas por Camélia. Camélia é um cavalo, é uma espécie de instrumento para o Grande Mojotoro. Nesse sentido, o grande Mojotoro é o grandioso e revolucionário poder que emana do povo latino-americano, que diz:

Deuses da América, anunciamos os que vem. Homem bom, homem nobre, homem puro que vai ao Recife, através de ti iniciamos hoje

outro contato com as forças que surgem da América. Nossa América, que desperta para o seu destino. Esta é a terra dos grandes homens que ainda não puderam unir-se, apenas surgindo como uma amostra da nova humanidade, pois, renovada, volta a cumprir seus desígnios. É preciso lavar a lama endurecida, a indignidade, o crime e a imolação. Há séculos que aguardamos o momento de despertar. Agora aproxima-se o nosso tempo. Os índios, os filhos da terra, irão ao encontro daqueles que vêm de outros países avassalando seus campos. Uma intensa luz brotará do nosso seio para cegá-los. Preparamos os sulcos que se abrirão para a sementeira. Nunca como hoje, neste hoje, eterno que olhamos do alto, no tempo imortal onde tudo é uno. É preciso construir unidade.... é preciso... Baixamos... (Carella, 2011, p. 31).

Falam os deuses, não os deuses europeus, mas sim os deuses antiquíssimos que antes de Ginarte não tinham a quem se expressar. Ginarte é como elo de conexão com esses antigos mestres, é aquele que anuncia mudanças previstas pelos antigos, mas só agora acontece porque tem seu profeta a quem se comunicar.

Os Deuses da América não falam ao passado, falam ao presente e principalmente ao futuro. O interessante de Lúcio Ginarte é que o destino não é associado ao passado, ao contrário, os Deuses falam e se manifestam a respeito do futuro, eles são o próprio tempo que despertam em nós latinos o desejo de mudança e unidade. Havia um esgotamento de Túlio em relação às dinâmicas da Argentina, sua terra natal, o que faz com ele pense sobre o destino que o esperava: “Que o trouxe? Por que veio? Que deve fazer nesta terra? Sua vida já não estava completa, acabada? O destino tem algum plano a seu respeito” (Carella, 2011, p. 43). Se estávamos sujos de lama, a que lama se refere o grande Mojotoro? A lama da velha moral e consciência cristã, branca e europeia. Estávamos, para o Grande Mojotoro, sujos da velha moral que só fazia nos oprimir e agora eis o tempo da libertação.

Assim como Nietzsche anuncia para humanidade o *Ecce Homo*, o grande Mojotoro anuncia para todos o homem verdadeiro, aquele que despertaria a consciência coletiva da América Latina, Lucio Ginarte. São novos tempos, onde os filhos desta vasta terra latina não serão mais assujeitados, mas sim as outras nações que se assujeitaram, como na dialética do senhor e do escravo, o escravo não rompe os velhos padrões, nesses novos tempos os filhos da América Latina não desejam romper a lógica mas sim reproduzir a lógica dos anteriores

dominadores e ao mesmo a instauração de uma nova ordem, numa espécie de dialética a unidade colocada pelo Grande Mojotoro é uma espécie de supressão não do indivíduo, mas do espírito universal, do desejo da ruptura do contínuo com a velha lógica e com a instauração de uma nova ordem na nova América Latina. Nessa instauração da nova ordem que surgem os homens e mulheres, nada há o que temer disse o grande Mojotoro aos seu mensageiro Ginarte:

Não se amedrontem com os cães que ladram no caminho, não se intimidem com os covardes, não percam as forças em discussões inúteis, concentrem a mente na missão que devem cumprir, permanecendo no ponto de mira e de combate. Irmãos no Senhor: chegou a hora do trabalho e da sementeira. (Carella, 2011, p. 32).

Há um encorajamento aos povos latinos em torno da unidade. Que cães são esses que aparecem no caminho? São os cães do autoritarismo, do militarismo, das ditaduras que impunham sua opressão pesada ao povo, opressão que o próprio Lúcio sentiu na pele. Chegou a hora do trabalho é um antes uma convocação a superação das limitações em direção a unidade coletiva, afinal, toda e qualquer transformação social só é materializada pela tomada de consciência de todas as populações.

Tudo acontece numa espécie de transe onde o sagrado e universal se encontra com a singularidade e fraquezas de Camélia em sua humanidade. Assim, humanidade e transcendência se encontram como se todo o nordeste brasileiro se encontrasse com infinito. Com isso, “Camélia saía-se com o futuro da América que, neste momento, lhe interessa muito pouco” (Carella, 2011, p. 33). Lúcio estava preocupado mais com o que estava reservado para o seu futuro do que para o futuro de toda uma América Latina. Os próprios processos da dialética da existência do indivíduo se encontram e desencontram os processos e movimentos da própria coletividade. Mas, quem foi Lúcio Ginarte?

Lucio Ginarte é um indivíduo contraditório. Tem uma austera formação católica, uma mentalidade de puritano para que os outros, e uma insaciável curiosidade intelectual. Apaixonou-se pela questão do destino durante toda a sua vida. Existe o destino? Existe o livre-arbítrio? Um e outro são compatíveis? Não ignora a afirmativa: Está escrito que não vai chover, mas podes levar um guarda-chuva.

E se não tens guarda-chuva, e se o vento o destrói, se o roubam num restaurante? (Carella, 2011, p. 33-34).

Dentro do diário íntimo destaca-se Carella falando de si em terceira pessoa. Carella fala de si em terceira pessoa como numa espécie de distanciamento. O que pode representar esse distanciamento? Talvez o sentimento de culpa ou vazio diante da liberdade da própria existência. Com isso, o problema do destino aponta a necessidade de resposta para o problema do livre-arbítrio, somos livres mesmos em sermos como somos? Somos livres para escolher aquilo que queremos fazer? Há liberdade na existência ou a existência é necessariamente dura e cruelmente determinada no tempo?

A vida é completamente contingente, ou seja, a existência extrapola as situações limites da liberdade da vida humana, a contingência é a infinita possibilidade de situações que não podem ser determinadas pelas limitações da liberdade, por isso, a liberdade pode ser entendida como uma prisão porque impõe limites na escolha. Ser livre, por exemplo, impõe que quando chova a pessoa saia de casa com guarda-chuva ou sem guarda-chuvas, não uma terceira possibilidade.

Porém, a contingência da liberdade faz que o indivíduo se perceba pela angústia entre escolher viver bem a vida ou não, mas o que seria *viver bem* a vida? *Viver bem* é *viver de autêntica*, ou seja, viver de forma verdadeira diante das relações que aparecem na vida de forma singular. Está diante do absurdo da existência, o absurdo da existência é perceber que há contradições e a necessidade de superação das contradições inerentes à existência. Por isso, Ginarte desperta-se em sua singularidade, mas ao despertar-se de sua noite escura consegue despertar a todos? Tirar a todos de suas próprias cavernas obscurantistas?

O que Lúcio queria realmente era saber o seu destino, era uma previsão de sua própria liberdade. Mas, se há uma antecipação, pouco que seja, Lucio estaria mesmo sendo livre? Porém, só há futuro do indivíduo quando toma consciência de si e para si em coletividade. Como um profeta futurista destinado a sacrificar seus propósitos em prol de propósitos de toda a América Latina, Ginarte oferece seu sacrifício profético:

Devo abandonar meu país, minha família, minha casa, meu trabalho, meu cachorro, para passar um ano numa cidade que não conheço e que, por isto mesmo, me atrai. Não posso negar que me sinto vaidoso por ser chamado de tão longe. Também não posso negar que estou cansado dos meus compatriotas, da instabilidade política e social que me perturbam mais do que quero confessar. Não faz muito tempo, certo jornalista, ao comentar uma de minhas obras, deduziu que eu apresentava alarmantes sintomas de amolecimento cerebral. É uma filha da puta ignorante metida a crítico. (Carella, 2011, p. 34).

Há resignação e solidariedade aos propósitos universais e, em certo aspecto, de forma evidente, um descontentamento com os rumos de sua existência em seu país. Mas, o que chama sua atenção em sua escolha por Recife? Seria “ensinar Teatro em recife? Que é o Recife? Como é possível deixar Buenos Aires por uma cidade perdida na imensidão do continente americano?” (Carella, 2011, p. 35). Na verdade, a única certeza de Lucio foi da solidão dos afetos, como diz: “A realidade: a viagem, a solidão, a incerteza, a quase certeza de que entre eles se interporão corpos ou afetos novos, diferentes” (Carella, 2011, p. 36). Por isso, neste momento, não criamos a expectativa de sintetizar e caracterizar o diário enquanto memórias de uma confissão ou ficção da trajetória. Mas, pretendemos trazer as discussões de alguns elementos do diário de Carella antes de qualquer conclusão.

4.1. O estrangeiro no diário de Carella

O texto *Orgia* é um texto inquietante, pois possibilita ao leitor refletir sobre a condição do estrangeiro. Principalmente, quando não está no aconchego dos afetos, estrangeiro não é condição geográfica, antes é o resultado das interações do sujeito em sua comunidade social, surge uma espécie de desconforto. Estrangeiro é o desconforto, a inquietação e, antes de tudo, estranhamento! De fato, há possibilidade de ser estrangeiro em sua pátria. Desconfio que motivou a passagem de Carella por Recife foi a sensação dele ser estrangeiro em sua pátria, dentro de uma Buenos Aires conservadora, por isso, ele argumenta que “parece destino da raça humana buscar o estranho, o longínquo, o diferente” (Carella, 2011, p. 45).

Após a sua deportação extraoficial, em plena ditadura argentina, fica recluso, cai no esquecimento, assume a condição do estrangeiro que se torna anônimo em sua pátria. O fato é que fora do seu meio o sujeito encontra o sofrimento, a solidão da sua mesmidade. Porém, já em exílio, alguns por opção como Carella, o expatriado pode tornar sua existência interessante. Os ciganos, romeiros e viajantes vão tentar tornar essa experiência a melhor possível. Muitas vezes, o estrangeiro vai em busca da satisfação de um desejo ideal e depara-se com situações que se misturam. O estrangeiro encontra-se na possibilidade do desenraizamento, e desenraizamento é mudança cuja origem seria a curiosidade, essa passagem assenta a base da tolerância. Carella argumenta que “Ao longo de minha existência pude comprovar que o emigrante que não se assimila inquieta-se e torna-se pernicioso para o país em que se instala” (Carella, 2011, p. 114). Ao final, o estrangeiro ao quebrar fronteiras busca uma terra segura, torna-se imprescindível olhar além das fronteiras, converter a condição do estrangeiro em escrita é o que Carella faz em seu diário.

A esperança é que toda fronteira sempre indica passagem, mudança. O desejo pelo desconhecido é o que moveu a passagem de Carella por Recife, na busca da satisfação que porventura procurava em Recife. O sujeito por reconhecer na linguagem sua mesmidade, encontra na língua materna sua morada, seu conforto da subjetividade em constante confronto com o social que lhe era sentido aqui em Recife. O seu estranhamento linguístico cria uma necessidade de modificar sua posição em relação às novidades que se manifestavam. Lidar com estrangeiro de si

mesmo foi um desafio para Carella, essa condição é exteriorizada pela escrita do diário. Pode ser o diário um texto ficcional desprendido da realidade? Sim, pode. Mas, antes de qualquer suspeita, o diário de Carella é um manifesto do sujeito falante, é um grito autobiográfico das formas e forças diversas de segregação. Qual seria a civilização sonhada e desejada por Carella? E como estava a sociedade fora do sujeito? O estrangeiro consegue captar as estranhezas das direções autoritárias que ganhavam forças no Brasil. Explica Koltai (2000):

Estrangeiro pode ser tanto o Outro inimigo - que pode ser imigrante, árabe, nordestino, negro ou judeu, dependendo da cultura e da época -quanto aquele que fascina por ter sobrevivido à separação. Objeto identificatório e contra-identificatório, diante do estrangeiro o sujeito nunca permanece indiferente, até porque é como se tivesse de fazer existir fora de si algo que lhe é exterior. E se o Outro fosse eu mesmo? (Koltai, 2000, p. 17).

Ultrapassar as fronteiras deixa suas marcas no sujeito, aliás, na história da literatura as migrações deixam lições ao estrangeiro, Homero muito bem desenvolveu suas tramas literárias em torno dos dissidentes em exílio. E o sujeito só encara o exílio se tiver algum, isso nos faz pensar: quais os reais motivos que trouxeram Carella ao Recife? O fato é que abandonar suas raízes dos afetos sempre é difícil. O curioso com o exílio a terra natal passa a ser a o espaço desejado, além do que, “o trauma da ruptura pode provocar uma subversão e levar o sujeito a realizar o que jamais poderia ter feito em seu país natal” (Koltai, 2000, p. 21).

O estrangeiro espera ser bem vindo, vem de algum lugar e espera não ser mandado de volta, mas Carella foi. Na linguagem Carella expõe toda a sua insatisfação, “o lugar do estrangeiro deixa de ser um simples além das fronteiras, num exterior virtual, e passa a ser um lugar de exclusão interna, que fixa o estrangeiro lá onde se esvai a ilusão de que a linguagem pode tudo e de onde se descortina o abismo” (Koltai, 2000, p. 22). O conceito de estrangeiro nos diários de Carella é compreendido dentro da categoria sociopolítica e, como num espelho, o diário reflete a imagem do seu autor. Por isso, o texto de Carella é um convite, antes de tudo, para questionarmos os aspectos sociais e políticos que o texto foi

produzido, ou seja, o conteúdo deve ser analisado levando em consideração a realidade histórica.

O fato é que os diários de Carella narram o fascínio em relação ao estrangeiro, o fascínio pelo estrangeiro que se encontra próximo surpreende e manifesta estranhamento que invade a população recifense na década de sessenta. O outro como bom selvagem só resta exterminar ou assimilar o sujeito Lucio Ginarte. Em sua inocência selvagem, através do instinto puro, Carella potencializa sua liberdade e se submete à cultura, assumindo que “o paradigma se caracteriza pela suposição da existência de um outro gozo, de uma outra satisfação, que seria privilégio e monopólio desses povos distantes, que representa, uma estrangeiridade radical, selvagem” (Koltai, 2000, p. 70). O fato é que as diferenças, a distância tornava o Recife fascinante para Carella, na mesma proporção, extremamente ameaçadora para um estrangeiro! Carella se propõe a desbravar a Recife, pois “começa a andar para apreender os aspectos da cidade” (Carella, 2011, p. 58). A apreciação do exótico se caracteriza pela intimidade que Carella descreve, o que cria uma espécie de gozo dos recifenses em relação ao estrangeiro. A transformação do outro em exótico é uma maneira de se deparar com o estrangeiro.

O texto *Orgia: Os diários de Tulio Carella* formula uma possibilidade de reflexão sobre o sujeito que interroga e questiona as formas de poder e os problemas da constituição da identidade, da masculinidade, da sexualidade, estrangeiridade, da linguagem e do destino da sociedade. Afinal, o que significa a hospitalidade? Segundo Benveniste, no PLG I:

Através de *hostis* e dos termos apresentados no latim arcaico podemos captar um certo tipo de prestação compensatória que é o fundamento da noção de “hospitalidade” nas sociedades latina, germânica e eslava: a igualdade de condição transpõe para o direito a paridade assegurada entre as pessoas por meio de dons recíprocos. (Benveniste, 2020, p. 355).

O termo *hostis*, segundo Benveniste, em sua origem estabelece uma relação com aqueles que o rodeiam, o estrangeiro assume o papel de hóspede, sendo aquele que goza de vantagens, principalmente, a partir da reciprocidade muitas

vezes ligada ao sentido histórico, político e jurídico. O fato é que o texto levanta uma demanda, principalmente no âmbito da significação quando nos é apresentado uma pessoa que sofre em seu corpo e em seu pensamento, trata-se de um texto onde o próprio autor dirige-se a si mesmo enquanto outro, ou seja, através da obra literária o autor se coloca na posição do outro, nisso a palavra exige acolhimento desse outro produto e ator do discurso que possibilita a identificação das relações de poder, das operações do desejo. Nesse sentido, o leitor ocupa o lugar do grande outro, desse outro que narra e expõe o sujeito em sofrimento. Nesse sentido,

Lacan quis que reconheçêssemos nisso o encontro, na experiência analítica de cada sujeito, com objeto, objeto que ele designou como “objeto a”; objeto, ao mesmo tempo, causa do dizer, causa do desejo e resto, isto é, um impossível de dizer. Encontro, portanto, com um real, encontro revelador de um fato de estrutura. “Trata-se, diz ele, de convencer vocês com relação à dependência estrutural do objeto, da dialética inicial do significante, na medida em que ela vai dar na não-resposta do Outro”. Questão relativa, portanto, a uma descontinuidade entre um real enraizado no corpo vivo, no mais íntimo de um sujeito, e a dimensão simbólica, ou seja, e o que desse real se pode dizer. (Koltai, 2000, p. 10).

Isso significa a relação narcísica através do objeto amável em que acontece a identificação no através do olhar do outro, assim, através do diário de Túlio, as experiências vão se revelando ao sujeito que realiza sua transferência na dissimulação do seu próprio olhar sobre o Recife na década de sessenta, colocando-se numa posição de gozo. Logo, o nível do real apresentado Carella nos diários é causa de desejo e até indizível na totalidade das experiências. Logo, o real apresentado por Carella nos diários mantém uma relação de encanto e revelação com a estrutura significante apresentada. Por isso, a riqueza dos detalhes dos acontecimentos passa por corpos, por sujeitos e locais ditos e expressos pela dimensão simbólica representada na relação nas relações entre ‘eu’, ‘tu’ e ‘ele’. Sobre isso, acrescenta Dufour (2000):

O nó borromeano é a ocorrência topológica da trindade. Como cada uma das ocorrências da trindade, esta pode ver-se encarregada de exprimir a trindade “natura” do homem na língua. É certamente um progresso sobre as representações trinitárias transcendentais dos

relatos monoteístas, até mesmo um progresso sobre as representações edípicas da trindade próprias ao relato psicanalítico. (Dufour, 2000, p. 261-262).

Nos diários deve haver algo interno no funcionamento da língua, algo que é espontâneo e encontrado pela linguagem e isso é manifestado nas relações interlocutórias e interlocutórias da tópica eu-tu-ele presente na obra literária. Nessa direção, o diário de Carella é de caráter confessional, nesse sentido, há uma confrontação do sujeito com o outro, o outro é um dispositivo psicanalítico que podemos verificar através das palavras do sujeito Lucio Ginarte e a sua inconsistência. Por isso, a estrangeiridade de Lúcio Ginarte é um lugar daquele que fala, logo o falante é aquele que narra e significa sua situação de estrangeiro no diário. Segundo Carella (2011, p. 43):

Verifica que o português não é tão fácil como imaginou. Uma coisa é a linguagem coloquial, cotidiana, feita de frases curtas, e outra falar, simplesmente, português. Embora já houvesse estado várias vezes no Brasil, Lúcio não precisou esforçar-se muito para ser compreendido, pois as conversas eram sobre generalidades. (Carella, 2011, p. 43).

Vemos que há experiências que expressam por meio das diferenças culturais que quando expostas, então Lucio muda a fala de primeira para terceira pessoa, mas qual o motivo do distanciamento do narrador? Porque a estrangeiridade de Lúcio não é uma experiência de um indivíduo, antes é uma dimensão coletiva? A ausência do desfecho diário representa uma descontinuidade, pensando sobre a ausência do desfecho do diário, na ausência da presença do desfecho há um sentido pois fica uma sintonia de significação de marcas deixadas pela ausência do sujeito. Nesse sentido,

A essa falta do Outro, que é de estrutura, o sujeito vai ser exigido a responder. Os significantes que preexistem a ele e a parte de gozo que ele perdeu pelo fato de sua entrada na linguagem serão seus meios de invenção de um sintoma que lhe seja suplência para o que falta ao Outro. Mas como os significantes não bastam, sozinhos, para garantir um sentido ao sintoma, porque é precisamente à ausência

de garantia no Outro que ele pretende responder, resta, então, ao sujeito, fixar o sintoma em sua significação, buscando do lado do gozo o que não encontra do lado do significante. Por isso, como resposta, o sintoma traz sempre uma dupla marca em sua determinação, a marca dos significantes do sujeito e a marca das satisfações que ele procura. (Koltai, 2000, p. 11).

Os significantes possuem uma estreita relação com os desejos, logo, os significantes determinam o desejo que o reconduz a pulsão sempre pungente de Lúcio em suas relações com o Outro e também com o Outro de si em terras que antes nunca havia estado, ou seja, há uma confrontação do sujeito com falta daquilo que não tem mais, há uma modificação subjetiva pela forma que interage com Outro. Por isso, Freud observou esse efeito de divisão do sujeito nas formações do inconsciente, formações nas quais o sujeito se manifesta na cadeia significante com um elo faltante. Ou seja, falta sempre, na série de significantes, um significante a mais, suscetível de nomear o sujeito" (Koltai, 200, p. 12). A epifania da falta do sujeito confronta-se com a modificação subjetiva no reconhecimento imposto pelo significante.

É através da linguagem que Carella encontra as respostas para sua realização enquanto homem que na linguagem encontra morada, um conforto através de cada palavra posta no seu diário. Além disso, a figura do estrangeiro se caracteriza como o indivíduo que se encontra na fronteira do singular subjetivo em relação com o social. Sobre a consciência de ser estrangeiro, diz Carella (2011, 45-46): "Sabe que é estrangeiro e, como tal, desejado. Parece destino da raça humana buscar o estranho, o longínquo, o diferente.

Nesse sentido, todos agem como primitivos, e dão ouro em troca de contas de vidro." Há uma relação de mal-estar na civilização que atravessa o sujeito psicanalítico, social e político. Carella reprimido, torturado e perseguido está em sintonia social, sintonia que é particular e subjetiva, mas também é coletiva e social, por isso, no texto há um interesse pela civilização. A noção de pessoa que fala de si, sempre de si, seja em primeira ou terceira pessoa, apresenta na sua enunciação um 'eu'. É justamente esse 'eu' em suas dimensões subjetivas que buscamos compreender através do discurso que faz de si.

Nas obras de Carella podemos considerar que há um movimento de volta a si, assumidamente autobiográficos, em que sobressai a memória de Carella. Roteiro Recifense antecede *Orgia*. Nisso, emergem o corpo como objeto a ser dissertado por Carella, materializando uma fenomenologia dos corpos. Explica (Mendonça & Silva, 2020, p. 91): “Os corpos negros, vistos no microcosmo do centro do Recife, inebriaram e seduziram Tulio Carella, muito mais que a própria cidade e o seu grande salão intelectual.” Os corpos masculinos e negros são percebidos como objeto de prazer na escrita de si. Nisso, “A África é uma imagem relacionada, portanto, ao erotismo e à beleza dos corpos de homens negros, além de uma certa permissividade, que, depreende-se, não existia em sua vivência em Buenos Aires” (Mendonça & Silva, 2020, p. 92).

Orgia, enquanto obra literária, é o lugar que fazemos a análise do lugar e a experiência do estrangeiro, do encontro subjetivo com universo simbólico em Recife, o que marca também a ausência simbólica do sujeito falante e existente enquanto estrangeiro marcada pela inquietação e estranhamento do sujeito. Carella nos diários possibilita compreensões alternativas em relação a comunicação de um estrangeiro. Por exemplo, “Lucio pensa que não conhecer bem um idioma isola, mas às vezes permite dizer somente o essencial, usando o silêncio como meio de comunicação (Carella, 2011, p. 50). Sobre a definição do conceito de estrangeiro, aponta Kaltei:

O estrangeiro fascina, atrai, repele. Termo que percorre história e mito provoca, sempre, movimentos de alma: amor, ódio, temor, “amódio” (hainamoration). Estrangeiro pode ser tanto o Outro inimigo – que pode ser imigrante, árabe, nordestino, negro ou judeu; dependendo da cultura da cultura e da época – quando aquele que fascina por ter sobrevivido à separação. Objeto identificatório e contra-identificatório, diante do estrangeiro o sujeito nunca permanece indiferente, até porque é como se estivesse de fazer existir fora de si algo que lhe é interior. E se o Outro fosse eu mesmo? O que se questiona com essa interrogação é a própria cena do inconsciente onde o sujeito se constitui. (Koltai, 2000, p. 17).

O que analisamos nos diários de Tulio é o sujeito da enunciação é que a categoria do estrangeiro é uma categoria estranha que não foi uma ficção literária, ao contrário, partiu da própria vivência para ficção literária. Ao longo das narrativas

que emergem estrangeiros, quando eles aparecem, não estão integrados em seu contexto e além disso, há uma falta de respeito às singularidades. Ou seja, a personagem do Carella enfatiza duas dimensões: a da cultura e a do espaço. Expõe Carella sobre sua estrangeiridade num momento de preencher uma ficha pessoal para entrada em um hotel em Salvador:

Lúcio, que não domina o português, não entende uma palavra. Cor. O que significa?
 -Cor, a cor -dizem-lhe.
 Mas continua sem entender. O empregado toca no próprio rosto.
 -O rosto? Se tenho cicatrizes?
 -Não, senhor.
 E como não atreve a ser mais explícito, demoram um bom tempo, até que Lúcio tem a intuição: cor, cor da pele, se sou branco ou preto ou meio branco ou meio preto. Sente uma espécie de indignação. E se fosse negro? Estaria proibido de hospedar-se nesse hotel? (Carella, 2011, p. 50-51).

O estrangeiro se sente invadido e constrangido. Também é invadido pelo sentimento de nostalgia e estranheza que o invade e provoca a subversão das realizações dos desejos, pois “é ele, Lúcio Ginarte, quem viaja e se afasta cada vez mais dos seus e de si mesmo? Porque está lhe acontecendo algo estranho: perde-se de vista, já não se reconhece” (Carella, 2011, p. 52). Por isso, “o social é múltiplo e essa pluralidade entra em tensão com o particular da subjetividade de cada um. A diferença se apresenta como obstáculo aos ideais de homogeneidade e coloca em evidência que, para além de um Eros unificador, cada indivíduo se sustenta com seu próprio modo de conseguir satisfações” (Koltai, 2000, p. 24). Assim, a felicidade no texto de Carella é uma decorrência da disposição libidinal do sujeito. Quem é o outro para Lúcio Ginarte nos diários? Para Koltai:

E é no interior de si mesmo, em seu aparelho psíquico, que o homem vive com inquietação o sofrimento do que lhe é estrangeiro. A psicanálise põe em jogo de modo específico a complexidade das relações com o Outro, a ponto de podermos afirmar que não há relação psicanalítica se não for percebida aí a presença/ausência do Outro enquanto Outro, do estrangeiro enquanto estrangeiro. Estrangeiro a si mesmo, essa pode ser uma denominação para delimitar a posição do neurótico, do psicótico ou do perverso, na

medida em que cada um deles, em sua posição, se encontra em exílio reativamente a seu estatuto de sujeito. (Koltai, 2000, p. 27).

Nesse sentido, Lucio Ginarte é marcado por ambiguidades, principalmente, pela relação entre figura, representação e significação enquanto estrangeiro e na construção da masculinidade de Ginarte definida e apresentada nos diários. É um texto repleto de tensões sexuais, identitárias, culturais, de mente e corpo, reflexões sobre a masculinidade que podem ser empreendidas a partir da crise de masculinidade de Lúcio. Assim, os diários são um convite para reflexão sobre o significável através da linguagem, codificada e transmitida no sistema da língua. Sendo a cultura receptora do código nacional.

Por isso, o diário não é somente um arranjo de palavras num diário confessional, ao contrário, é uma cadeia significativa que se encadeia infinitamente em suas conceituações. De fato, os diários funcionam como arquivos que, mesmo trabalhando de forma literária, retratam num determinado momento histórico aqueles vestígios das memórias que constrói um depoimento de si onde há um culto da imagem de si e suas conexões no tempo e no espaço. Através do diário torna-se imprescindível organizar e classificar a memória do mundo preservado pelas imagens criadas nos diários.

4.2. O que acontecia no Brasil e no mundo quando os diários de Carella foram escritos?

Os anos entre 1960 e 1962 foram intensos na passagem de Tulio Carella no Brasil, como consequência desse período tivemos como fruto os diários de Carella. Qual a percepção de Tulio em relação ao nordeste do Brasil? Diz ele, "O Nordeste é o berço do Brasil. Ali está a mais antiga nobreza, a nobreza da cana-de-açúcar, e ali está incubada a revolução comunista. Pelo menos é o lugar do país onde há mais comunistas e onde a miséria alcança um nível desastroso" (Carella, 2011, p. 47). O texto foi traduzido por Hermilo Borba Filho, sendo esse texto a quarta parte da coleção Erótica, organizada pelo Hermilo e Aldomar Conrado.

Na Argentina, havia uma escalada moralista. Talvez, aquela conservadora tenha influenciado Carella a buscar novos e esperançosos horizontes. Mas, de acordo Machado (2018) essa escalada moralista já havia se iniciado em 1955 com o golpe militar que destituiu Juan Domingo Perón do poder com o intuito de neutralizar as ameaças de regularização sanitária dos prostíbulos portenhos. Também havia sido aprovada a lei do divórcio e a suspensão da isenção fiscal para templos religiosos. De fato, de acordo com Machado (2018) foi determinante para Carella buscar novas experiências no Brasil devido a imposição de severas restrições à vida social e cultural pelos militares e seus aliados de primeira linha.

Chega ao Brasil e se percebe em um emaranhado de embates e embrutecimento político aos moldes daquilo que estava acontecendo na Argentina. Contudo, aqui havia algo diferente, essa força que surgia entre os camponeses, uniões estudantis e sindicatos operários, ou seja, havia um movimento de resistência de base popular.

Carella foi discípulo do grande Jacques Copeau, que marcou profundamente toda uma geração de artistas franceses, sendo conhecido por sua inovação no teatro francês. D'Aversa, amigo que abre caminho para Carella no Brasil, havia oferecido cursos de teatro no Brasil. Assim, sabendo do notório saber e capacidade didática e pedagógica de seu colega, não hesitou em indicar a vaga e recomendar Carella na função. Sendo Hermilo Borba Filho e Ariano Suassuna os responsáveis pelo convite de Túlio para lecionar na nova Escola de Teatro da Universidade Federal de Pernambuco. Também gozava da amizade com o poeta e fervoroso católico Murilo Mendes com que compartilhava da mesma visão de mundo e

amizade. Túlio já conhecia o Brasil, numas férias em 1941, e por isso era fascinado pela receptividade e boemia do Bairro da Lapa que de acordo com Machado (2021, p. 17) seria algo equivalente ao bairro portenho San Telmo.

Nosso interesse pelo texto surgiu a partir da sua reedição de 2011, em que é feito um resgate do texto de 1968, sendo Hermilo Borba Filho o tradutor do texto para língua portuguesa. A imagem do eu, a autorreferência de Carella nos seus Diários, possibilitam compreender uma relação entre experiência e escrita. Sua viagem ao Recife narrada nos Diários, descrita de forma intensa e rica em experiência sexual, termina de forma tempestuosa e drástica em 1962. Hermilo Borba Filho e Ariano Suassuna, segundo Machado (2021, p.17) estavam realmente comprometidos com a divulgação e popularização do Movimento de Cultura Popular. Com isso, procuravam professores formadores que tendo uma grande bagagem cultural trouxessem novas perspectivas ao cenário teatral popular recifense. Aqui, Carella interessa-se no legado da cultura afro-indígena da América do Sul alinhado com aquilo que havia de mais moderno no teatro do século XX, tendo em vista sua profunda relação de amizade e aprendizagem com Garcia Lorca.

No início da década acontecia em Recife, no Brasil e no mundo, intensas mudanças. No Brasil, havia uma profunda instabilidade em relação ao governo de Jânio Quadros e a transição de João Goulart sendo mais a frente imposto o golpe militar. Havia disputas internas pelo poder do Brasil, endurecidas pela interferência dos Estados Unidos, que visavam à deposição do Presidente da República. Ao mesmo tempo havia fortes avanços do movimento popular de base. Resgata Coelho (2004, p. 27): “Com a polarização entre Estados Unidos e a União Soviética após a II Guerra Mundial e o início da “guerra fria”, todos os conflitos, inclusive os de política interna dos países, passaram a ser envolvidos pelos interesses das duas grandes potências.”

Também resgata Coelho (2004, p. 36) que parecia haver uma troca de informações secretas entre os agentes de segurança dos Estados Unidos e do Brasil. O consulado dos Estados Unidos no Recife mantinha um arquivo completo de todas as figuras políticas da região e essas fichas continham fotografias que podiam ser obtidas pela polícia local. Em Pernambuco, antes do golpe de 64 havia problemas internos que vão se endurecendo até o golpe. Ainda no início da década

de sessenta, havia uma frente política de esquerda com João Goulart no plano federal, Miguel Arraes no estadual e Pelópidas Silveira, na Prefeitura do Recife.

Nesse período também houve um forte processo de agitação camponesa, porque os camponeses estavam sendo expropriados pelo fato de morarem dentro das propriedades. O fato de terem suas pequenas roças estava sendo colocado em concorrência com as grandes e modernas agriculturas que surgiam. Os camponeses e os operários passam a ganhar relativa autonomia. A indústria do nordeste brasileira passava por uma desorganização que interessava ao centro-sul.

Na cidade de Recife, acompanhamos o nascimento do governo estadual de Miguel Arraes. Lembrando que Arraes, em 1960, assume a Prefeitura do Recife até janeiro de 1963, ano que assume o governo do Estado de Pernambuco e sucede o usineiro Cid Sampaio no governo estadual. Havia sim um interesse dos golpistas com o que estava acontecendo no nordeste brasileiro, pois assim como em Cuba, no nordeste brasileiro, as plantações de açúcar constituem as bases da economia regional.

Lembrando que a suspeita que pesava sobre Carella consistiria num possível contrabando de armas para revolta armada no nordeste brasileiro, o que jamais foi confirmado, destaca Machado (2018, p. 267): “Carella tornou-se, aos olhos de agentes do serviço Nacional de Inteligência (SNI), suspeito de contrabando de armas de Cuba para o Nordeste (Arquivo Jordão Emerenciano, 1961), devido à sua profusa interação com indivíduos, em maioria negros e miscigenados, frequentadores do centro histórico do Recife no qual fixara residência.” Sendo os grandes engenhos de produção de açúcar o alvo principal dos comunistas através das ligas camponesas, sendo que estas Ligas Camponesas estreita aproximação com o governo cubano, mas Carella não. As Ligas Camponesas recebiam apoio de peritos em guerras e cursos para formação de guerrilheiros.

O Estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil, com seus contrastes sociais, a pobreza visível apresentava uma excelente oportunidade de conexão com o mundo através do seu porto. O porto do Recife era capaz de assegurar ao Recife uma comunicação internacional, sendo uma região favorável geograficamente para criação de guerra revolucionária. Resolver a ameaça comunista em Pernambuco era

um problema a ser resolvido. O nordeste fervilhava com os movimentos de base popular e Ligas Camponesas.

As autoridades policiais apreenderam grande número de cartilhas de guerrilheiros, recebidas de Cuba ou China, preparadas para o Brasil contendo as mesmas táticas de guerra conhecidas em outros países da América Latina. Poderiam ser o Diários de Carella uma cartilha codificada? Talvez essa tenha sido uma hipótese para apreensão do texto pelos militares ou para criar uma espécie de chantagem. Porém, para Machado (2018, p. 267):

A pele do argentino foi literalmente salva pela descoberta, em uma segunda devassa policial em seu apartamento, de seus diários manuscritos, guardados numa gaveta fechada à chave, ou seja, dos cadernos que se converteriam depois em Orgia. Eles indicavam a natureza afetivo-sexual, e não política, de seus encontros no centro e na zona portuária do Recife. (Machado, 2018, p. 267).

Sobre a suspeita de Carella ligado às atividades tidas ilegais, os diários para surpresa dos militares indicavam uma nova possibilidade de fatos que não esperavam. Por um lado, a descoberta dos Diários impede consequências piores. Por outro, coloca Carella numa situação de vexame. Demitido de suas funções por exigência dos militares, torturado de forma ilegal, sem quaisquer vestígios de crime ou culpa, deixa o Brasil de forma compulsório e sem qualquer esclarecimento a população. Sai em silêncio e injustiçado! Além disso, os objetivos da Ligas Camponesas eram bem diferentes dos de Carella. As Ligas pretendiam a organização do trabalhador rural de modo a desorganizar os modos de produção de riqueza das velhas elites canavieiras. Recife vem de longa tradição libertária e oposicionista, acontece que:

A eleição de Miguel Arraes - rompendo séculos de dominação exercida direta e indiretamente pelas Oligarquias rurais e pela fidalguia açucareira - como não poderia deixar de ser, pusera a descoberto a divisão política do Estado. Separara, como toda a nitidez, dois campos distintos em que se colocavam o poder econômico e o povo. A Casa Grande e a Senzala. O usineiro, de um

lado, e o homem de classe média, sem fortuna, falando pela pobreza, do outro. Os barões do açúcar e o Zé Ninguém. (Coelho, 2004, p. 55-56).

O João Ninguém é uma referência a como João Cleofas se referia a Miguel Arraes. A esquerda começava a promover movimentações que redirecionam o papel do Estado com o intuito de libertar o Estado da apropriação indevida pelas classes abastadas e herdeiras do lucro. O exército brasileiro que havia se disposto a encontrar o ponto de encontro a revolução cubana e as ligas camponesas buscava nas zonas do porto do Recife as causas das insubordinações populares. Carella frequentava o mesmo espaço, mas por seus motivos pessoais descritos nos diários.

Nesse período, também houve a formação do Movimento de Cultura Popular (MCP), criado em maio de 1960. O MCP fazia parte de um departamento autônomo da Prefeitura da Cidade do Recife na gestão de Miguel Arraes na Prefeitura do Recife. Tinha o objetivo de incentivar e promover com a ajuda do povo e dos poderes públicos a educação contínua de jovens e adultos. Nessa direção, destacamos o recorte histórico realizado por Coelho (2004, p. 135-136) que nesta época o país tinha como contexto internacional a guerra fria e fases de intensas mudanças acentuadas pelo governo de Juscelino Kubitschek. Vimos a acelerada urbanização acelerada e a ascensão do saber industrial, apesar de nunca termos realizado uma única reforma agrária. Em Pernambuco acompanhamos a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, ainda em 1959, cujo intuito foi modificar o Nordeste e criar horizontes novos de desenvolvimento.

Vimos, com isso, uma crise das oligarquias tradicionais em suas representações políticas em relação aos governos populares instalados em Pernambuco. A fundação do MCP contou com a presença Paulo Freire, Abelardo da Hora, Geninha da Rosa Borges, Ariano Suassuna, Evaldo Coutinho, Luiz Mendonça, Geraldo Mennucci, Silvio Loreto, Francisco Brennand, Vicente do Rego Monteiro, Fernando Coelho, Cristina Tavares, Hermilo Borba Filho, Paulo Cavalcanti, César Leal, José Otávio de Freitas Júnior, entre outros.

Coelho (2004, p. 136), destaca que de acordo com o estatuto do MCP, os seus objetivos consistem em: incentivar e promover a educação de crianças e

adultos, atender ao desenvolvimento de todas as virtualidades do ser humano, levando em consideração a educação integral de base comunitária; proporcionar a elevação cultural de um povo de modo que preparasse a pessoa para a vida e o trabalho; colaborar para a melhoria da matéria do povo por meio de uma educação especializada; e, também, formar quadros de pessoal para interpretar, sistematizar e transmitir os diversos aspectos da cultura popular. Toda essa iniciativa passava pela criação de uma escola radiofônica. Também pelo aperfeiçoamento através do conhecimento de história e realidade brasileira. E pela criação de escolas experimentais, cuja finalidade seria a alfabetização para o mundo e ter condições da pessoa ler o mundo. Não era de se estranhar que com o golpe militar de 1964, o MCP foi imediatamente fechado, seus bens apreendidos, seus membros foram presos e na sua sede ficaram estacionados dois tanques de guerra.

Chama a atenção um estrangeiro que passeava muito bem por todas as camadas sociais na região do porto do Recife. Por esse motivo é emboscado, sequestrado e desaparecido por semanas. Sobrevive a detenção imposta e tortuosa, contudo, a ameaça de exposição de seus diários foi sua tortura que perdurou por anos. Isso faz com que os Diários de Carella, por convite de Hermilo, venham a público brasileiro.

O curioso é que a primeira publicação deste diário tenha sido não na língua nativa do autor, mas em língua portuguesa. Foi publicado dentro de uma coleção de texto eróticos que Hermilo vinha organizado, foi a oportunidade que Hermilo encontrou em denunciar as durezas do golpe militar e evitar que aquele que tivesse a posse dos diários não usasse o texto de Carella para intimidá-lo, ou seja, Hermilo procura traduzir e publicar para minimizar o poder daquele que detinha a posse indevida dos Diários.

Contudo, a repercussão foi estrondosa, se por um lado o autor limita o poder daquele que tinha a posse indevida, por outro lado, a repercussão foi intensa chegando até seu país e familiares. Carella é vítima de uma política de extermínio histórica e geográfica, explica Mertehikian (2014, p. 4). A América Latina nos anos sessenta por meio da noção nacionalismo cria um extermínio localizado em relação àqueles que se opunham a aquela velha ideia de normalidade. Carella por sua vez esbanjava aquilo que eles queriam esconder: a homossexualidade estava diante

daqueles que tinham as ideias mais conservadoras nacionalistas. A polícia retira de Carella sua confissão tendo como prova testemunhal sua inocência e culpa o Diário. Ou seja, por um lado, o Diário atesta a inocência em relação às acusações de contrabandos de armas que alimentaram as revoltas populares por aqui. Por outro lado, há uma profunda sensação de culpa diante da retratação de suas experiências que segundo Mertehikian (2014, p. 4-5) esse é o último livro publicado por Carella em vida que lhe rendeu reconhecimento até antes da sua morte ocorrida em 1979 e isso valeu sua permanência no closet da crítica.

Além disso, os Diários apontam uma forte relação entre arquivo, memória e experiência, tendo em vista o existencialismo do real inerente à obra literária *Orgia*. O texto de Carella, assim como no final da década sessenta e em sua republicação em 2011 é uma reflexão do sujeito em seu lugar, por meio da identidade do narrador que aqui chamamos de autorreferência.

Além disso, nessa obra literária há um trânsito entre o romance (escrito em terceira pessoa) e a biografia (escrito em primeira pessoa), aqui criamos uma hipótese interpretativa para essa situação desse texto Carella. Uma grande marca desse texto é a autorreferência do narrador, que se caracteriza toda vez que o autor tenta se distanciar do que está sendo narrado, sendo geralmente uma cena de intenso desejo sexual. Também podemos pensar a questão da tradução da obra literária. Sabemos que a tradução é um problema de cunho filosófico, literário e linguístico. É um problema filosófico porque somos levados a nos questionar se a língua que o texto foi produzido pode ter o mesmo impacto do texto que o texto causou em sua primeira língua que foi escrito.

Além disso, até que nível o ponto de vista do tradutor pode interferir no texto de Carella? Também ao ser traduzido, o tradutor do texto de Carella também se depara com a situação de adequação entre transmitir literalmente aquilo exposto textualmente ou capturar o significado contextual e pragmático da obra literária. Além dos dilemas éticos de como lidar com as diferenças culturais sobre os dilemas enfrentados pelo autor. Por um lado, era importante que o texto fosse traduzido inclusive para Hermilo justificar a vinda de Carella ao Recife. Por outro, deve ter havido uma espécie de “tirado do armário” forçada.

Disse que a tradução era um problema de ordem filosófica, mas também é um problema de ordem literária e linguística, porque a tradução é um processo que envolve o deslocamento de significados de uma língua para outra. Ora, mas até que ponto podemos captar o mesmo impacto do significado em línguas diferentes? deve haver estruturas linguísticas que deem conta dessas diferenças. Além desses aspectos literários, destacamos que a tradução também envolve o capturar a essência, o estilo e a voz do autor que requer conhecimento do contexto cultural e histórico do texto original de Carella. Mas se traduzirmos uma obra literária, sua tradução já é um novo texto, mantendo uma espécie de relação com o texto original.

De acordo com Mertehikian (2014, p 6), um ano antes da publicação de *Orgia*, Carella publica em Buenos Aires *Las puertas de la vida*, um extenso livro autobiográfico de memórias infantis, onde recorda dos anos vividos na cidade de Mercedes até seu ingresso na escola de ensino médio, em sua adolescência.

É através do toque que nos Diários vão se multiplicando os contatos com homens anônimos, há uma grande relevância para o toque como, por exemplo, quando Carella se encontra com King-kong a situação é escrita em terceira pessoa (Carella, 2022, p. 121). Há uma tensão entre a imagem de si que se manifesta e aquela que ele assume. King-kong planta o desejo, que Carella entrega-se voluntariamente como um sacrifício a ser realizado, entrega-se como um sacrifício como se entregasse ao destino.

De fato, os diários mudam completamente os rumos da vida de Carella pouco tempo depois da passagem de Túlio por Recife, apresentando propriedades de caráter íntimo, há necessidade de afirmação dos valores, constituição da identidade enquanto estrangeiro numa aglomeração urbana e densa do Recife. Por isso, logo quando chega ao Recife: "Lúcio arruma a roupa, lava meias e cuecas, decidindo que não abandonará o Recife antes de conhecê-lo mais a fundo. A cidade pode ocultar muitas coisas estranhas. Sem perceber, está cedendo ao feitiço que se insinua de maneira oculta, secreta" (Carella, 2011, 54-55).

Quanto ao título da obra, digamos que antecede a sequência de aventuras inclusive sexuais que foram documentadas por Carella, sendo um texto que aponta passagens, transições, mudanças, tristezas revestidas de mística carregadas de

significado no enredo que parece destinado ao caos, não a compreensão do caos como desordem, mas sim a concepção grega de caos entendida como movimento, como o constante vir-a-ser, com isso, criando uma nova ordem. O diálogo figura um ideário político e social da década de 60 associado ao prazer e ao caos dos sentidos, criando uma nova ordem, uma nova forma de existência que antecede a essência. Explica Machado (2020, p. 40):

Em tudo oposto ao pan-americanismo imperialista e antibolivariano implementado por governos estadunidenses do século XIX, com a chamada Doutrina Monroe, o conceito pan-latino-americano de Carella – com proposições de natureza pan-racial e pansexual manifestadas em sua vivência recifense – aspirava, em paralelo ao ideário de movimentos artísticos e literários sul-americanos nas décadas de 1960 e 1970, à recuperação das raízes afro-indígenas da América Latina. No Brasil, suas ideias de integração cultural continental eram compartilhadas sobretudo por Borba Filho (1972, p. 132-133; 149), à mesma época, como se lê em reflexões contidas em sua obra memorial *Deus no pasto*. (Machado, 2020, p. 40).

Orgia resgata detalhes do cotidiano de Carella ao mesmo tempo que proporciona reflexões do macro. É um texto considerado chave interpretativa de todo contexto, onde vemos a fundação de um ideário panamericano de fundo indianista. As mudanças que acontecem na existência de Carella, na passagem dele por Recife, em nada alteram as suas pulsões, aumentado pelas mudanças sociais e pela domesticação dos costumes.

Há uma efervescência orgiástica que ultrapassa o indivíduo em que a província se expande ao cosmopolita ou o cosmopolita se encontra na província. *Orgia* e a liberação dos desejos mais pulsantes criam uma atmosfera de equilíbrio social, num ambiente hostil e cheio de repressão consequência do autoritarismo no Recife e em vários países na América Latina. Nesse sentido, concordamos com Barthes (1987) ao dizer: “O texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu kama-sutra (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura)” (Barthes, 1987, p. 10). Ou seja, o texto de Carella brota o desejo tanto no processo de escrita como no enredo. É um texto em que se materializa o próprio

desejo em palavras. Há um compromisso com a cultura expresso pelo erótico, por isso, o texto encena compromissos que, segundo Barthes (1987):

Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau. Não há quadro de honra, não há crítica, pois esta implica sempre um objetivo tático, um uso social e muitas vezes uma cobertura imaginária. Não posso dosar, imaginar que o texto seja perfectível, que está pronto a entrar num jogo de predicados normativos: é demasiado isto, não é bastante aquilo; o texto (o mesmo sucede com a voz que canta) só pode me arrancar este juízo, de modo algum adjetivo: é isso! E mais ainda: é isso para mim este “para mim” não é nem subjetivo, nem existencial, mas nietzschiano (“no fundo, é sempre a mesma questão: O eu é que é para mim?...”). (Barthes, 1987, p. 20-21).

Acompanhamos o entendimento de Barthes a respeito do julgamento da obra literária, pois a obra é uma fonte de prazer deste o conteúdo escrito até a recepção do texto. O texto invade o imaginário e possibilita a fruição que transborda no texto. Sendo o texto de Carella aquele que dá euforia, que vem da cultura e não rompe, nisso diz Barthes (1987):

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistente de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (Barthes, 1987, 21-21).

Os processos de massificação a partir da segunda metade do século XX criaram um espaço fértil que coloca a todos na condição de testemunha, sendo relatos em primeira pessoa. Há mudanças do narrador, que cria uma atmosfera de desconfiança do eu, questionando e duvidando, com isso, aponta uma direção completamente oposta do subjetivismo.

O personagem principal é Lúcio Ginarte, cujas características assumem o corpo e as memórias de Túlio em Recife, Lucio representa não um personagem,

mas todo um contexto onde se reconstrói e revisa todo um período. Lucio em Recife se coloca em posição de experimentação da alteridade racial, social e cultural, isso se reflete na intensa vivência homossexual de Tulio em Recife. Com 48 anos, chega em Recife, em 1960. De fato, é durante o período de 1962/63 que os textos passam por um trabalho de sistematização e organização, já em Buenos Aires, ou seja, após sua expulsão do Brasil.

A obra não tem um desfecho, sendo caracterizada como um conjunto de diários, que retomam um período, sendo uma obra fragmentada e motivo da perseguição de Carella no Brasil e esquecimento na Argentina. Nesse período Miguel Arraes foi prefeito de Recife e havia uma forte efervescência dos movimentos populares, Paulo Freire e Jomard Muniz de Britto na educação, Gregório Bezerra na política, Francisco Julião com as ligas camponesas, além dos movimentos da juventude operária católica e da juventude universitária católica. Além da presença de Ivo Alves da Silva, conhecido como Lolita, exemplos das explosões culturais e contrastes sociais de Recife deste período, o fato é que Lolita cunhou a expressão “Quem não conhece Lolita, não conhece o Recife”, tornou-se um símbolo de contradições, das revoluções sexuais e da rebelião.

Recife chamava a atenção dos conservadores e desencadeou um movimento de forte autoritarismo, mesmo antes da institucionalização da ditadura militar. Em pouco tempo Tulio começa ser vigiado pela polícia ou talvez indevidamente acusado de comunista por algum professor ou aluno ou talvez por alguém que pudesse ter algum desafeto com Túlio. O fato é que Túlio era um professor de teatro simples, que realizava em suas aulas, mas ele não era um simples professor. Amigo de García Lorca, Túlio era conhecido por sua oratória e pela vasta cultura que traduzia para seus alunos da sua caótica e efervescente Recife.

Já na epígrafe ele expõe sua visão de mundo, sua mística e sua rotina em Recife “A noite e a solidão estão plenos do diabo”. Dezoito meses de sua permanência em Recife foi o tempo suficiente para que passasse a ser vigiado por policiais à paisana, suspeito de fazer uma espécie de uma perigosa e subversiva catequização ideológica com predileção das questões sociais alinhadas com sua vaidade intelectual. O vazio existencial era preenchido pelas experiências afetivas intensas que o distanciam da monotonia da sua vida com uma companheira de

quase trinta anos. Os diários não podem ser lidos à guisa da sua experiência profissional, ao contrário, é um texto que além da sua vivência exposta é consequência de um trabalho intelectual intencionalmente pensado e escrito. Sobre o diário, ninguém escreve um diário para si. Diário é um texto de memórias e estas memórias não são narrativas que estão presas no passado, ao contrário, é uma narração de uma experiência singular e plural, singular pois parte das experiências de um indivíduo, mas plural porque resgata uma coletividade que juntos constroem a narrativa. Essa coletividade é todo um conjunto de personagens que temos conhecimento através das experiências narradas por Carella na obra. Por isso, o diário não é um texto isolado, descontextualizado, antes reflete um intenso movimento intelectual e social que acontecia em Recife. Sendo assim, explica Machado (2020, p. 40):

Em pouco tempo, o argentino decifraria esse repertório gestual, linguagem de olhares e sinais corporais para iniciados, amparado em seu admirável domínio de aspectos psicológicos – pedra angular em sua produção literária –, bem como em sua vivência do bas-fond portenho e do universo do tango. Longe de constituir-se desterro ou balneário praiano, a metrópole pernambucana ainda conservava ares cosmopolitas e a condição de capital regional, obtida ainda no Império com a primeira faculdade de Direito do país, em 1827, e com o mais antigo jornal em circulação na América Latina, o Diário de Pernambuco. (Machado, 2020, p. 40).

O problema da inserção na vida social não aliviou, apesar da intensidade de afetos que passam pela questão racial social e racial da cidade. Garcia Lorca foi seu amigo, confidente e conselheiro, inclusive, dedica seu texto *Don Basilio Mal casado* para Lorca, poeta que Carella mantinha forte afeto, um gigante na literatura, de franqueza das ideias que é consequência de uma forte e sólida cultura. É nas ruas, no apelo sensual, na cor da pele que aparecem os registros de assédio e solidão.

As relações de prazer e solidão se misturam na imersão de Carella em Recife. Já nos últimos meses de 1961 e o primeiro trimestre de 1962 Carella é sequestrado e a partir daí passa por uma sequência de torturas. Na saída do seu apartamento é levado de jipe e interrogado forçadamente que havia contrabandeado armas para Cuba, isso num barracão. Na sequência de torturas fez uma viagem de

avião para que denunciasse os supostos companheiros na atividade de contrabando, sendo ameaçado de ser atirado ao mar, o que não seria algo muito difícil tendo em vista a lista intensa de pessoas desaparecidas em consequência do autoritarismo de agentes do governo. Com olhos vendados, desembarcou em uma ilha que não sabia qual era, provavelmente, na ilha de Fernando de Noronha sendo detido em uma pequena cela e submetido a torturas, choques elétricos, chicoteamento nas costas e espancamento nas mãos e nas solas dos pés, foi interrogado por vários dias. Em permanente isolamento depois foi transferido para uma fortaleza em que ouvia constantes rajadas de metralhadoras vindo de um pátio acompanhados previamente de anúncio de fuzilamentos por um alto-falante.

Sua ausência foi motivo de inquietações, alunos buscavam Carella em hospitais, cadeias e no instituto de medicina legal do Recife, os jornais noticiavam o desaparecimento do professor. Depois de tanta insistência e de tantas dores antecedidas por fortes agressões físicas e acusações infundadas, termina admitindo contrabando revolucionário, ao menos momentaneamente as agressões a ele desferidas seriam minimizadas. Em busca de provas contra Carella os militares invadem a residência dele em Recife onde encontram seus cadernos com comentários bem diferentes daquele que esperavam. Como consequência, em completo alinhamento entre as lideranças do governo e da UFPE com os militares, o contrato de Carella foi interrompido e sua deportação extraoficial foi feita. Segundo Otsuka (2009), nesse período:

O período pré-1964 foi, como se sabe, de acirramento da luta popular e intensa politização das artes, dinamizada pelas transfusões de experiência social, no contato de intelectuais e estudantes camponeses e operários. Aquele movimento representava uma aliança de classes nova, que possibilitou certa descompartimentação no plano da cultura, mas que no plano político tinha limitações, como o golpe de 1964 iria mostrar. Era o tempo do Movimento de Cultura Popular, das peças de agitprop dos CPCs, de filmes como *Vidas secas*, *Deus e o diabo na terra do sol* e *Os fuzis*, dos poemas engajados dos volumes *Violão de rua* - e mesmo os concretistas, empurrados pela radicalização dos anos anteriores, acabariam por anunciar seu 'salto participante', aliás naquele mesmo congresso de Assis em que Antônio Candido formulava sua plataforma crítica. (Otsuka, 2009, 109-110).

No seu retorno a Buenos Aires, Carella volta com os diários, sob ameaça de que caso contasse o acontecido teria trechos do seu diário publicados sendo exposto a julgamento público. A Argentina, nesse período, passava por um processo de repressão e perda de direitos individuais, de forma muito semelhante como vai se acentuando no Brasil em que sequestros de cidadãos e desaparecimento de pessoas se tornavam algo muito perto, o que gerava certa apreensão e dúvida de quando seria a sua vez de ser reprimido. Havia uma sensação de constante incerteza e de medo e foi esse clima que motivou essa vinda de Carella ao Brasil, como um autoexílio em busca do verdadeiro eu real, concreto, místico e transcendental que ultrapasse as fronteiras do autoritarismo imposta a Carella.

Carella passou silencioso na Argentina e ao deixar o silêncio foi castigado é um movimento paradoxal na carreira dele. O silêncio forçado foi necessário para evitar o encarceramento num período em que qualquer suspeita de homossexualidade era reprimida e punida. Indiretamente, é através de Hermilo, que ao organizar e traduzir a obra de Carella no Brasil, se cria um interdito ao autor, um banimento por sua escrita de si, sendo uma espécie de testamento da intelectualidade e do desprezo que foi relegado a Carella.

De acordo com Machado (2021, p. 24) Carella estabelece algo novo e originário que consiste estabelecer que o Norte e o Nordeste do Brasil fosse chamado de Afro-América ou Ameráfrica e, de certo modo, com isso, já antecipava os movimentos de orgulho negro e valorização da identidade e cultura nordestina e, por isso, antecipava uma perspectiva panamericana. A revolução cubana é vitoriosa e inspirava os intelectuais orgânicos instalados no nordeste brasileiro. Paulo Freire e Hermilo Borba compartilhavam da mesma visão e acreditavam na dimensão transformadora e revolucionária do teatro, instalavam um teatro incendiário, sem medo e sem amarras com os velhos poderes coronelistas que ressoavam das usinas pernambucas que gritavam em seu fogo morto. Com isso, Carella mantinha um propósito de integrar esse novo sujeito latinoamericano que se erguia contra os retrocessos que se avizinhavam na América do Sul.

4.3. Análise linguística e autorreferência

A semantização utiliza da língua para criar referências e sentidos ao discurso. Os processos de sintagmatização e semantização provocam manifestações no sentido que o locutor evoca dentro das possibilidades da língua. Por isso, sentido não pode ser considerado como adição de signos, mas sim o sentido é concebido na palavra. Para Benveniste a língua não tem objetos prontos e acabados, ao contrário, combina e organiza novos agrupamentos entre os signos e com isso formar novos objetos. Por isso, deve haver uma delimitação em níveis de análise linguística nos estudos da linguagem. Através da articulação das noções dos níveis é possível reconhecer a complexa engenharia da linguagem, através de seus elementos singulares.

O objeto da linguagem é admitido quando se analisa um fato e os critérios de análise linguística do mesmo e nisso Benveniste descreve uma mudança na análise linguística, como ele explica: “reconheceu-se que a linguagem devia ser descrita como uma estruturação formal, mas que essa descrição exigia antes de tudo o estabelecimento de procedimentos e de critérios adequados, e que em suma a realidade do objeto não era separável do método próprio para defini-lo” (Benveniste, 2020, 133). Ou seja, Benveniste está expondo que a estruturação formal deve fazer parte da descrição da análise do fato linguístico. Assim, há níveis de complexidade na linguagem, por isso, ele argumenta que deve haver uma ordem racional e, por isso, coerente entre os fenômenos que o linguista se propõe a estudar, classificar e analisar.

E é por isso que o linguista determina os princípios de análise linguística e propõe os procedimentos de análise linguística: segmentação e substituição com a justificativa de que: “é preciso, em primeiro lugar, segmentá-lo em porções cada vez mais reduzidas até os elementos não decomponíveis. Paralelamente, identificam-se esses elementos por meio das substituições que admitem” (Benveniste, 2020, p. 134). Enquanto a segmentação leva a exaustão a análise até os níveis não decomponíveis, a substituição opera a substituição dos elementos não decomponíveis na análise e, com isso, opera e organiza os segmentos reconhecidos em outros níveis e, com isso, Benveniste explica o método de distribuição:

Consiste em definir cada elemento pelo conjunto do meio em que se apresenta, e por intermédio de uma relação dupla, relação do elemento com os outros elementos simultaneamente presentes na mesma porção do enunciado (relação sintagmática); relação do elemento com os outros elementos mutuamente substituíveis (relação paradigmática). (Benveniste, 2020, p. 134).

Com isso, são atingidos os dois níveis considerados por Benveniste inferiores da análise, pois identifica os fonemas enquanto entidades segmentados mínimas, como também os traços distintivos que ele chama de merismas. Contudo, como em uma cadeia de análise, é preciso operar com unidades mais extensas e superiores. É o sentido a condição para análise dos níveis linguísticos, Benveniste diz: "O sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter o status linguístico" (Benveniste, 2020, p. 136).

A questão é que o sentido intervém e opera na análise dos níveis linguísticos. Do fonema passa-se para o nível do signo e da palavra. No nível da palavra é possível decompor em unidades fonemáticas como também em um nível superior das unidades significantes. Da palavra para frase há uma ordem entre as noções. Assim, na frase acontece a realização em palavras, ou seja, o sentido se caracteriza como um topo em relação às palavras. Assim, a língua vai se organizando em signos, sentidos em suas unidades significantes. Explica Benveniste (2020, p. 141) que a forma de uma unidade linguística é definida pela sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior. O sentido de uma unidade linguística define-se pela sua capacidade de se integrar numa unidade de nível superior.

Sendo assim, forma e sentido aparecem como propriedade conjuntas e inseparáveis para o funcionamento da língua. O que vemos é que as relações entre forma e sentido se manifestam nas estruturas linguísticas, Benveniste torna relevante as análises linguísticas, como também, a reflexão a respeito da natureza da linguagem. Por isso, é no discurso concretizado em frases que a língua se forma e se configura, sendo os diários de Carella o objeto de análise das operações da linguagem pela Teoria da Enunciação de Benveniste.

4.3.1. A autorreferência na obra *Orgia: Os Diários de Tulio Carella*

Os diários de escrita íntima constituem um tipo de texto de domínio confessional. Aqui analisamos e comparamos um percurso dos diários de Carella em direção a novas linguagens, como cinema e música. Há uma variação que não interfere na comunicação, acredito que a apropriação destas outras linguagens dos Diários de Carella possibilita ampliação e aproximação do público com a obra literária.

Para compreender um gênero textual, de acordo com as diferentes situações de uso, os enunciados vão se organizando conforme a finalidade da comunicação. Assim, a língua vai se realizando de enunciados previamente dominados pelo indivíduo. Explica Pimentel (2011, p. 729):

Os enunciados são utilizados - de maneira organizada e agrupada - em toda atividade humana. Essas atividades caracterizam-se por objetivos específicos e por condições especiais de uso, fazendo com que os enunciados emitidos pelos indivíduos tornem-se relativamente estáveis, passando a ser comumente associados a elas (Pimentel, 2011, p. 279).

Os enunciados variam, contudo, mantêm características comuns que são denominadas como gênero do discurso. Ora, o gênero diário é um dos mais antigos e se constitui a partir da narração. O ato de narrar acontecimentos é tão antigo quanto a existência do homem. É narrando os seus acontecimentos que o homem explica seu passado e cria um sentido no presente. Pimentel (2011) explica que os diários eram manifestações públicas e comunitárias. Na mesma direção, Pimentel (2011) diz que os diários passaram a ter um caráter mais íntimo com os protestantes ingleses que faziam suas anotações sobre condutas e trocavam essas anotações para analisarem as possibilidades de salvação dos pecados.

O cânone da literatura centrada no sujeito já emergia nas cantigas de amor e de amigo que fazem parte da literatura lírica portuguesa do século XII. Explica Pimentel (2011, p. 731): “O discurso íntimo, na tradição da Literatura ocidental, manifesta-se bem mais que o ato narrativo. Somente quando a sociedade burguesa se estabelece no século XVIII, a noção de indivíduo começa a tomar corpo, ou seja, quando o homem se convence de sua existência.” De fato, é a partir do final do

século XVIII que os diários íntimos passam a adquirir estabilidade e popularidade sendo um instrumento de reflexão sobre si mesmo.

A autobiografia se caracteriza como uma retrospectiva do próprio eu, no formato de prosa, em que a pessoa desenvolve uma reflexão da sua existência com ênfase na vida privada e na personalidade. Por meio do diário íntimo é possível fazer uma retrospectiva do dia a dia e da própria existência daquele que escreve, ou seja, a narrativa da existência do escritor se recompõe no tempo. Contudo, é importante compreender a distinção entre diário íntimo e a autobiografia. Explica, Pimentel (2011, p. 731-732):

O diário íntimo diferencia-se, entretanto, da autobiografia, em relação à perspectiva de retrospectiva, pois a distância temporal e espacial entre o eu vivido e seu registro é menor daquele. Como o diário é uma escrita privada, não comporta o pacto preestabelecido entre autor e leitor, como na autobiografia, deixando o gênero sem obedecer a qualquer modelo, pois ao narrar o que fez, o diarista está na verdade em busca de dizer quem ele é através da linguagem. (Pimentel, 2011, p. 731-732).

O Diário é um relato que se propõe a contar o passado a partir do 'eu', a partir da própria existência desenvolve o conteúdo que se singulariza e revela as escolhas particulares, a partir do eu-narrador. A partir dos registros das experiências pessoais e observações acontecidas num passado, sob a forma espontânea de escrita e vivência do autor, o autor fala de si mesmo e para si mesmo. Explica Pimentel, 2011, p. 732): "O diário é, portanto, um retrato de quem o escreve, já que o diarista registra, praticamente no momento em que vive, uma experiência, captando as disposições do espírito e os pensamentos mais íntimos." Lejeune (2013, p. 542) faz a distinção entre diário e autobiografia da seguinte maneira:

Para mim, um diário é uma "série de traços datados". Tive de definir a autobiografia porque as suas fronteiras eram porosas com a ficção. Nada a ver com o diário. Se inventarem as suas vidas num diário, não será ficção, mas uma mentira em comparação com as restantes pessoas, ou da loucura, no que lhes diz respeito... (Lejeune, 2013, p. 542).

O Diário é uma possibilidade de registrar uma experiência particular, através do Diário é possível tornar uma discussão privada. Ou seja, o gênero textual Diário convive no limiar entre o público e privado. Não ocorre necessariamente de todo diário vir a público, contendo suas informações privadas. Mas, quando ocorre, vemos que o gênero textual diário registra o contexto do seu escrevente, por isso, todo diário é sim uma expressão daquilo que acontece no macro político e social e coletivo, que pode ou não, tornarem públicos. Sobre essa distinção entre diário e autobiografia, diz Lejeune (2013, p. 544): “Se a autobiografia, acredito nisso, pode aspirar à beleza e à forma da verdade de uma obra de arte, é duvidoso que possa ser, ela própria, uma obra científica. Pode uma pessoa dissecar-se a si própria?”

De fato, muitos diários se perdem enquanto material de análise por virem a público porque em sua constituição seria um material privado, porém, quando descobertos e publicizados os diários pessoais registram o singular e tornam público uma mensagem que nos faz compreender todo o contexto daquele que o produziu. Um diário pode ser lido tempos depois que foi escrito, acredito que seriam fundamentais aquele que escreve e a sua mensagem.

Aquele que recebe essa mensagem que vai dar um sentido àquele texto, sendo que o sentido é sempre uma reconstrução de significados. Essa reconstrução está baseada na relação sociedade e indivíduo. Torna-se importante compreender o sujeito escrevente. Explica Candido, (2014, p. 147): “Toda *obra* é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão.” Por sua vez, a literatura é uma produção coletiva, pois explica Candido (2014, p.147) que a literatura requer uma comunhão entre palavra e imagem com as pessoas que se congregam neste lugar que chamamos de literatura. A literatura reorganiza o mundo, cabendo ao escritor construir todo o seu sistema de objetos. Explica Candido que (2014, p. 187):

A literatura é essencialmente uma organização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados

ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra. (Candido, 2014, p. 187).

Assim, acreditamos que Carella com seus Diários constrói um sistema arbitrário de objetos, ocorrências, sentimentos que representados ficcionalmente mantêm uma estrutura que faz uma recomposição do mundo . O seu princípio organizador passa por suas experiências ocorridas aqui e que foram vivificadas na sua obra.

Em sua estrutura, a obra possui oito capítulos, sendo que os dois primeiros mantêm uma aparência de romance, com narração em terceira pessoa, na qual o narrador onisciente ganha destaque. O fato que só a partir do capítulo terceiro é que o narrador assume a primeira pessoa e com isso adquire uma nova perspectiva, sendo que algumas vezes o fluxo de consciência do narrador é interrompido com a terceira pessoa para intensificar um distanciamento do narrador na cena. Em sua organização, o texto cria a imagem de que existe um livro dentro de outro. O texto é uma retrospectiva politizada e pan-americanista. As duas videntes que aparecem no texto se caracterizam como uma espécie de oráculos, guias espirituais, presentes nas grandes epopeias, são figuras enigmáticas, mas que representam o próprio id, um equilíbrio no destempero.

Somos levados a repensar a América Latina, repensar a centralidade da política e do autoritarismo nesse continente tão rico. Pensar a colonialidade é pensar aqueles que têm poder, aqueles que dominam e aqueles que são dominados! Por isso, concordamos com Spyer Dulci e Rocha Malheiros:

O conceito-matriz “colonialidade do poder” diz respeito às várias dimensões de poder constitutivas do colonialismo e de seus legados que permanecem na contemporaneidade (Quijano, 1992, 2005). Para Aníbal Quijano, o mundo “que começou a formar-se com a América, tem em comum três elementos centrais que afetam a vida cotidiana da totalidade da população mundial: a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo”. (Spyer Dulci; Rocha Malheiros, 2021, p. 176).

O pensamento decolonial vem contribuindo para repensar a América Latina, vem contribuir para a ruptura da lógica e propor uma metodologia significativa para pensar a América Latina tendo Recife como ponto originário das reflexões e tensões vivenciais, ou seja, *Orgia* é um texto que pensa o todo, o todo América Latina, partindo do micro, assim, micro e macro se confundem e se misturam. Há uma espécie de vasta erudição e compreensão política local, regional e nacional, de fato, Carella era sujeito conectado com o todo. Por isso, além de refletir, devemos compreender que as dimensões do poder do colonialismo permanecem ainda enraizadas nas veias de nossa sociedade. A relevância da presente dissertação está embasada na importância dos diários de Carella para compreensão da história local e história da homossexualidade no Recife, início da década de sessenta, bem como apresenta Trevisan (2018). Há uma lacuna em aproximar os campos da Linguística da Literatura, como encontrados em Coquet (2013). Como posto, a obra literária de Carella pela perspectiva da teoria linguística da enunciação de Benveniste (1989) se apresenta como uma proposta inovadora. Escolhemos a teoria linguística da enunciação por estabelecer possibilidades originárias para compreensão da categoria de pessoa enquanto fundamento linguístico da subjetividade. Para Flores (2019), “a linguagem contém as formas linguísticas apropriadas à expressão da subjetividade”.

Por fim, esta dissertação se caracteriza de grande impacto na área, pois a obra literária *Orgia: os diários de Tulio Carella* (2011), precisa ser mais popularizado, tendo em vista que faz parte da biografia do autor, bem como é também um documento de ampla relevância para quem deseja compreender a história local, nacional e sul-americana sabendo que “os países latino-americanos herdaram a altivez orgulhosa da península ibérica e tentaram lutar cada um isoladamente” (Carella, 2011, p. 212). Além disso, essa investigação possuirá significativas contribuições futuras, tendo em vista que aproxima a linguística da literatura.

Através desse estudo, obteremos uma compreensão originária da identidade do personagem Lúcio Ginarte. Também com esta pesquisa, será possível compreender os aspectos enunciativos da língua através do personagem Lúcio, solidificando a relação entre linguística e literatura na área de pesquisa em linguística, especificamente, no campo da enunciação. Ademais, esta pesquisa possibilitará uma maior popularização da obra *Orgia: os diários de Tulio Carella*

(2011), contribuindo e oferecendo subsídios para compreensão da história da cidade do Recife. Nesse sentido, há uma lacuna que será preenchida ao produzir uma análise dos diários de Tulio pela perspectiva da Teoria da Enunciação.

Nessa direção, a noção de estrangeiro no diário é uma noção cultural e social, pois o estrangeiro é um hóspede, sendo Lúcio um indivíduo marcado pela inconsistência em sua visão dentro de uma comunidade. Através do estrangeiro, podemos apontar que a identidade subjetiva de estrangeiro caracteriza a diversidade, extrapola o particular em sua objetividade. Benveniste aponta que é importante dissociar a noção de estrangeiro da noção de ego, justamente porque o estrangeiro se define em sua relação com 'eu' e essa noção de eu se constrói em sua relação e sentimento de pertença com uma comunidade. Logo, a enunciação estabelece possibilidades de compreensão das experiências de Lúcio.

No primeiro livro, a vidente Camélia capta uma mensagem vinda do céu para Ginarte. A entidade se manifesta: “-É o Grande Mojotoro.” É como se a entidade se anunciasse a partir do momento que se deixa conhecer pelo seu nome. E essa entidade ancestral é uma espécie de oráculo que conecta as pessoas latinoamericanas em uma unidade, numa espécie de profecia destinada a Lúcio, o grande Mojotoro reúne as forças latinoamericanas no desvelamento dos mistérios futuros e passados deste território latinoamericano. Carella se descreve em terceira pessoa, provocando uma espécie de distanciamento entre autor-narrador e personagem Lúcio, talvez, nesse momento do texto seja uma espécie de confissão ou autorreconhecimento:

Lúcio Ginarte é um indivíduo contraditório. Tem uma austera formação católica, uma mentalidade de puritano para os outros, e uma insaciável curiosidade intelectual. Apaixonou-se pela questão do destino durante toda a sua vida. (Carella, 2011, p. 33).

Túlio pensa nas contradições de sua individualidade entrelaçadas à sua existência. Seria uma espécie de preparação do leitor para explicar suas vivências sexuais? Ou uma espécie de autoanálise, de fato, no diário podemos encontrar as marcas vivências de Carella. Escreve Carella: “Lúcio sente a mão dormente de

tanto escrever" (Carella, 2011, 32). Mas, afinal, Lúcio é um personagem histórico, que existiu num tempo histórico? Ou é apenas uma personagem, consequentemente, ficcional do diário? Nesse sentido, ficção e história se misturam, passado e futuro se manifestam no constante presente no aqui e agora do Diário de Carella. Em outro momento, pensando sua situação de estrangeiro, reflete Carella, agora em primeira pessoa do singular:

Devo abandonar meu país, minha família, minha casa, meu trabalho, meu cachorro, para passar um ano numa cidade que não conheço e que, por isto mesmo, me atrai. Não posso negar que me sinto vaidoso por ser chamado de tão longe. Também não posso negar que estou cansado dos meus compatriotas, da instabilidade política e social que perturbam mais do que quero confessar. Não faz muito tempo, certo jornalista, ao comentar uma de minhas obras, deduziu que eu apresentava alarmantes sintomas de amolecimento cerebral. É um filho da puta ignorante metido a crítico. (Carella, 2011, p. 34).

Estamos diante do estranhamento do outro, quando esse outro é reconhecimento na mesmidade do sujeito. Por um lado o conflito entre sair do seu lar e aventurar-se no desconhecido, por outro, querer ir e ter o reconhecimento que nunca teve entre aqueles que o conheciam. Sair no desconhecido, reconhecer-se enquanto estrangeiro é um dilema profundo da existência, pois no final o sujeito estrangeiro depara-se na solidão da existência. Por um lado a rede social do seu país não acolhe, por outro, o país que o recebe o tortura. O sujeito estrangeiro encontra-se como sem pátria, além pátria. Enfim: "Lúcio Ginarte afasta todo o contato com a realidade atual, assim como com a realidade passada. É como se saísse de um casulo - ou como se entrasse num casulo" (Carella, 2011, p. 37). Continua Carella:

O Nordeste é o berço do Brasil. Ali está a mais antiga nobreza, a nobreza da cana-de-açúcar, e ali está incubada a revolução comunista. Pelo menos é o lugar do país onde há mais comunistas e onde a miséria alcança um nível desastroso. Ao ouvir dizerem-lhe aquilo Lúcio se sente culpado; não é, precisamente, rico, mas não irá tirar o pão dos pobres? Há uma aspiração humana para a riqueza, a saúde, a felicidade; e enquanto isto não se consegue globalmente

será uma culpa não ser pobre, não ser doente, não ser desgraçado. Os dados são vagos, inclusive, e nada têm a ver com a realidade. Pelo menos com a realidade de Lúcio em relação ao Recife. (Carella, 2011, p. 47).

Aqui, Carella desenvolve sua impressão a respeito do lugar que estava de mudança. Há uma sensação de ser privilegiado com narrativa que se cria do Recife daquele período. É nesse reconhecimento do outro que o sujeito se conhece. A construção da identidade é uma contração em coletividade, ou seja, o eu e outro se constituem mutuamente.

No segundo livro, Lúcio se depara com o tédio da cidade. Ao mesmo tempo que toda a novidade da cidade proporciona novas possibilidades de compreensão de si mesmo. Inicia explicando que:

Estão envolvidos pela noite e pela tempestade. São muitos aqueles que viajam pelo ar com perigo de morte. Não reconhece ninguém e flutua em direção a uma montanha. De repente, horrorizado, compreende que não é uma montanha, mas um dragão de proporções colossais. Com a cauda destrói, golpeia, mata os viajantes e abre as fauces para devorá-los. Lúcio não morreu, está apenas um pouco atordoado com os golpes. Vê os beijos esverdeados, os dentes terríveis e a queixada que se fecha sobre o alimento humano. Com os olhos abertos passa pela garganta, percorre o esófago viscoso e cai numa bolsa onde há torsos e membros de sangue e líquidos corrosivos. Compreende que é o estômago do dragão que o tritura, devora-o, enquanto outros corpos inertes ou seminovos continuam caindo sem interrupção. Queria fugir desse lugar asfixiante, mas uma torrente o arrasta para baixo, para o intestino da besta. Agora se sente transformado numa substância mole, como se os ossos se houvessem dissolvido. O caminho é longo e vai perdendo suas roupas, suas feições, sua integridade, suas recordações, até ficar convertido numa polpa fétida, escorregadia. Há uma pausa na caminhada. Não, não é este o lugar definitivo, mas uma breve parada antes de ser expulso pelo esfíncter anal. O dragão esvazia seus intestinos com peidos ruidosos e Lúcio cai num poço negro; enquanto cai, vê que o dragão alça voo à procura de novas vítimas. Cai em cima de inumeráveis corpos humanos nus que se agarram a ele, acariciam-no, mordem-no, esmagam-no. (Carella, 2011, p. 57).

Este fragmento é a descrição de um sonho de Lúcio. O que chama atenção é a figura do dragão que pode ser um símbolo de morte, mas antes é símbolo de mudança e renovação. Esse dragão deixa Carella atordoado diante de tantas mudanças. O que representa esse dragão que rói e corrói Carella em seus sonhos? O sonho sempre desempenhou um papel importante em diversas culturas e nem sempre é atrelado ao passado, muitas vezes os sonhos dizem sobre o futuro. O sonho é a abertura para desordem, o caos do inconsciente. O sonho sempre foi um espaço para compreensão do sujeito humano, ao menos para criação de significado para a vida cotidiana. O que acontece é que sempre buscamos dar um significado para os sonhos, com esse intuito, Lúcio Ginarte interpreta seu sonho:

Abre os olhos. Foi um sonho muito vivo, alucinante. Está no quarto do Hotel Boulevard. É muito cedo. Deseja encontrar a significação exata do sonho. O dragão é símbolo do animal por excelência. É composto de uma mistura de elementos tirados de animais especialmente desagradáveis e perigosos: crocodilo, serpente, vampiro, leão. Talvez seja uma sobrevivência, na memória inconsciente do indivíduo, dos monstros antediluvianos, como o pterodáctilo e o dinossauro, entre outros. Em muitas religiões e em muitos países reaparece como o Inimigo primordial com quem é preciso lutar. Também são os guardiões de tesouros e é preciso eliminá-los. Em muitos dos livros da Bíblia menciona-se o dragão; e o dragão que morde a cauda - o Ouroboros dos gnósticos - é o símbolo de todo processo cíclico, embora o dragão universal seja o caminho através de todas as coisas. Inesperadamente, Lúcio lembra-se de um significado recôndito: o dragão, princípio da dissolução dos corpos, relaciona-se ao princípio do Caos. (Carella, 2011, p. 57-58).

É nesse momento que Lúcio começa a conhecer a cidade e aprender os principais aspectos da cidade:

E começa a andar para apreender os aspectos da cidade. Na fila que esperava o ônibus havia muitos morenos, limpos e comunicativos. Vê outros mais nas ruas e todos têm um aspecto alegre, sereno, pacífico. Há uma predominância de jovens, quase não veem velhos. Os canais lodosos, amarelados, recordam-lhe as águas do Rio de la Plata. O centro da cidade não é grande. É formado por duas ruas paralelas e muitas transversais. Não é difícil compreender a geografia do Recife. Há uma ilha e dali partem as ruas, que se abrem

como um leque. O rio Capibaribe ondula sinuosamente em curvas pronunciadas. As pontes são simétricas, mas diferentes. Um ar calmo, provinciano, parece envolver tudo. O que mais lhe chama a atenção é o duplo aspecto da cidade. Até aqui chegou o horrível progresso, com seus arranha-céus de cimento e metal e vidro. A avenida Guararapes é um exemplo de modernismo decepcionante. Ali o Recife se parece a São Paulo, Milão, Buenos Aires, a qualquer cidade recentemente construída. Mas há ruas com casas e sobrados coloniais de cores amarela, celeste e rósea que lhe dão verdadeira fisionomia. Sem dúvida destruíram muitas casas como estas para construir os arranha-céus de que se mostram tão orgulhosos. E Lúcio pensa que a mesma coisa acontece em toda parte do mundo. (Carella, 2011, p. 58).

Lúcio começa descrevendo aquilo que vai conhecer de Recife. Como um labirinto que a curva apresenta uma novidade, Lúcio vai compreendendo a geografia do Recife. Os ares de Recife já se mostravam em progresso, período das construções dos primeiros arranha-céus da capital pernambucana. A fisionomia da cidade está em mudança, o que vinha acontecendo em muitas partes como constatou Carella, mas ainda haviam preservadas muitas relíquias arquitetônicas, representadas pelos azulejos portugueses espalhados pela cidade, por isso, diz: “Lúcio confessa mentalmente sua ignorância da cidade, sua história, sua gente, seus costumes. O Recife, como certas cidades, não se entrega à primeira vista. Seu encanto está oculto e talvez por isto se torne mais penetrante quando encontrado. Entra em várias igrejas” (Carella, 2011, p. 58-59). Vindo a Recife a convite de Hermilo Borba, assim Lúcio descreve Hermilo Borba que é retratado como Hermindo:

Hermindo Borba Robles é um maciço, elegante, com aspecto de intelectual, parece simpático - pelo menos o acolhe com simplicidade e algo assim como um sinal de afeto. É agudo e inteligente. Saem para tomar um café. Censura Lúcio por sua demora, pois o esperavam a 1º de março. Lê a carta de Foenza. O francês fala a Hermindo sobre o salário que Lúcio vai receber como professor porque, dadas as condições de transferência, precisa ser bem remunerado como professor universitário. Lúcio não se preocupa absolutamente com a quantia que vai ganhar, mas se aferra a isto porque o tema lhe permite uma conversa acessível. Hermindo tem modos bem definidos: é autoritário, conciso, afirmativo. Demonstra certa dureza exterior e um laconismo sentencioso, o que não facilita no instante um maior conhecimento, mas apesar disto Lúcio tem a intuição do que é Hermindo: sua palavra vale mais do que um

documento assinado, selado e com testemunhas. Promete falar com o Diretor sobre o salário. Indaga, por mera cortesia, do francês. Convida-o a assistir *A Mandrágora*, que traduziu e dirigiu. Lúcio não se sente satisfeito com o convite: está farto de espetáculos, mas não pode negar-se. O que ele queria era contato humano. Sentar-se a uma mesa e deixar que as horas passassem em conversa. Isto é pouco possível no Brasil, onde todos parecem ter pressa, o tempo medido, os passos contados, alguém que os persegue, vontade de cagar, a fortuna esperando-os na próxima esquina, coisas muito urgentes, vontade de acabarem o quanto antes com a sola dos sapatos, quando os usam. (Carella, 2011, p. 61-62).

Aqui, Tulio descreve detalhadamente o seu amigo Hermilo que o motivou a vir a Recife. Um sujeito que sua palavra tem maior valor que um documento assinado. Assim, Tulio parece entrar no âmago das relações humanas:

Lúcio foi feito para o diálogo, quando muito para uma conversa a três. Em contrapartida, um dos sinais desta época parece ser a conversa tumultuosa e precipitada, onde o importante é dizer e não escutar. Lúcio admira a sabedoria dos epicuristas romanos, que só se reuniam em três, com as Graças, ou de nove, com as Musas. Sente-se atordado. Não entende as piadas que provocam gargalhadas de todos. Continua só. (Carella, 2011, p. 62).

Carella expressa a fina sensibilidade humana, a solidão em terra desconhecida. Carella entrou na literatura não apenas na escrita do seu diário, mas antes porque seu texto se relaciona e se cruza com as diferentes manifestações e tradições literárias, como ele explica sua relação com a literatura na cidade do Recife:

Pelo menos falam de literatura. Lúcio está doente de literatura, sobretudo da luta entre escritores para adquirirem posição. Ao vir ao Recife renunciou a tudo isto por uma existência plácida, simples, cômoda, anônima. Se bastará com os livros, os alunos, e será feliz se puder escrever alguma coisa. Sente-se cômodo com estas pessoas que vivem uma vida tão estranha, tão cheia de energia e de realização de projetos. (Carella, 2011, p. 63).

A literatura faz com que Carella saia do anonimato. O Recife produz energia para escrita, por isso, Carella produz uma cartografia das vivências, realizações e projetos acontecendo no Recife. “De alguma maneira misteriosa, Lúcio intui que aqui está sua casa, que estes são seus amigos. As relações humanas se concretizam em diversos planos” (Carella, 2011, p. 66). De fato, nossa casa é onde nós estamos, família vai além da hereditariedade sanguínea. Aqui ele reconhece uma existência simples, calma e com realizações dos seus projetos. No Recife conhece o teatro Santa Isabel:

O automóvel para diante de um teatro: é o Santa Isabel. Mostram-no com orgulho pueril e comovedor. Para uma cidade de província é um luxo. Lúcio louva-o por simples cortesia. Em Buenos Aires há dezenas de teatros mais bonitos. O Santa Isabel tem uma falsa atmosfera senhorial, uma imitação de luxo. Somente o edifício é equilibrado, com o pórtico neoclássico, o saguão lajeado de branco e preto, e a altura elegante. (Carella, 2011, p. 65).

Carella vislumbra novas possibilidades de sucesso na sua vinda à cidade de Recife, ao mesmo tempo que é uma oportunidade estranha, como Carella (2010, p. 67) explica: “Tudo é surpreendente, estranho. Sua vaidade também sofre”. Sobre seu processo criativo de escrita dos diários, explica Carella no próprio texto:

Sobe ao quarto e põe em ordem suas notas de viagem, suas impressões. Faz muito tempo que escreve um diário, às vezes lacônico, outras prolixo. Nunca procurou as razões por que escreve esse diário. Sabe muito bem que os motivos de qualquer ato nunca são devidos a uma só causa. Há, sem dúvida, um egoísmo inicial, somando-se a isto o desejo de não perder a recordação de tantas coisas que se esquecem com um correr das semanas. Considera-o, além disto, como uma prática do escrever que poderia dar maior fluência ao seu estilo; é um desafoço que limpa sua alma de sujeiras; confessa-se em seus cadernos com uma Creuza que às vezes é obscena e outras, cândida; não ignora o complexo de Ecce Homo que assalta todo ser humano e, em parte, há o desejo de imitar Casanova, embora este desejo seja posterior ao início do diário; é também um modo prático de analisar suas emoções, seus sentimentos. Infelizmente para ele durante muitos anos separou sua vida intelectual de sua vida passional e esta cisão empobrece o diário, limitando-o a uma repetida menção de atos, encontros, visitas. A qualquer momento pode resumi-los. Mas quando? Como

acrescentar, de golpe, mil cartas que não mencionou, seus trabalhos jornalísticos ou literários que não veriam a luz em forma de livro e sua opinião sobre as diversas leituras? (Carella, 2011, p. 66-67).

O diário é um texto que é feito na intimidade, como uma autoconfissão. A confissão é um diálogo sincero consigo mesmo. Sem medo de demonstrar fraqueza, registrados por causa incerta. Mas um diário é escrito para ser lido, também para guardar e eternizar o presente. É um texto que imortaliza o tempo presente. O presente é o tempo em que tudo acontece, é um tempo de ação concreta. Não houve razão que motivou Carella na escrita do seu diário, mas o desejo, desejo que motiva a ação, ação que um dia é recordada pelo diário. A prática de escrever o diário é uma forma de desafogar a alma, é uma manifestação daquilo que é dito só na intimidade, por isso, o diário é um texto intimista por natureza, é um texto que pode haver tudo, em que a humanidade se traduz em palavras. Onde palavras revelam angústias, sofrimentos e misérias humanas. De fato, o diário é manifestação da condição e dignidade humana. Mas, quais foram os reais motivos e inspirações que motivaram a escrever os diários? Ele explica que:

Aos 25 anos começou seu diário em forma de cartas a um correspondente imaginário. Interrompeu esse epistolário, até que decidiu escrever um diário simples e objetivo, uma espécie de memorando que seria útil para recordar fatos e pessoas. O tédio e ócio alegraram às vezes essas páginas. E assim encheu muitos cadernos com tolices ou acontecimentos importantes, embora ninguém jamais possa dizer o que será importante dentro de cem anos. Quando a vida o absorve demasiadamente, abandona o caderno. Depois, lamenta. (Carella, 2011, p. 67).

Em sua trajetória, vemos que Carella justifica que tem uma considerável produção deste gênero literário que chamamos de diário. Muitas vezes o processo de produção deste gênero para Carella aconteceu quando ele queria apenas registrar momentos que fossem eternizá-los através das páginas do diário com o intuito de recordar fatos e pessoas. Mas também muitas vezes a escrita deste gênero é preenchida de detalhes dos acontecimentos do cotidiano. Escrever um

diário bibliográfico e auto confessional para o escritor é entregar-se à eternização do presente, em que não se sabe quais consequências este texto terá no futuro.

Quando os fatos da existência individual absorvem o escrevente é o momento que a produção deste gênero é abandonada, porém quando se abandona a escrita, aquele que escreve lamenta porque perde, literalmente, de eternizar através da escrita o tempo presente. Na escrita do diário se materializam conflitos existenciais incessantes. Por isso Carella (2010, p. 67-68) reconhece que: “E no fundo de sua viagem ao Recife está esse pan-americanismo, conseguido duramente numa luta interminável, que começou por ser nacionalista no sentido cultural. Era necessário que os povos se conhecessem a fundo para, depois, agir em comum.” Ou seja, o sentido do encontro com o novo proporcionado na chegada de Carella na cidade de Recife coloca o indivíduo na ilusão de decifrar-se ou caos e desorganização da luta contra a própria cultura.

Antes de tudo os diários de Carella são textos em que promovem o latino a refletir-se enquanto cidadão latinoamericano, provoca o sujeito a localizar-se no seu tempo e espaço, sendo um texto atemporal retratando o particular Carella atinge o universal antropológico porque “não quer comprar livros sobre o Recife, assim como em Roma não quis senão viver e impregnar-se lentamente da atmosfera da cidade” (Carella, 2011, p. 69). Ao mesmo tempo que não quer conhecer intensamente a cidade do Recife pois “conhecer é amar e ele não está disposto a amá-la. Aqui está de passagem, nunca se preocupou em amar as paredes de um hotel como se fossem as de sua casa” (Carella, 2011, p. 69).

De fato, Recife é diversidade de experiências possíveis e sobre o seu conhecimento regional ele explica: “leu certa vez que a civilização do açúcar é muito doce em alguns aspectos, mas cheia de detalhes cruéis. O clima moral de Pernambuco é particularmente turbulento, o meio destaca-se pela sensualidade brutal e o ambiente está viciado em constante sadomasoquismo” (Carella, 2011, p. 82). Ele demonstra um profundo conhecimento da cultura local, a cultura do açúcar que é doce e ao mesmo tempo registra vários séculos de escravidão e morte de trabalhadores pretos e indígenas para atender às necessidades e a acumulação de riqueza dos europeus sejam portugueses ou holandeses em solo pernambucano.

Ao mesmo tempo que há uma turbulência e efervescência dos movimentos insurgentes à hegemonia dominante pernambucana, Carella registra que há uma sensualidade, ou seja, um relaxamento de pautas morais. Isso não significa que a cultura canavieira não trouxe sofrimento ao povo pernambucano, isso não significa que o encontro entre as culturas tenha sido pacífico e harmônico, mas demonstra a vitalidade e a resistência das pessoas que aqui viviam demonstrada inclusive pela sensualidade dos corpos.

Os Diários de Carella podem ser caracterizados como autênticos manuscritos antropológicos em que se sobressai temas como miscigenação e unidade racial, em sua análise a respeito da identidade e colorismo identificado aqui no Brasil, Carella desenvolve um argumento compreensivo da diversidade étnica que constitui a identidade do brasileiro:

Aqui, a palavra negro nunca é empregada, é ofensiva. Diz-se preto. Trocam uma cor por um adjetivo de ressonâncias detestáveis. Pelo menos em espanhol preto é um vocábulo que se aplica à cor escura que quase não se distingue do negro, significando também aflito, miserável, escasso e invejoso. No Rio de la Plata foram chamados de morenos. A palavra negro adquiriu, com o tempo, uma carga erótica que eles nem sequer imaginam. Se a repito constantemente é porque a sinto como uma nota musical, um som arrolhador, algo envolvente. -Estou mudando: meu ser se perde ou se altera, pareço outro. Começo a sentir-me prisioneiro numa série de atrativos nunca antes imaginados. Talvez existam poucos indivíduos de pura raça, todos são quase sempre o resultado de um cruzamento. Começo a ver coisas para as quais, antes, estava cego. Esses louros de cabelo crespo são chamados cabras. Além disto, há negros de diferentes tonalidades: cinzento, azul, avermelhado, dourado. Há mulatos escuros e mulatos claros, há negos com feições européias e cabras com feições africanas. Existe uma unidade racial básica neles e é espantoso compreender tal coisa. (Carella, 2011, p. 101-102).

Nesse fragmento que considero importante no estudo étnico desenvolvido por Carella, vemos que ele começa pela reflexão do uso da palavra negro aqui no Recife, sendo na época um termo considerado ofensivo, havendo preferência pelo termo preto. Isso é importante porque nem sempre foi assim, o autor demonstra que há uma disputa, uma concorrência em que o termo negro passa a ser gradualmente utilizado, o que nem sempre foi consenso ao percorrer da história.

Da mesma forma, Carella desenvolve uma perspectiva compreensiva e comparativa com o uso do termo na Argentina. Destacamos que, segundo Machado (2018, p. 270) é no Recife que Carella analisa a condição do na sociedade brasileira e na América Latina, uma vez que na Argentina já houve um verdadeiro epistemicídio de pessoas negras.

Para Carella, o negro é o ponto de partida da construção do novo pan-latino-americanismo, sendo um movimento cultural e político indigenista que ele vinha construindo e expressado nos Diários. Com isso, Carella se juntava ao grupo de intelectuais orgânicos que propunham a revalorização das raízes culturais afro-indígenas da América Latina. O que o autor destaca é que o termo negro recebe uma carga erótica em que o significado foi se alterando e agregando valores. O debate sobre raça pura vai se misturando em torno da discussão do colorismo, o fato é que diante da diversidade de características existe uma unidade racial que chamamos de identidade. Esse debate é importante porque faz com que o autor esteja confortável ao narrar suas vivências recifenses. Mais à frente, explica Carella a respeito da erotização do debate étnico:

Penso que pelas veias dos negros não corre sangue, mas luz do sol, a substância vital dos trópicos alegres, cantantes e trágicos. Gozam com o sexo, a vida, a morte e a dor. Mas neles tudo se transforma em prazer e, enquanto podem, vivem até a última gota de sangue. Praticam, talvez sem sabê-lo, a máxima epicurista que os romanos gravavam em copinhos de prata adornados com esqueletos: Goza enquanto viveres, pois o amanhã é incerto. (Carella, 2011, p. 105).

Há uma alegria contagiante, uma felicidade mesmo diante da tragédia de modo que Carella define como um epicurismo. Ainda explica que: "Talvez a geografia tenha segredos ainda não descobertos e faz com que as pessoas duma região pensem da mesma maneira, embora coisas opostas ou diferentes" (Carella, 2011, p. 107). Na minha compreensão, os diários adquirem um formato de poesia, uma sonoridade poética, como uma possibilidade de ver e dizer o mundo de forma poética (Carella, 2011, p. 109): "Estes rostos bárbaros, tão parecidos uns aos outros, até que um raio de luz os diferencia. Caminham com passo leve, como se fossem

felinos. Vão todos sorridentes sob uma falsa seriedade. O caminhar neles é como uma dança. A seriedade , uma máscara de timidez.” O texto se caracteriza na realidade como uma profunda reflexão sobre o encontro com o outro com o diferente de fato, a existência é um movimento que mudanças, muitas vezes geográficas de fato, outras vezes do próprio *eu* que está em constante mudanças. Nas mudanças da vida encontramos o outro, mas inegavelmente nos encontramos a nós mesmos. Quando pensamos nas idas e vindas diante dos diversos mundos possíveis que a existência singular do sujeito cria somos levados a refletir sobre os movimentos do próprio eu, movimento em reconhecimento da unicidade de Carella em sua passagem por Recife:

E muitas vezes pensei que os passos dum homem, suas idas e vindas, suas viagens longas ou curtas, desenhavam um esquema que coincide com o do seu destino. Se se pudesse obter um diagrama desses movimentos talvez fosse possível adivinhar o resto, quer dizer, conhecer o futuro. Que sentido tem este ir e vir? Que sentido tem o perpétuo girar do sol e dos astros? Reconheço que, sem a Fé, é impossível aceitar o insensato universo. (Carella, 2011, p. 111).

O fato é que somos mutáveis, mas essa mutabilidade do sujeito coincide com aquilo que ele escolhe para o seu futuro. Dá diversos e diferentes movimentos do sujeito, mas o seu sentido muitas vezes num primeiro momento é inexplicável. Talvez a vida seja como um labirinto que, um enigma, que simbolicamente está cheio de significados sem linearidades. Sobre a perspectiva de ser emigrante explica Carella:

Ao longo de minha existência pude comprovar que o emigrante que não se assimila, inquieta-se e torna-se pernicioso para o país que se instala. Vive recorrendo as grandezas que quando lá estava não lhe interessava conhecer, ou não pôde. É assim que só conhece sua aldeia e a cidade portuária onde tomou o navio. Sofre de uma perpétua nostalgia e não compreende que é injusta: se voltasse à sua terra não teria ninguém, pois perdeu as amizades e os parentes se dispersaram. Está parado entre o céu e a terra e não goza nem de uma nem de outra (Carella, 2011, p. 114).

Quando aquele que migra não assimila ou rejeita o país que se instalou e recorre aos símbolos do seu país de origem, porém não seria mais a mesma pessoa e nem consegue ver a terra que chegou como um porto seguro. É um desconforto a sensação do estrangeiro na pátria estrangeiro e também na própria pátria. Mas o será que cria ao indivíduo a sensação de estrangeiro? Para responder essa questão, buscamos compreender a autorreferência nos diários de Carella. Quando em conversa com King Kong, personagem que se relaciona com Carella na obra, Carella se percebe não ser o centro da atenção (Carella, 2011, p. 120):

Lúcio suporta sem incômodo essa distração; mostrar-se indiferente faz parte do seu plano; com seu silêncio e sua inatividade, com histórias e alusões à cópula obriga o outro a manifestar suas pretensões eróticas. Nisto há uma prudência elementar e também delicadeza: não quer que ninguém proceda contra a vontade. Além disto, sai ganhando na estima do companheiro; dá-lhe a sensação de ser audaz, viril e dominador, qualidades que todo homem, mesmo instintivamente, deseja possuir. Uma pequena dificuldade posta entre o desejo e o objeto valoriza a posse. (Carella, 2011, p. 120).

Carella, neste fragmento, explica que não se incomoda com a distração de King Kong, inclusive, a indiferença faz parte do plano de sedução de Carella. Observe que Lúcio se distancia da circunstância através de um recurso narrativo, é uma espécie de plano real que se desenha no campo literário, a sedução. Os diários de Carella cruzam o biográfico com ficcional, mas nos alerta enquanto leitores que o biográfico também é uma criação ficcional que se desenha nas manifestações eróticas. Detalhe que em outro momento diz que (2010, p. 121):

Lúcio vê seu próprio corpo e o de King-Kong no espelho da penteadeira.” Ora, esse recurso linguístico utilizado pelo autor para expressar uma espécie de distanciamento do que se sucederá, mas seria somente isso? Continua expondo o que se sucede: “Lúcio, que se havia distraído um instante contemplando os corpos no espelho, rebela-se: nunca poderá aguentar esse caralho. Tenta separar-se, mas as mãos de King-Kong o impedem, enquanto continua empurrando em vão para forçar a entrada muito estreita. Lúcio se torce de dor e consegue afastar-se, mas é novamente atraído pela força incontestável desses músculos de aço. Uma nova tentativa fracassa e Lúcio sofre e se nega , mas já não pode controlar o

macho excitado que o segura com uma mão e com a outra passa cuspe no pênis. Enfia-o novamente; seus dedos transformaram-se em tenazes de ferro. Lúcio sente uma espécie de pavor e atração ao mesmo tempo. (Carella, 2011, p. 121).

Vemos uma cena de intimidade, parece que Túlio está indeciso em ceder aos seus desejos, o que King-Kong incentiva a liberdade dos desejos de Túlio, ele é “atraído”. Observe que no fragmento do texto acima várias ações são atribuídas a Túlio, que aparece sempre distante em terceira pessoa, talvez, isso tudo possa resumido pela expressão de pavor e atração. Por isso, expõe que para King-Kong (2010, p. 121): “É preciso que entre nesse corpo pálido, alheio à sua terra, para comunicar-se com os deuses brancos que o habitam, mesmo que tenha de rasgá-lo e fazê-lo sangrar.” Após o ato sexual entre Túlio e King-Kong só resta a gratidão ou a culpa pela satisfação. Mas Túlio quer refletir o que aconteceu, diz que (2010, p.124): “sente uma cordial gratidão para com King-Kong e, ao mesmo tempo, uma espécie de rancor por havê-lo obrigado a reconhecer-se inferior. Submeteu-o. E daí, que importância tem?” O que vemos é uma profunda reflexão sobre a homossexualidade na maturidade. Além da intimidade sexual, explica Túlio (2010, p. 124): “Se no casal normal o homem procura ter a voz da autoridade, no casal “anormal” aquele que faz o macho é duas vezes macho e, por consequência, seu sentido de autoridade cresce proporcionalmente.” Poderia Túlio estar se vendo como inferior por consequência do ato sexual?

Contudo, ainda em terceira pessoa, explica Túlio sobre a impressão que criou de si (2010, p. 124): “Lúcio é propenso a ter ilusões e alegra-se por esta relação, que pode ser tão importante para ele, podendo haver transposto o obstáculo mais difícil: um amigo.” De fato, Lúcio entendia King-Kong como um amigo, uma espécie de amizade que vai se solidificando. Além disso, sabemos que Túlio já entendia a lógica da cidade, lançava-se ao desconhecido, principalmente nas tramas dos afetos que estavam sendo construídos na cidade do Recife. Diz Carella (2011, p. 139): “Diante de mim há uma cidade disposta a oferecer-me prazer, todos atraídos pela novidade. Este é um mundo provinciano, lento e aparentemente simples, estranhamente misturado com um mundo cosmopolita.”

Certo é que Túlio estava alegre. Sobre a sensação de perceber-se na situação de estrangeiro: "A queda é uma espécie de dor e alegria, de querer e não querer, remorso e deleite, de fracasso e triunfo. Um escrúpulo atormenta: não veio para semelhante coisa. Um orgulho o acalma: um contato íntimo com um homem desta terra" (Carella, 2011, p. 127). Aqui, em Recife foi preciso que Carella desvelasse a si mesmo para descobrir a paz. Talvez houvesse uma sensação de culpa, ora a experiência com o que é desconhecido desemboca numa culpa, mas com Carella foi uma culpa sem hipocrisias do arrependimento. Talvez Tulio inicia no seu diário uma antropologia das sensações homoeróticas.

4.4. Além do gênero textual Diário

O Diário de Carella cumpre uma função histórico-literária tendo em vista que adquire significado à sua estrutura, de modo que é uma investigação histórica sempre aberta e reconstruída toda vez que acessado.

É fato que neste momento, os Diários de Carella extrapolaram os limites do gênero textual Diário íntimo onde pudemos observar não apenas mudanças deste em outros suportes, vemos esta obra agora em outras linguagens como cinema e música. No cinema temos o filme *Tatuagem* em que os Diários de Carella se materializam na linguagem fílmica. O filme é dirigido por Hilton Lacerda e retrata os dilemas reais do grupo teatral de intensas atividades na segunda metade da década de 70.

A trupe anárquica Vivencial, marcada pela influência contracultura e pelo tropicalismo, foi essa companhia de teatro que teve sua experiência retratada no filme. O grupo funcionava como uma cooperativa informal que empregava um processo de criação coletivo. O líder do grupo teatral “Chão de Estrelas” é Tulio Carella, que assim como na obra literária é representado por pseudônimo. O cineasta do filme *Tatuagem*, Hilton Lacerda, explica de onde surgiu a ideia do filme:

Tatuagem surgiu assim: primeiro, no princípio da construção do argumento, eu tinha tido a ideia de fazer uma adaptação de um livro chamado *Orgias*, de Tulio Carella. Um escritor e professor argentino que morou no Recife durante um tempo, em 1962, e terminou fazendo uma obra, um diário, que Hermilo Borba Filho traduziu e publicou. Eu gostava muito do livro pela leitura que ele fazia do Recife. Você percebe claramente que a leitura que ele fazia da cidade em 1962 é muito parecida com o Recife que a gente conhece hoje (Lacerda, 2021, p. 34).

Na verdade, o filme *tatuagem* apresenta um romance entre Clécio, que é o líder do grupo teatral Chão de Estrelas, e Fininho, que é um jovem e soldado do exército brasileiro. A história do filme se passa em Olinda, no ano de 1978, no momento em que no Brasil se vivia a última fase da ditadura militar iniciada em 1964. Havia uma marca do autoritarismo e intolerância nesse período e que é

retratado no filme. O grupo teatral é uma reação ao conservadorismo que pairava. Sobre o processo criativo de invenção do filme *tatuagem*, explica Santos [et al], (2021, p. 20):

No caso de *Tatuagem*, Hilton Lacerda lembra que o argumento foi surgindo aos poucos. Inicialmente, pela dificuldade de fazer um filme - como ele queria - baseado no romance *Orgia*, de Tulio Carella, que traz as memórias do autor argentino durante o período que viveu no Recife, nos anos 1960. Os escritos de Carella dão conta de uma observação da vida no Recife e de suas experiências tanto no círculo intelectual quanto nas fronteiras marginais da cidade. Mesmo tendo desistido de adaptar o livro, a influência de Carella em *Tatuagem* manteve-se - e assim o filme representa o Recife cruzando três épocas diferentes: 1962, 1978 e 2013. (Santos [et al], 2021, p. 20).

A inspiração para criação do filme tem sua origem na obra de Carella e, mesmo que o cineasta tenha mudado e adaptado o filme, ou seja, tenha desistido de adaptar literalmente a obra de Carella, podemos observar que a essência e a vivência de Carella permanecem na adaptação fílmica. Acontece que o cineasta Hilton Lacerda não se satisfaz com a ideia de adaptação de obra literária, ele argumenta que "Na verdade é muito difícil fazer adaptações porque, paradoxalmente, você tem um argumento pronto e pode fazer o que quiser. Obviamente, uma adaptação não é necessariamente transformar a obra em filme, você pode fazer o que quiser com ela, você pode reinventar tudo" (Santos [et al], 2021, p. 34). A ideia era criar uma utopia que em 1978 era o futuro, sendo assim, o presente no filme é um passado que bate à nossa porta a nos assombrar.

Sendo assim, tanto o filme *Tatuagem* como a obra de Carella expressam e representam os percursos de suas personagens em torno de suas buscas e movimentações afetivas. A imagem de Carella se materializa no filme através de Clécio e espalha-se pela cidade do Recife e assim como na obra de Carella assume discursos sobre o amor que nem sempre são escutados e sentidos que outros lugares que não sejam esses lugares de liberdade do sujeito, no caso esses lugares seriam a literatura e o cinema. Por isso, concordamos com o seguinte:

Tatuagem herdou de Orgia o tom de alta sensualidade que se espalha pelas ruas, pelas praias, pelos apartamentos. Além disso, já estava em Carella a ideia de superação das diferenças de classe diante do hedonismo extremo da disponibilidade sensual. E embora a vida do Recife dos anos 1960 tenha sido muito diferente do que ocorria na década de 1970, há também semelhanças entre as aventuras de Carella registradas em Orgia e a criação libertária do Vivencial. (Santos [et al], 2021, p. 62).

Assim como no cinema, a música de Johnny Hooker, com seu álbum Orgia, produzido e divulgado em 2022, também é uma linguagem que, tendo como inspiração os Diários de Carella, conseguem exprimir a ideia de sensualidade que se passa no cenário das experiências orgiásticas de Carella em Recife.

O álbum contém 13 músicas, sendo que nesse repertório o que se destaca é o teor confessional das músicas que coloca no âmbito público algo da esfera privada. Por isso, o álbum é ambientado em clima noturno e enfatiza a busca na rua pelo gozo efêmero. Observamos que a ‘Cidade do desejo’ que aparece ainda na primeira música, é uma referência a Recife como um porto inseguro do desejo. Também em algumas faixas há uma ambientação com o flamengo fazendo referência a região de que Carella surge.

Na música 1, *A cidade do desejo*, há um trecho do texto colado Hooker na música. Hooker desenvolve perspectiva do ‘eu’ desejante e desejado de Carella. Ao mesmo tempo que reproduz o período que o Diário de Carella surge, vemos que o músico coloca o desejo de viver em primeiro lugar. Há uma ênfase na liberdade dos desejos.

Na música 2, *Amante de aluguel*, coloca o corpo como armadilha do desejo, o corpo como objeto que se usa e depois bota fora. Na música 3, destaca corpo colado com corpo, onde há satisfação do desejo através do corpo nu. O título dessa música é uma figura de linguagem, onomatopeia, e representa o som de uma mordida, Nhac. Aliás, sucessivas mordidas é um processo de mastigação o que Nhac pode criar a ideia de ato antropofágico. De fato, a onomatopeia Nhac é um recurso linguístico pelo qual a ação no enredo da música é construída.

Na música 4, *Nos braços de um estranho*, registram homens que possuídos pela vontade de viver, encontram-se na busca pela satisfação dos desejos, fica a vontade de sair às ruas para buscar o prazer do encontro com o estranho. Sair nas ruas para procurar e encontrar braços estranhos. Na música 5, *Só pra ser teu homem*, coloca Recife como cidade de desejo e de dor, saem os escândalos esquecidos aqui. Há uma profunda atração pelas ruas e pessoas de Recife. Na música 6, *Cuba*, desenvolve o desejo de largar tudo e viver com uma pessoa. Talvez, seja uma alusão ao personagem King Kong. Mostra o desejo de deixar tudo, não foi isso que Carella fez? Cuba aqui na música é Recife. Ardente, nua, envolvente.

Na música 7, *Maré*, gozar o amanhã é incerto, por isso, é importante gozar da nudez, a nudez é um paraíso. A maré coloca homens que buscam a satisfação a satisfação pelo sexo e a celebração do gozo da vida. Vemos que perpassa na música a ideia de movimento como ocorre nas marés. Tudo está em agitação, a alteridade é colocada comparada ao movimento da maré, que com intensos movimentos envolve a todos. A maré é a identidade cultural do Recife, conhecida como Veneza brasileira. Em Recife, Carella se encontra com pessoas que têm uma maré por dentro.

Na música 8, *Larga esse boy*, retrata o envolvimento entre duas pessoas que se amam e que dão o seu jeito de se amar. Na música 9, *NSRA da Encruzilhada*, mostra a cidade, mostra um cenário de um porto diante da fúria dos rios, em que pessoas se amam. Mostra o desejo de ficar, de permanecer em Recife, mas que a Carella só fica o desejo. Quem poderá salvar a Carella? Na música 10, *Abrigo*, flagra o amante noturno vulnerário, ou seja, a música é uma espécie de lamento solitário. Mostra a inquietação e as batalhas que Carella deixou aqui. Restou a solidão. O que ele deixou aqui não pode quantificar, amor é para não se resistir, amar é ser abrigo.

Na música 11, *Eu te desafio a me amar*, é uma faixa introspectiva. Trata do recomeço de um novo amor pela cidade, e, ao mesmo tempo do retorno, do ato de permanecer e amar aqueles que amamos. A cidade que arrasta de novo para o recomeço. O desafio não seria sair e buscar novos amores, mas ficar, encarar as cicatrizes e permanecer. Na música 12, *Estandarte*, trata da importância de levar o estandarte da alegria e cantar. Trata da ressignificação da dor e começar de novo,

apesar da dor. O estandarte da alegria não é eterno e nem a vida um imenso carnaval. Mas, há um amanhã que há de surgir, o que faz que possamos ressignificar a dor e começar de novo. Na música 13, *Vuelve*, trata da volta aos amores, àqueles que se amam e se necessitam.

Embora a música e o cinema apresentem muitos aspectos concretos, é na obra literária que se realiza uma concreção da realidade transfigurada no texto. Na ficção narrativa o narrador real desaparece. O narrador e o mundo narrado passam a fazer parte do mesmo plano. Por sua vez, quando analisamos o diário como uma ficção, Candido explica que estes seres da ficção são projetados e autônomos: “a ficção é único lugar — em termos epistemológicos — em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais a seres autônomos; de seres totalmente projetados por orações” (Rosenfeld, 2009, p. 26).

Nesse sentido, o personagem Lúcio é um ser projetado para aquele contexto de significação de modo que ele que nos faz compreender o Recife da década de 1960. Contudo, o leitor ao mesmo tempo que contempla também convive com as possibilidades da vida de Carella permitidas na obra. Assim, essas vivências extrapolam o gênero textual diário, sendo expressas, agora, em outras possibilidades de expressão humana.

Também explica Rosenfeld (2009, p. 15) que com o surgir do ser humano que se declara o caráter ficcional, ou não, do texto. Sabemos que o gênero textual Diário constrói uma situação concreta onde todos os detalhes revelam uma elaboração imaginária. E, por causa disso, essa situação concreta se refaz em outras linguagens. A obra literária possibilita situações concretas em que o leitor possa participar e viver também a obra. É geralmente com o surgir de um ser humano, que ao ter contato com a obra literária, que se declara o caráter fictício (ou não-fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma situação concreta em que o acréscimo de qualquer detalhe pelo narrador pode revelar a elaboração imaginária. Assim, o leitor é levado a participar e viver a experiência dele. Podendo essa experiência estimular projeções e significações em outras possibilidades de expressão além daquelas restritas do gênero Diário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas os diários não podem ser resumidos a um conjunto de manuscritos inseridos no cânone da literatura. Machado (2020, p. 48) diz que “os diários e autocomentários de *Orgia* não guardavam semelhança com qualquer experiência conhecida em formatos autobiográficos”. A essência, se há em literatura, nos diários de Carella se caracterizam no desejo, especificamente, o desejo do encontro entre diferentes: ‘Em São Pedro dos Clérigos constato a beleza das proporções. Passo por uma sacristia solitária, onde assalta-me o desejo de levar uma imagem” (Carella, 2011, p. 129).

De fato, estar como estrangeiro desperta o sentimento de algo inusitado e até de liberdade, como Carella (2010, p. 139) diz: “Sinto-me livre dos preconceitos que me ligavam ao meu país. Ninguém me observa, ninguém me conhece, ninguém espia. Diante de mim há uma cidade disposta a oferecer-me prazer, todos atraídos pela novidade.” O encontro com a diferença coloca Carella diante do espanto do desvelamento da verdade que se manifesta.

A novidade do diferente causa impacto na forma de sentir, vê, julgar e agir no mundo. Aqui, para Carella houve uma mistura entre a micropolítica e o mundo cosmopolita. Não é de se espantar que mais a frente nos seus diários ele conclua que: “Cidade pequena, inferno grande. Pois bem: este é o inferno, onde todos se veem a cada instante, conhecem-se a fundo e não podem libertar-se” (Carella, 2011, p. 145). De fato, os textos de Carella ultrapassam os limites da percepção do sujeito, mas se caracteriza como um texto que coloca o leitor na posição de cúmplice. Ser cúmplice significa acompanhar, perseguir.

O leitor dos diários não se interessa apenas pelos locais indicados, tampouco somente pelas experiências com pessoas, antes o texto se caracteriza como um texto filosófico, um texto de filosofia ética tendo em vista que introduz o leitor em reflexões éticas que ultrapassam os limites da simples aparência da realidade aparente. Assim, como Platão Carella provoca o seu leitor a sair das aparências das cavernas. Ora, por meio da obra literária de Carella, talvez, seja possível pensar numa moral do estrangeiro.

De certo modo, Carella busca fazer uma reflexão dos hábitos morais das atividades rotineiras aqui desempenhadas. Quando se trata de sexualidade a moralidade tende a condená-la, como se a sexualidade fosse algo a ser repreendido ou algo a ser expurgado da existência humana.. É como se a vida humana fosse composta e organizada a partir de tensões contrárias. Neste fragmento acima exposto vemos uma crítica à política que no Brasil, em Recife vigorava, uma espécie de política de aparência, ou talvez, um desequilíbrio que de certo modo torna esse texto subversivo. Acredito que esses diários não causam tanto incômodo se tratassem apenas das questões sexuais e experiências de Carella, os diários antes de tudo são textos políticos que demonstram desconformidade e desalinhamento com a política autoritarismo e a crescente militarização no estado.

As críticas que Carella despeja em seu diário são críticas porque ele vivenciou, observou. Talvez Carella estivesse tentando justificar a carga erótica despejada nos seus diários, contudo, o que vemos é alguém que de fato conheceu e percebeu o espírito do seu tempo, ou seja, quando ele expressa a realidade de Recife no início da década de sessenta é porque ele faz parte e integra-se a sociedade tornando uma realidade só, os diários devem ser compreendidos dentro das circunstâncias em que foram escritos. Por isso, Carella (2010, p. 165) se questiona: “- Quem sabe por que escrevo este diário? Por amor ao pecado, talvez. Para quem lê-lo? Ou tento justificar-me a mim mesmo com uma exagerada grandeza no erótico? Que procuro? Que persigo?”

Os motivos pelos quais motivaram Carella a criar e alimentar os diários com as experiências pessoais na cidade do Recife talvez tenha sido o desejo de parar o tempo, de eternizar o presente através da escrita, tendo em vista que a memória se perde no tempo. Quem leria este diário? Afinal, o registro textual é para ser lido, talvez num futuro e acompanhar as mudanças no tempo do sujeito que escreve. Talvez o diário tenha sido uma obra completamente ficcional, com intuito de ser uma obra de arte. Carella (2011, p. 249) que o Diário não é uma obra de arte, mas é um espetáculo fascinante em que se pode acompanhar o dia a dia, momento a momento, as mínimas ações de um indivíduo. Ou seja, O Diário é um texto vital!

Concluimos que um diário é uma obra ficcional e, por isso, é constituído e construído com um verdadeiro espetáculo, cada fragmento dos diários de Carella

são milimetricamente elaborados tendo em vista a apreciação do leitor, sendo, assim, uma obra literária extremamente vitalista, ninguém é livre de si mesmo e por mais que o Carella tente se distanciar de alguns momentos vividos, o distanciamento dos acontecimentos através de recursos linguísticos e literários demonstram, ao menos para o próprio autor dos diários, que ninguém é livre de si mesmo. O fato é que Carella esteve em Recife e sua experiência ele transpassa ao plano literário, as sensações vividas jamais serão esquecidas.

Os diários de Carella de fato são textos de sensações, neles o autor reflete a si mesmo, poderia a cidade ter modificado e modelado o comportamento do sujeito ou o sujeito que adequa aos costumes locais do Recife, o fato no diário as experiências únicas e singulares se eternizam pela subjetividade do autor, quem há verdade no diário íntimo de Carella.

Poderia *Os Diários de Tulio Carella* ser um texto mentiroso aos leitores? Ou seria o autor que mente a si mesmo tentando o convencer o contrário aos seus leitores? Os fatos estão postos nos diários, muitas vezes, Carella evita trazer uma consciência do dever nas suas experiências, mas se mente, mente para convencer que o desejo e o prazer merecem ser vividos, nos mais difíceis desertos existem oásis de águas caudalosas, poderia ser o Recife este oásis no deserto existencial de Carella.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, Émile. Últimas aulas no Collège de France. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- COELHO, Fernando Vasconcellos. Direita, volver: o golpe de 1964 em Pernambuco. Recife: Bagaço, 2004.
- D'OTTAVI, G. & HÉROUT, R. Benveniste nas entrelinhas. Contribuição para o estudo do imaginário linguístico dos linguistas. Tradução de Alena Ciulla. ReVEL, vol. 18, n. 34, 2020. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/740411aabb82ae1cf346f179b07fbc46.pdf>. Acesso em: 07 de fev de 2024.
- DUFOUR, Dany-Robert. Os mistérios da trindade. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FLORES, Valdir. Problemas gerais de linguística. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- FLORES, Valdir; SILVA, Silvana; LICHTENBERG, Sônia; WEIGERT, Thaís. Enunciação e gramática. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, Valdir; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. Dicionário de linguística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2020.
- ILARI, Rodolfo; FRANCHI, Carlos; NEVES, Maria Helena de Moura; POSSENTI, Sirio. Os pronomes pessoais do Português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira; BASÍLIO, Margarida. Gramática do Português Falado - Volume IV: Estudos Descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- KOLTAI, Caterina. Política e Psicanálise. O estrangeiro. São Paulo: Escuta, 2000.
- KRISTEVA, Julia. Introdução à semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- Lejeune, P. Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa. *Letras De Hoje*, 48(4), 2013, p. 537–544.

MACHADO, Álvaro. Cinquenta anos de banimento para a performance de gênero do dramaturgo Tulio Carella nas ruas do Recife. In: LOPES, Cássia; SANCHES, João (Orgs.). *O Drama e suas interfaces*. Salvador: EDUFBA, 2020.

MACHADO, Álvaro. *El amigo porteño*. Tradução Guillermo David. Buenos Aires: Ediciones Urania, 2021.

MACHADO, Álvaro. Introdução. A trajetória de uma confissão In: Carella, Tulio. *Orgia*. São Paulo: Opera Prima, 2011.

MACHADO, Álvaro. Quando dramaturgos se encontram: Federico García lorca, Tulio Carella e Hermilo Borba Filho, entre Buenos Aires e o Recife. *Repertório*, Salvador, ano 21, n. 31. 2018. p. 260-279.

MENDONÇA, Moacir Japearson Albuquerque; SILVA, Susana Souto. Artigo e memória em roteiro recifense e orgia, de Tulio Carella. In: RAMALHO, Christina Bielinsk (Org.). *Leituras semióticas: da poesia às memórias autobiográficas*. Aracaju: Criação Editora, 2020.

MERTEHIKIAN, Lucas. Imágenes del yo y escritura en Tulio Carella. **Revista Landa**, v. 2, n. 2, p. 3-26, 2014.

OTSUKA, E. T. Literatura e sociedade hoje. *Literatura e Sociedade*, [S. l.], v. 14, n. 12, p. 104-115, 2009. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i12p104-115. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25293>. Acesso em: 7 fev. 2024.

PIMENTEL, Carmen. A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN**. 2011. p. 728-741.

ROMERO, Márcia; GOLDNADEL, Marcos; RIBEIRO, Pablo Nunes; FLORES, Valdir. *Manual de linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

SANTOS, L. A. B. (2007). Espaços literários e suas expansões. *Aletria: Revista De Estudos De Literatura*, 15(1), 206–220. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.15.1.206-220>.

SANTOS, Marcos; CUNHA, Paulo; CRUZ, Georgia. *A invenção de tatuagem: o processo criativo do cineasta Hilton Lacerda. Roteiro completo de Hilton Lacerda*. Prefácio de Jomard Muniz de Britto. Recife: CEPE Editora, 2021.

SPYER DULCI, Tereza Maria. & ROCHA MALHEIROS, Mariana. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. *Revista Espirales*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 174–193, 2021. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2686>. Acesso em: 7 fev. 2024.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VIER, Sabrina. Quando a escrita encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária. São Leopoldo, RS, 2016. (Tese de doutorado).

VIER, Sabrina. Émile Benveniste e a Literatura. ReVEL, edição especial n. 11, 2016a.